O LIVRO QUE LI

Livro Virtual

Nilson Ferreira de Mello

2ª Edição
2006.

O Livro
que lí.
Nilson Mello

PREFÁCIO

Prefaciar, nunca prefaciei, como diria o velho amigo Ronildo Maia Leite, mas isso não seria problema, porque Nilson Melo também nunca havia escrito um livro, e escreveu. Em termos de livro, ambos somos castos. Tínhamos, portanto, que iniciar, um dia, porque só rompendo obstáculos é que poderíamos ver cumpridas as três tarefas fundamentais para um homem se considerar grande nesta vida: ter um filho, plantar uma árvore, escrever um livro. Para que o filho venha, é óbvio, lá se foi o primeiro rasgo. Deus faz o resto. Para que a árvore nasça, rompe-se a terra fértil e coloca-se a semente. Também neste caso, Deus cuida de transformá-la numa árvore, e o homem, até aí, fez muito pouco.

Na hora do “parto do livro”, no entanto, Deus colabora com a inteligência maior, privilégio humano. O homem é quem faz o resto. Rompe as barreiras, os medos, os possíveis julgamentos (pré e pós), e vai em frente, como Nilson foi conseguindo transformar letrinhas em palavras e idéias. Nesse ponto, ele é mais homem que eu. Porque teve a virtude de conseguir misturar seu talento com uma imensa coragem de fazer, ambos em grande dosagem na sua personalidade de origem e “modus vivendi” bastante simples. Nilson é o mesmo camarada, desde que o conheci. Não está, certamente, buscando a glória vã, com este livro, porque isto se chocaria com a sua humildade transbordante e não combinaria, por exemplo, com sua casa - a mesma, em mais de 30 anos -

ou com seu Fiat Premium verde, reconhecido à distância. Seu livro nasceu como uma explosão, simplesmente porque havia chegado a hora de escrever e passar adiante as experiências que presenciou nesta sua fase espiritual. A partir de um livro-base (“Evolução para o Terceiro Milênio - Tratado psíquico para o homem moderno”, de Carlos Toledo Rizzini), Nilson acrescentou suas próprias convicções, idéias e vivências. Poderia, só com o que vivenciou, escrever um livro todo seu, sem se prender ao encaminhamento e à exposição de idéias do outro autor. Mas, aí, entrou em cena - novamente - sua humildade, dando crédito total à obra em que se baseou. Tal humildade torna seu trabalho mais autêntico, sem nenhuma falsidade ou veleidade. Aos 62 anos, pai de dois

casais de filhos, ex-auditor da Sanbra, não teria formação espiritual e profissional para mentir. Os filhos eu já tinha. Plantar árvores, já o fizera várias vezes, antes e depois de ser plantador de graviola na cidade de Barra de Guabiraba, PE. Experiências e vivências, de sobra: trabalhou na S.A. White Martins, Shell Brazil Limited, The Sidney Ross Co. Foi contato, gerente e diretor da Rádio Olinda de Pernambuco, diretor do Sistema Globo de Rádio (Recife) e da JH FM, em Maceió. Até tintas vendeu: no Império das Tintas e na sua própria loja, na rua Imperial, o que talvez tenha lhe proporcionado novas "cores" em sua vida, vez que já tinha experimentado momentos negros. Pretendia seguir a carreira de medicina, mas uma fatalidade acontecida com seu pai o obrigou a

trabalhar, em vez de cursar a Faculdade (na época, só de manhã). E o sonho pintado de verde foi para o espaço. Posteriormente, pertenceu à primeira turma de Comunicação Social da UFPE. Teria vindo daí sua primeira chama, seu primeiro ímpeto de se comunicar? Quem sabe... Nascido na Várzea, tranqüilo bairro do Recife, deve ter pegado muito bonde para vir estudar no Salesiano, onde concluiu o científico. Era uma viagem longa, onde Nilson deve ter aproveitado para ler e meditar bastante sobre a vida - a sua, a dos outros, a transcendental. E essa meditação fez com que ele procurasse outros caminhos e respostas. Católico de formação, Nilson foi levado para o Espiritismo em 1963, pelo saudoso médium João Rodrigues (Joãozinho da Centelha de Jesus). Naquela

época, conheceu Elias Alverne Sobreira e, junto com outros companheiros, participou da construção da "Casa dos Humildes", em Casa Forte, Recife, vindo a fazer parte de sua primeira Diretoria. Posteriormente, participou também da construção do "Núcleo Espírita Mensageiro do Bem", no Jordão, Jaboatão, Pernambuco. Piloto Privado, brevetado pelo Aeroclube de Pernambuco, conseguiu sair do chão comum onde as pessoas vivem e passou a ver as coisas bem mais além. Do refúgio-meditação do bonde às asas libertadoras de seus vôos, da tranqüilidade da Várzea aos "agitos" das campanhas de publicidade, da fatalidade com seu pai à alegria de também ser pai, da comunicação pioneira à construção de centros espíritas, Nilson captou e sentiu a mensagem: era preciso

fazer e dizer algo mais. E, aí, chegamos ao “O Livro que Li”. Tive o prazer de ler a obra três vezes, antes de ir pro prelo. E confirmo: nela, Nilson mergulhou fundo na análise do que o outro já dissera, extraiu de si os acréscimos indispensáveis e criou um relato que não se pode deixar de ler e meditar, tal a profundidade dos novos conceitos, experiências inseridas no contexto. Quem era cético - como eu - vai ter que rever suas incredulidades vai ter que - no mínimo - não fechar mais suas próprias portas espirituais, se quiser passar pela vida melhorando-se. Eu escancarei tais portas. E sugiro que o leitor deste trabalho também faça, pois vai se sentir bem mais grandioso. E vai saber aceitar mais as coisas que acontecem, porque este livro é uma grande experiência de vida, uma

lição imperdível. Nilson não se considera um espírita, no que mais abrangente possa ter a conceituação desta palavra. Quis apenas levar suas experiências às pessoas que pensam que não podem meditar, que não podem ser religiosas, e que se afastam... Ele não advoga o carolismo, apenas tenta simplificar - sem fantasias nem manutenção de dogmas _ esta iniciação à meditação, através de suas vivências.

Eu acho que conseguiu.

Ernesto José de Sousa Ferreira

Ernesto é Redator e Diretor de Criação, atuante, queridíssimo nos meios de comunicação de Pernambuco, com passagem por várias agências de propaganda de Recife.

APRESENTAÇÃO

Este livro foi feito com a intenção de deixar assinalado, parte do que vivenciei em minha trajetória terrena: as ajudas que me foram oferecidas, as que aceitei as que não percebi ou não quis ver; parte da minha vida como militante espírita e como homem, simplesmente.

Quero externar minha alegria pelo nascimento do meu primeiro neto, Luiz Fernando Albuquerque Melo e meu reconhecimento à colaboração recebida de meus filhos Ângela Dolores, Jorge José, Ana Elizabeth, Luiz Denizard, e dos muitos amigos (com “A” grande), não somente do plano material, como do espiritual, que me ajudaram a iniciar mais este aprendizado. Gostaria de re-

gistrar também, **por escrito e em negrito**, e se me fosse possível em letras de luz e sons, o auxílio de minha mulher, Carmem Lúcia, neste trabalho em que ela, embora não tenha conhecimento disto, é a minha grande incentivadora, motivação maior, meu guia espiritual encarnado; com seu exemplo de dedicação às causas que endossa, à frente dos trabalhos espirituais e mediúnicos, sempre deixando seus próprios interesses em segundo plano para atender àqueles que a procuram em busca de uma palavra amiga, de um consolo e de esperança. Os anjos bons existem e se encontram entre nós, vestindo pequenos defeitos como disfarce.

Ao amigo Orlando Tejo que, com toda sua grandiosidade de homem e escritor renomado, não poupou esforços

para me ajudar, sacrificando seu preciosíssimo tempo e não poupando palavras de incentivo que muito significaram para mim. Muito Obrigado.

Ao **Dr. Carlos Toledo Rizzini**, a quem não tive o prazer e a honra de conhecer pessoalmente, nesta encarnação, dedico o primeiro exemplar deste livro, com todo carinho e admiração, pelo muito que faz ao distribuir a luz do conhecimento espiritual, de uma forma extremamente objetiva, nos aspectos filosófico, religioso e científico.

Um pequeno galho verde, arrancado do seu livro **Evolução para o Terceiro Milênio**, já começou a brotar.

Nilson Ferreira de Mello

1ª REFLEXÃO

A gente, quando criança, tem nos pensamentos a busca das coisas que contribuem para o nosso bem-estar, nossos prazeres, nossas alegrias, não importando o trabalho que os outros têm para nos proporcionar aqueles momentos. Não importa de onde, como, com que sacrifício a nossa sobrevivência é custeada. Não temos conscientemente parâmetros que possam definir nossa conduta. Sonhos impossíveis de realizar, verdades impossíveis de sonhar. Esta é a fantasia da criança em sua bendita irresponsabilidade. Este é o mundo psíquico do ser encarnado nos primeiríssimos dias de vida, no período das adaptações ao Colégio da Vida, no

aprendizado eterno. À medida que a criança começa a crescer, começa a perceber que sua felicidade depende da felicidade dos outros, que sua felicidade influi na felicidade dos outros. Quando começa a notar, a sentir, a compreender o bem-estar que seus coleguinhas lhe inspiram de modo diferente, começa a agrupar-se, a apegar-se mais a uns, a afastar-se de outros. Começa a situar-se no contexto que a sociedade lhe impõe. Começa a escolher, a sonhar com a sala de aula ideal para iniciar seu curso de vida. Começa, finalmente, a descobrir a vida, dentro de seus conceitos corporativistas, com suas abrangências respectivas.

Está finalmente mostrando parte de sua personalidade, seus gostos, suas aptidões, seus medos, suas fraquezas, suas

inibições. Descobre sua força, sua coragem, suas reservas, suas armas para a batalha que terá de enfrentar.

Isto se passa com a criança encarnada, mesmo sem saber, sem compreender, sem notar. Isto se passa conosco, espíritos encarnados, nos nossos primeiros anos na matéria, numa seqüência de vida, parte de outras seqüências, adaptações de outros estágios, do individual para o coletivo e vice-versa nesse conjunto infinito de informações que constituem o nosso EU interior, resumo de nossas ações milenares.

Como crianças-espírito que somos, também chega o despertar da nossa personalidade. Somos crianças espirituais, não tenham dúvidas, e agimos como pessoas ingênuas, infantis, que somos.

Enquanto alguns de nós, mais precoces, se adiantaram nos conhecimentos e no emprego de suas potencialidades positivas, outras ainda se enfeitiçam, comprazem-se nos prazeres de sua eterna infantilidade egoística. Pretendem ser felizes de modo anarquista, irresponsavelmente, passando por cima dos direitos dos outros, não cumprindo seus deveres e até mesmo, em alguns momentos, pensam que são felizes.

No seu egoísmo, na busca incessante de alegrias, de privilégios, de poder, os sonhos em alguns momentos realizam-se, materializam-se e dão-lhe pseudofelicidade, mas logo se dissolvem, desaparecem, deixando a frustração, a angústia pela perda. E, nessa procura contínua de soluções, nessa necessidade constante de substituir os sonhos perdi-

dos pelas realidades sonhadas, para conviver com o nada que se materializou, ou com o tudo que se fez em nada, o ser vivente condensa em sua mente, desordenadamente, novos sonhos, novas buscas, novos problemas, novos fracassos, quase sempre.

Isto é o nosso curriculum espírito-escolar. _Currículo de antigas crianças que ainda somos. Velhas crianças em busca de conhecimentos. Nessa procura os espíritos enfrentam várias provas; são muitos os estágios de aprendizado. Muitos espíritos buscam erradamente a chave que abrirá a porta para a evolução interior. A maioria procurou lá fora, no jardim, não encontrou. Catou em florestas e oceanos, nas multidões, no isolamento, não encontrou. Procurou longe

demais, esqueceu de indagar em si mesmo.

Sou um desses que se esforçaram por achar lá fora. Calado, escondido, consultando meus pensamentos, testando meus desejos, batalhando solitário e mudo com minha consciência, aparentando ser uma coisa para alguns, demonstrando-me nu, como sou, para outros. Foram tantas as formas de apresentar-me, foram tantas as pessoas para as quais tive de pintar-me, foram tantas as pinturas com as quais quis apresentar-me que, no fim de tudo, não soube mais as características que apresentei a cada uma delas em particular. Confundi-me, mostrei-me. Misturei-me, fundi-me nisto que sou. Um pouco de tudo. De bom e de mal, de amigo e irmão a

feitor e senhor. Sou a amálgama de tudo que criei.

Eu, que procurei nos mais complexos pensamentos, nas mais diversas filosofias, que conceituei sem praticar e pratiquei sem ter conceito, parei para começar a dissecar, a centrifugar, a separar parte por parte os componentes desse sistema de irradiações tão complicado e tão simples ao mesmo tempo, que se chama Espírito; reunião de todas as forças cósmicas, vivências, conseqüências e reações registradas. Assim, não joguei fora minhas decepções, não esqueci meus fracassos, não desprezei minhas alegrias. Juntei-os todos. Compreendi que fazem parte do meu livro de vida, que fazem parte do meu acervo de conhecimentos, da minha experiência, de minha personalidade.

E, nesse movimento íntimo para alcançar um fim, encontrar as soluções para os processos exteriores de minha vida, ainda não compreendidos, procurei compreender os processos interiores em andamento. Fenômenos intimamente ligados, por extensão, um ao outro.

Verifiquei que precisava modificar-me. Mas em quê, como e por quê? Procurar tudo isto empiricamente, quando já tanto se escreveu sobre o assunto, quando já há tanto conhecimento armazenado nas estantes? Achei muito prolongado, principalmente para quem já perdeu tanto tempo na jornada espiritual. Principalmente também para quem já consumiu 60 anos de vida, da atual encarnação. Quase no fim de mais uma experiência carnal, precisava de algo

que me fizesse retomar o tempo perdido.

Acredito que meus guias espirituais, vendo e sentindo minha vontade firme de modificar-me, puseram ao meu alcance o livro **Evolução para o Terceiro Milênio**, com o subtítulo “Tratado psíquico para o homem moderno”.

Fiquei atraído pelo título e, mais ainda, pelo subtítulo. Era como se a leitura daquele livro me projetasse para o universo dos intelectuais, onde deveria haver mais sabedoria, harmonia, progresso e paz.

Lendo aquele livro eu me sentiria enquadrado num homem moderno, evoluído, instruído, culto, seguidor dos grandes pensadores. Tratei logo de saber quem era o autor. Tive medo de que fosse um “homem do povo”. Nomes

simples, da massa brasileira, seria água na fervura do meu orgulho; porém o livro tinha como autor **Dr. CARLOS TOLEDO RIZZINI** (com 2 Zês) e, ainda mais, membro da Academia Brasileira de Ciências.

Por certo era um cientista, descendente de família conceituada, ao que parece, italiana. Não era um nome qualquer, era um homem que sabia o que estava dizendo. Meu ego estava bem massageado. Começava a incluir-me entre os leitores e seguidores de teorias científicas sobre a espiritualidade.

Abri o livro, li o sumário "por cima". Habitualmente, nunca leio o prefácio. Tenho todos os defeitos do mau leitor. Passo a vista de leve sobre os capítulos, vou até o fim do livro, detenho-me um pouco em alguma coisa que a-

trai, algo em que se enquadra a minha maneira de pensar, a minha verdade e, quase sempre, acho que tudo que ali está escrito eu já sei “de cor e salteado”. Concluo que o autor está tentando explicar o que todo mundo já sabe, com palavras novas, difíceis, científicas, só para impressionar.

Porém, desta vez, não sei o porquê, li o prefácio, de **Dr**. **Celso Martins**, cujo curriculum enquadrou-se também no meu ego, muito sensível a títulos e honrarias: *Bacharel em História Natural pela Faculdade de Filosofia da Universidade do extinto Estado da Guanabara - Curso de Botânica Sistemática no Herbário Bradeanum do Jardim Botânico do Rio de Janeiro - jornalista e escritor espírita*.

Mesmo sem entender o que é Botânica Sistemática[1] e muito menos Herbário[2] Bradeanum[3], o título me agradou. No prefácio procurei encontrar alguma novidade que "já não soubesse" e me defrontei com essas palavras: "*Sabe-se que os tratados, de um modo geral, são livros maçudos, pesadões, fazendo ad aeternum nas estantes das bibliotecas, sendo consultados por meia dúzia de interessados na pesquisa momentânea de um ou outro verbete*".

Desta vez, embora as palavras batessem em cheio com meu pensamento, senti um interesse maior em prosseguir na leitura.

---

[1] BOTÂNICA SISTEMÁTICA - parte da Botânica que dá nome científico às plantas.

[2] HERBÁRIO - local onde são guardadas amostras desidratadas de plantas para estudo.

[3] BRADEANUM - nome de herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Nome dado em homenagem a BRADE, botânico famoso.

Mais adiante, Dr. Celso Martins define que o autor “*partiu dum ligeiro retrospecto histórico do pensamento religioso, bem como dos fatos mediúnicos, mostrou a importância que teve a Codificação de Kardec para a sua devida interpretação, deteve-se cuidadosamente no exame da mediunidade e das vidas sucessivas, terminando num admirável fecho de ouro _ com o estudo profundo não só dos desequilíbrios psíquicos, mas também da genuína moral de Jesus que há de ser o código normativo do relacionamento social do homem renovado do Terceiro Milênio, já tão perto de nós*”.

Isto me bastou para prosseguir na leitura do livro. Iniciei pela explicação do autor que, em resumo, diz ser “*um cientista profissional com os títulos ofi-*

ciais de “Pesquisador em Botânica” e “Chefe de Pesquisas”, formado em Medicina e membro da Academia de Ciências”. Porém não comparece à presença do leitor nessa condição e, sim, na de um irmão amigo que deseja transmitir aos demais o que entendeu ser de grande importância para a evolução espiritual, baseado na *“prática derivada do trabalho de vários anos em contato com os nossos semelhantes, muitos deles candidatos a médiuns”*.

Ainda segundo explicação do autor, através da pesquisa, enquadramento de resultados às leis do Universo, (leis físicas e morais) se mostra e oferece no curso e no livro conhecimentos esclarecedores para conduzir as pessoas a uma maneira elevada de considerar a vida, o mundo, Deus, Jesus e o Próximo. O li-

vro simplesmente define algumas noções fundamentais de vida superior, sob o ponto de vista espiritual e psicológico.

Tomei a resolução de ir adiante na leitura. Afinal, quem quer e precisa modificar-se tem de começar e meu primeiro ato consciente foi seguir o livro, a começar pela introdução.

O autor inicia: *"Aprenderemos em breve que a vida é movimento e que o espírito não pode parar numa dada posição, sem graves danos. A evolução veremos, é o princípio central da lei de Deus: tudo no Universo modifica-se ao longo do tempo. Deter-se numa dada posição é retardar-se e condenar-se ao desajustamento"*

Abre uma chave:

```
               _
                | Intelectual - Assimilação do conhecimento superior
                | por meio de estudo.
RENOVAÇÃO /
  MENTAL.    \
                | Afetiva - Desenvolvimento dos sentimentos e plantação
                |_ De simpatia mediante o serviço ao próximo.
```

Não gostei da chave. Não suporto métodos didáticos, mas prossegui na leitura, como que procurando realmente a introdução no assunto. Veio-me à mente a seguinte pergunta: será que estou por fora das leis morais do Universo ou será que estou me punindo injustamente? Nesse instante, meus olhos captavam o item Nº 2 da introdução:

Quem precisa modificar-se interiormente? E a resposta "_precisa modificar-se interiormente todo aquele que":

1 - Se sinta infeliz;
2 - Se julgue pouco estimado ou rejeitado;
3 - Não trabalhe bem;
4 - Se afaste dos outros;
5 - Se irrite ou deprima com freqüência;
6 - Pense em prazeres excessivos;
7 - Só trabalhe por dinheiro ou projeção social;
8 - Pense primeiro em si mesmo;
9 - Precise falar ou discutir horas seguidas;
10- Não suporte ser criticado ou contestado;
11- Se considere superior ou inferior aos outros;
12- Queira mandar sempre;
13- Tema ser dominado;
14- Não tolere ficar só;
15- Padeça de fobias ou inibições;
16- Use o próximo como objeto para satisfazer desejos ou conseguir vantagens.

Pessoas desse tipo não são consideradas normais nem pelos psicólogos nem pelos mentores espirituais."

O item Nº3 diz: "*Mas, isso não é tudo! Em virtude do princípio de evolução, tudo muda à medida que o tempo passa; os minerais, as plantas, os animais, a Sociedade, as leis, os conheci-*

mentos e até os mundos da abóboda celeste! O Espírito precisa renovar-se constantemente...”

Realmente, verificamos pela leitura do livro que todos os grandes pensadores e apóstolos do bem dizem, repetem das mais variadas formas, os mesmos conceitos, sobre a necessidade de não parar no progresso espiritual.

“Ninguém poderá deixar de enfrentar o problema do auto-aprimoramento, agora ou no futuro, neste ou noutro mundo. É a lei do Senhor do Universo”.

Sócrates[4], há 2.400 anos, dizia: - *“Se a alma é imortal, precisa do nosso cuidado o tempo todo”*. Paulo[5], o apóstolo, prescrevia especificamente: *“Renovai-vos, pois, no espírito do vosso entendi-*

---

[4] SÓCRATES, sábio grego, criador da moral, precursor do cristianismo e do Espiritismo 470-399 a.C.

[5] PAULO, apóstolo dos Gentios - morto no ano 67 d.C.

mento. E, vestí-vos do homem novo, que foi criado, segundo Deus...”. Karen Horney, eminente psicanalista da escola cultural, a despeito da sua orientação materialista, em seu livro **Nossos Conflitos Interiores**, declara que *“a resolução desses conflitos depende da modificação das condições que permitiram sua eclosão ou lhe deram origem”*. Adianta que, ao invés de procurar transformar-se interiormente, o doente apega-se às suas ilusões ou pseudo-soluções que lhe garantem, muitas vezes, uma certa tranqüilidade, porém às custas de grandes limitações em sua vida. Ela diz, em seguida, que o indivíduo para modificar-se precisa:

“1º) Descobrir seus sentimentos e desejos reais;
2º) Criar o seu sistema de valores;

3º) Relacionar-se com os outros de acordo com os seus sentimentos e convicções;
4º) Tornar-se produtivo em suas atividades."

Parei um pouco para meditar. Relacionei na memória os quatro enumerados. Joguei para frente e para trás, tentando fazer uma comparação com meus sentimentos, objetivos e convicções, como tentando casar pontos de referência numa computação gráfica e, quando saí da reflexão, li o aparte do Dr. Rizzini, concluindo: *"Em suma, urge transformar o caráter do sujeito"*.

Comentei com meus botões _ e como é difícil a gente se modificar... *"Mas, não é impossível"*, alguém logo soprou na minha mente. Realmente, Karem Horney assevera que o homem pode mudar enquanto viver _embora re-

conhecidamente grandes esforços sejam necessários para tanto.

Continuei mais interessado na leitura. Agora, os conceitos já se ajustavam com minha maneira de pensar. As palavras eram outras, vinham de homens de ciência, mas, o pensamento, o mesmo. Tudo se casava. Todavia, eu, ao contrário do costumeiro, não senti vontade de deixar o livro pra lá, encostado, como fiz com tantos outros.

Fora da minha maneira de ser, procurei como que dialogar com as palavras, tentando, quem sabe, descobrir dentro de mim, pela primeira vez, um sentimento e um desejo real, forte, para minha modificação; e fui tentando ingerir todas as explicações, numa pressa incontrolável. Entretanto, uma coisa é ler um livro, outra é assimilar as suas

noções, principalmente em assuntos muito próximos da psicologia, da psicanálise, das ciências da mente. Para poder entender, jogar um conceito de um cientista com um filósofo, decorar nomes, comecei a fazer um rascunho à parte, porém notei que eram tantas as anotações, que terminaria fazendo outro livro. Passei, então, a grifar no próprio livro os pontos mais importantes (para mim), já em mente, fazer um resumo desses pontos para posterior divulgação com meus amigos pretendentes à auto-reforma, como eu.

Eram importantes essas anotações, porque o Dr. Rizzini, na sua introdução, tenta destacar a correlação existente entre as leis físicas universais e as leis morais, assim como mostrar que as verda-

des espíritas caminham paralelamente às verdades científicas.

O autor começa a preparar-nos para que tenhamos uma visão global sobre a vida espiritual, passemos a adquirir uma compreensão pessoal e criemos nosso próprio código moral para nos dirigir, conscientemente, na jornada. Faz compreender que o Evangelho e o Espiritismo são códigos de orientação da vida humana, que surgiram em determinada época, não por acaso, mas que tiveram um campo longamente preparado. Tiveram, em Moisés[6] e Sócrates, seus precursores. Moisés, 15 séculos antes já preparava o caminho de Cristo, como outros, prepararam o seu caminho, ao deixar para ele toda uma história de lu-

[6]MOISÉS (o maior vulto do Antigo Testamento; guerreiro, estadista, libertador, historiador, poeta, moralista e legislador dos Hebreus).

tas, de legados bíblicos, de tradição do povo hebreu, desde Abraão. Judeu, criado como príncipe na corte egípcia rompeu com os seus pares e iniciou a longa viagem para tirar seu povo da escravatura no Egito e iniciar a caminhada em busca da *"Terra Prometida"*.

Sob implacável perseguição dos faraós[7], perambula por mais de 40 anos pelo deserto. Recebe no Monte Sinai, por via mediúnica, o Decálogo (os Dez Mandamentos) que é o primeiro código moral da Humanidade e a primeira psicografia[8] de que se tem conhecimento. Cria leis, regras de vida; comanda seu povo com punho de ferro.

O livro mostra que, já na época de Moisés, a prática da comunicação com

---

7 Faraó _ título dos soberanos do antigo Egito.
[8] PSICOGRAFIA - escrita dos espíritos pela mão do médium.

os espíritos era comum e freqüente e nem sempre com bons propósitos, a tal ponto que Moisés baixou uma lei proibindo e punindo com a pena de morte quem fosse pegado nesse ato.

O pesquisador deteve-se na análise bíblica de Deuteronômio 18:11, onde afirma que Moisés foi tão claro que não proibia um engodo, uma mentira, uma simulação e, sim, proibia uma coisa verdadeira, ao declarar não admitir que alguém *“indague dos mortos a verdade (Deuteronômio 18:11)”*.

O autor continua mostrando que as manifestações espíritas ocorreram em todos os tempos. Cita, como exemplos, vários pontos:

1 - Samuel 28:7-20

O rei Saul[9], aflito por estar acossado por seus inimigos, procura a famosa pitonisa[10] de En-Dor e pede um trabalho mediúnico e ela tem medo de entrar em contato com a espiritualidade, pois dessa forma desobedeceria a uma lei (do próprio rei Saul) que proibia a comunicação com os mortos. A Bíblia relata que a pitonisa reconheceu Saul disfarçado, mas então o rei lhe jurou pelo Senhor, dizendo que nenhum mal lhe sobreviria por aquilo. A Bíblia declara ainda que o profeta Samuel, evocado, apareceu e falou com Saul, dizendo que ele iria morrer no dia seguinte, com seus filhos, o que aconteceu.

1 - Samuel 18:10

---

[9] SAUL - primeiro rei dos israelitas (1.115-1003 a.C.)
[10] PITONISA - mulher adivinha que previa o futuro.

“O espírito maligno... apoderou-se de Saul e profetizava no meio da casa”.

1 - Isaias 8:19

O profeta Isaias faz uma pergunta, rotineira na época: _ se o povo *“há de ir falar com os mortos acerca dos vivos”.*

1 - Coríntios 14:1

“Segui a caridade, anelai os dons do espírito e, sobretudo ao da profecia”.

1 - Tessalon 5:20-21 e Coríntios 14:39

“Não desprezeis as profecias” e *“Examinai, porém tudo, abraçai o que é bom”* e *“não proibais o uso do dom das línguas”.*

1 - São João 4:1-2

“Caríssimos, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque são muitos os falsos profetas que se levantaram no mundo”.

Recapitulei alguma coisa que sabia sobre Moisés, até pelo cinema. Enquadrei-o como missionário, médium, legislador, líder de um povo. Sua maneira

de agir, suas leis, suas verdades para a verdade de uma época.

Encontrei no livro a comparação entre os ensinamentos de Moisés e de Jesus Cristo. Vemos que os ensinamentos se modificaram na maneira de encarar os fatos e a dar as soluções. Havia uma distância no tempo de 1.500 anos, o povo era outro, tinha mudado, como tudo muda no Universo. O povo para quem Jesus Cristo falava naquela época já tinha uma estrutura mais sólida para compreender certas verdades. O que antes tinha de ser feito pela imposição, pela força, agora tinha condição de ser aceito por acolhimento pacífico.

Também não me detive muito nessas citações históricas, já muito ditadas, repassadas, repetidas. Estava em busca da fórmula de como me modificar,

compreender-me e compreender como as forças do Universo agem dentro de minha cabeça, do meu eu, do meu espírito.

A leitura continuou, para a minha impaciência, no campo histórico, porém passa ao largo pela vida de Jesus Cristo e vem para o século III de nossa era.

Enfoca Orígines, distinto sábio e o maior luzeiro daquele século (185-254 d.C.) que escreveu o LIVRO DOS PRINCÍPIOS, no qual declara que Jesus Cristo foi criado por Deus e o espírito preexistente ao corpo.

Esse sábio morreu no ano 254, após dois anos de tormentos num calabouço, somente por ter dito essas verdades, que foram mais verdades por terem sido ditas por um sábio acatado, o que, com isto, poderia revolucionar, modificar,

volver conceitos propositadamente conservadores, para atender a muitos interesses.

Meditei um pouco e apercebi-me de como a humanidade mudou em muitos aspectos em relação à época de Moisés. Dentro da minha maneira de entender, a maior transformação verificada foi à liberdade de pensamento, que nos permite imaginar, supor, dar opinião... Ousar mais longe. E, dentro dessa avenida aberta a nossas aspirações, podemos hoje aperceber-nos de muitas verdades que naquele período nem um louco tentaria sonhar. Já pisamos o solo da lua, enquanto Galileu[11], 3.100 anos após Moisés, quase morreu queimado na fogueira, condenado pela casta mais intelectu-

[11] GALILEU _ Galileu Galilei, cognominado (matemático, físico e astrônomo italiano - 1564-1642).

alizada do planeta, apenas por afirmar que a Terra girava em torno do Sol. Estamos hoje convivendo com realidades que eram negadas aos povos de então, porque eles não dispunham de condições, lastro, vivência espiritual para compreender.

Hoje, nascemos lidando com telefone, rádio, televisão, fax, controle remoto, microondas, computador, raios X, laser, robôs, naves espaciais, satélites artificiais... E todos esses avanços tecnológicos que seria arriscado tentar enumerar sem deixar de fora uma boa parcela. Lidamos com imagens, sons, forças, luzes, raios que coabitam conosco, fazem parte de nosso dia a dia. Seus efeitos são materializados, selecionamos, rejeitamos, apreciamos ou não.

Uma criança hoje já nasce dentro deste contexto, que estou firmando, dentro destas palavras sem muita clareza, um aglomerado de elementos gráficos e, mesmo assim, vocês compreendem, percebem, acompanham meu raciocínio e vão muito mais além, desdobrando até o infinito as opções de assimilação. Falamos a mesma línguagem, usamos a mesma simbologia. _ Agora pergunto: se eu dissesse isto, não digo ao povo de Moisés; não pediria tanto, porém aos grandes sábios da idade média (aos mais renomados), eles compreenderiam?

Este raciocínio fez-me refletir e perguntar-me, irritado, por que eu teria de deter-me na apreciação da época de Moisés para aceitar a verdade da vida após a morte, ou para encontrar a fór-

mula para me modificar interiormente, de compreender-me, de entender os mecanismos que regem as nossas condutas? Na leitura do livro só tinha achado até aquele momento uma forma de comparar costumes, nunca a comprovação de uma verdade, o que, para um sabichão inveterado como eu, era como alguém querer me vender uma laranja começando por definir terreno, plantio, tratos culturais, mercado, etc...

2ª

REFLEXÃO

Essas divagações quase me tiraram o interesse que já começava a existir pela leitura, quando entrara o Dr. Carlos Rizzini a registrar informações já do século IXX, *“ao alvorecer da época moderna, surge a Ciência e a ignorância começa a desfazer-se. As condições de vida entram também a melhorar”*.

Os trechos que se seguem, transcritos em quase toda sua totalidade do livro **Evolução para o Terceiro Milênio**, são muito interessantes e mostram-nos como as teorias tomam forma e se aproximam das verdades buscadas. A leitura tornou-se agradável cada vez

mais. Estava saindo da 1ª fase histórica e entrando na mais recente. Estava se aproximando da era de Kardec, em que os grandes cientistas, atraídos pela fenomenologia mediúnica, que se instalava como moda na Europa, procuravam estudar, penetrar, entender os processos psíquico-espirituais com seus aprofundamentos, opiniões e divergências que, longe de dificultar o andamento, dava margem a mais debates e conclusões sempre mais fortes sobre a verdade espiritual, suas forças, suas regras, seus efeitos.

Dr. Carlos Toledo Rizzini prossegue falando nas pessoas que foram antecessoras do Espiritismo e que prepararam o terreno para sua instalação. *"Entre elas, inclui--se o célebre Emmanuel Swedenborg, sábio sueco que dominava prati-*

camente todo o conhecimento do seu tempo (1688-1772), inclusive a teologia; sua ocupação habitual era a engenharia de minas, trabalhando para a casa real. Era dotado, além de extensa cultura, de amplíssima mediunidade. Podia ver grandes partes da Espiritualidade e comunicar-se facilmente com muitos espíritos. Com os conhecimentos assim adquiridos em numerosos anos de pesquisas, Swedenborg fundou uma igreja e escreveu muitos volumes grossos em latim e inglês".

Sua filosofia batia com o Espiritismo quando afirmava que:

"1º o homem pode entrar em comunicação com os espíritos do outro mundo, sendo esse contato regido pelas qualidades e defeitos humanos, donde cada um atrai entidades semelhantes a si mesmo";

2º não há anjos nem demônios e, sim, espíritos bons e maus;

3º o homem leva para o Além sua personalidade tal como é aqui;
4º o céu é conquistado somente pelo amor e pelo bem;
5º não é Deus quem determina a ida para o céu ou para o inferno, mas o próprio indivíduo, que é atraído para lugares concordes com seus sentimentos;
6º o sofrimento deriva das condições do próprio Espírito e o inferno não passa do fogo das paixões carnais;
7º o mundo espiritual é pleno de atividades, de trabalho, de progresso, florescendo nele os afetos a Deus e aos semelhantes.”

Isto tudo tem mais de dois séculos de idade. Essa igreja ainda hoje existe na Europa (A Nova Jerusalém), todavia com poucos adeptos.

Recapitulei a leitura, reli boa parte novamente e conferi que Emmanuel Swedenborg viveu de 1688 a 1772. Corri para pegar algum escrito que me desse à data da 1ª edição do Livro dos Espíritos, considerada oficialmente o início do trabalho de Kardec. Constatei:

18.04.1857, 85 anos após o desencarne de Emmanuel. Como pessoa não muito observadora de pequenos detalhes de interpretação filosófica e que tira conclusões precipitadas do pouco que vê, sente ou escuta, conclui de imediato, sem pestanejar, que a teoria espírita estava ali, sem mudar nem uma vírgula. O Espiritismo com outro nome; havia sido lançado um século antes de Kardec. Voltei à leitura para ver se havia algum comentário sobre aquela minha interpretação. Encontrei: Dr. Rizinni dizia que: *"O ilustre sábio e vidente não pôde escapar aos preconceitos de sua época. Julgava-se um embaixador da corte celeste na Terra para interpretar a palavra de Deus da qual estava certo de possuir a chave; só ele conhecia os*

profundos mistérios arquivados na Bíblia... Deus inspirava-o diretamente".

Para ele a Bíblia teria umas palavras simbólicas, com dois sentidos e somente alguém como ele que tinha a percepção espiritual, podia descobrir. Os termos cavalo, asno, agulha, pedra, etc., *"simbolizam e correspondem a realidades espirituais incompreensíveis a quem desconheça sua obra (que indica os significados). Daí ter criado um complexo sistema de símbolos"*.

Palavra	Sentido
Camelo	Conhecer e conhecimento
Fundo da agulha	Verdade espiritual
Jardim	Inteligência e sabedoria Celeste
Peito	Caridade
Madeira	Bem
Orelhas	Obediência

Sol	Amor
Lua	Fé
Lágrimas	O que é falso

Difere do Espiritismo, entre outros aspectos, quando diz:

“1) o Céu e o Inferno são condições definitivas; após a morte, não se arrepende o Espírito nem tampouco pode mudar: sua sorte está selada para todo o sempre;

2) um homem pode passar diretamente a anjo logo depois de morrer;

3) qualquer criança que faleça é levada para o céu e aí feita anjo;

4) ignora a evolução espiritual e a reencarnação; logo, a condenação dos decaídos é eterna;

5) a criança recebe de seus pais, como herança, a inclinação para todos os males, nascendo, pois, mergulhada na maldade inata da espécie humana;

6) Jesus, Ele próprio, foi agraciado com o mal hereditário de sua Mãe, tal como sói acontecer a todas as pessoas;

7) a alma dos animais morre com o corpo, nenhum deles tendo inteligência;

8) o Juízo Final processou-se na época em que vivia, há mais de dois séculos, e ele, o vidente, foi convidado a assisti-lo".

Havia outras e outras diferenças citadas, já estava se tornando enfadonha à comparação. Comentei comigo mesmo: - puxa, como é difícil a gente chegar ao conhecimento. Swedenborg, tão adiantado em umas coisas e tão falho na compreensão de outras. Vejam só: negar o intercâmbio visual com o mundo espiritual, quando diz: *"O mundo espiritual e o material são invisíveis um ao outro"*, e ele mesmo ter dito que presenciou, na qualidade de vidente, o Juízo Final...

O doutor Carlos Rizzini continua a narrar as realidades históricas sobre Swedenborg. Afirma que ele fez uma profunda reforma na teologia e que o

futuro mostrou que, na época em que viveu e trouxe as verdades, não poderia ser de outra maneira. Era o século das luzes dominado pelo racionalismo, com boa dose de materialismo. Declara que o próprio Emmanuel, como espírito, mais tarde cooperou com as obras de Kardec, na qualidade de instrutor.

"Uma diferença essencial entre Swedenborg e Kardec. Embora ambos revelassem o mundo dos Espíritos aos Espíritos do mundo, o primeiro uniu sua revelação à teologia, que pretendeu reformar por completo (deixou 30 volumes a respeito) - ao passo que o segundo ligou a revelação dada pelos espíritos à Ciência. A diferença foi classificada de" essencial "porque a natureza das verdades difere profundamente

nas duas ordens de idéias: a verdade teológica (se for realmente verdade) é imutável e perfeita (está pronta desde sempre para todo o sempre); a verdade científica é progressiva, perfectível, a-primora-se ao longo do tempo e sua aquisição é gradual...”.

Fiquei surpreso comigo mesmo. Nunca me havia detido numa leitura a esses pequenos detalhes, a essas minú-cias, que passam desapercebidas e que podem mudar totalmente a maneira de a gente encarar o aprendizado.

Quanto tempo não teria levado o Dr. Carlos Toledo Rizzini na elaboração deste livro? Quantas pesquisas, quantas horas datilografando, revisando, supri-mindo palavras, para tornar mais claras suas idéias, principalmente para pessoas

como eu, que pensa que sabe tudo e quando se submete a uma pequena reflexão descobre que não sabe nada. Quanto trabalho na compilação do livro, isto sem pensar nos vários anos de participação no Espiritismo, como adepto e pesquisador. Ele mesmo diz na explicação - *“A verdade é que o seu conteúdo provém da prática derivada do labor de vários anos em contato com os nossos semelhantes, muitos deles candidatos a médium”*.

A essa altura dos acontecimentos eu já tinha verificado no livro **Evolução Para o Terceiro Milênio**, 2ª edição, as referências bibliográficas, com um número de 81 livros pesquisados. O número, como não podia deixar de ser, exigiu de mim uma rápida meditação que me levou a um estado emocional desani-

mador. Um misto de angústia, vergonha, autopiedade. Veio em minha consciência o quanto fui desleixado, preguiçoso, irresponsável comigo mesmo e para com os meus semelhantes por extensão. _ Tive tempo para ler e instruir-me e deixei o tempo passar. Perdi oportunidades e não adquiri conhecimentos literários psicoespirituais com profundidade, ao menos para atuar melhor num campo que tanto gosto. Na realidade, acostumei-me, como a maioria das pessoas, a pegar a verdade já destrinçada, catalogada, estudada, assimilada por outros, simplificada em quatro ou cinco palavras, nunca se apercebendo da necessidade de ir ao encontro dela em todos seus detalhes, confrontando suas convicções com as convicções dos seus semelhantes. Eu tinha chegado aos

60 anos de idade recebendo através da mediunidade psicográfica instruções as mais variadas de meus mentores espirituais; participara de tantas e tantas reuniões como médium; estivera sempre transitando junto às pessoas espiritualistas. Quantas me julgavam entendedor profundo das relações espírito/matéria apenas pelos meus trinta anos de militância no Espiritismo (comecei em 1974).

Uma melancolia, um remorso, uma santa inveja, tomou conta de mim. Por que não olhei isto antes? Tomei força: Dr. Rizzini começava a citar Franz Anton Mesmer. Médico, rico, nascido em 1734. Foi, portanto, contemporâneo de Swedenborg. Chegou a dominar o conhecimento de seu tempo. Trabalhador, paciente e calmo. Foi o descobridor do

Magnetismo Curativo, a que dava o nome de Magnetismo Animal.

Em 1779 reconheceu que podia curar pela imposição das mãos e declara: *“De todos os corpos da Natureza, é o próprio homem que, com maior eficácia, atua sobre o homem”*. Afirmava ser a doença uma desarmonia no equilíbrio da criatura.

O Dr. Carlos Toledo Rizzini continuava falando sobre Mesmer. Afirmava que o sábio submetia os enfermos ao contato com a água, os pratos, os lençóis, os objetos, etc., magnetizados para alcançar a cura. Sofreu muita pressão da casta intelectual da época, por incompreensão e inveja pelo seu sucesso.

Swedenborg, que também viveu na mesma época, não foi tão pressionado como Mesmer, que foi expulso de Vie-

na e de Paris e somente depois de cinco tentativas para conseguir junto às academias exame judicioso para sua teoria, publica em 1779 a **Dissertação sobre a Descoberta do Magnetismo Animal**.

Nesse livro, ele afirma que o Magnetismo é uma ciência com princípios e regras, embora ainda pouco conhecida.

Mesmer passou toda a sua vida concentrado em fazer a caridade às pessoas, aliviando as dores dos enfermos através de seus métodos e, por isto, não chegou a perceber a existência do sonambulismo artificial, descoberto pelo seu ilustre discípulo, o conde Maxime Puységur (inclusive a clarividência, associada a ele). O sonambulismo artificial desenvolve-se durante o transe magnético em certas pessoas.

Em 1792, Mesmer é expulso de Paris e vai morar em uma pequenina cidade Suíça, onde passa o resto de sua vida dedicado ao atendimento aos enfermos. Morre aos 81 anos (1734-1815), sem que, ali, alguém tenha se apercebido de que aquele médico de aldeia fora outrora rico e famoso. Quatro anos antes de sua morte, a Academia de Ciências de Berlim, pretendendo investigar a fundo o magnetismo, faz-lhe um convite para prestar esclarecimentos e o Dr. Mesmer recusa. A Academia encarrega o professor Wohlfart de entrevistá-lo. _ Diz o Dr. Wohlfart: *"Encontrei-o dedicando-se ao hospital por ele mesmo escolhido. Acrescente-se a isso, um tesouro de conhecimentos positivos em todos os ramos da ciência, tais como dificilmente acumula um sábio, uma bondade imen-*

sa de coração que se revela em todo o seu ser, em suas palavras e ações e uma força maravilhosa de sugestão sobre os enfermos...”.

Dr. Rizzini discorre enunciando outros precursores espirituais: Jean Reynaud viveu entre 1808 e 1863. A sua obra *“**Terra e Céu**”* apareceu em 1840. Nela, Jean Reynaud expôs os princípios básicos da doutrina espírita, tais como a reencarnação e o progresso indefinido do espírito. Nada viu nem investigou. Tudo que explanou foi por intuição.

Andrew Jackson Davis, médium americano, (1826 a 1910) escreveu vários livros de instrução espiritual. Era um homem justo, caridoso e tranqüilo. Seu guia espiritual era Swedenborg.

Em 1847, predisse o surgimento do Espiritismo, ao afirmar: *“É uma verda-*

de que os espíritos se comunicam entre si, enquanto um se acha no corpo e outro nas esferas elevadas... Antes de muito tempo, esta verdade será revelada em forma de demonstração viva".

Narra o autor que Davis *no dia 31/3/1848, acordou sentindo um hálito fresco perpassar pelo rosto e ouviu uma voz terna e segura, dizer " Irmão, começou o bom trabalho; contempla a demonstração viva que se inicia"* .

O livro vinha aprofundando o passado, lentamente, de leve, nos fatos que podiam dar base histórica para o conhecimento do Espiritismo. Falava superficialmente em fatos ligados a Sócrates, a Moisés, a Saul, à pitonisa de Endor, citava o apóstolo Paulo, Galileu, Karen Horney, Orígines, Emmanuel Swedenborg, Franz Anton Mesmer, Maxime

Puységur, Prof. Wohafart, Jean Reynaud, Andrew Jackson Davis... E, por incrível que pareça, esses nomes estranhos para mim, no começo da leitura, já iam se incorporando, fazendo parte do meu novo Universo. Imaginei como seria engraçado o nosso querido espírito irmão José Luiz de França fazendo uma explanação sobre o assunto, através da médium pernambucana Carmem Lúcia Pinto de Melo, tendo de citar todos esses nomes. Espírito bom, amigo, inteligente, sábio em suas explicações sobre a vida; carismático em seus enfoques doutrinários, em um linguajar sertanejo-nordestino de, no mínimo, cem anos atrás, ao que parece criando um tipo e uma maneira de expressão que permite o entendimento de suas mensagens em todos os níveis intelectuais.

Essas divagações não tiraram o meu interesse pela leitura e agora me debruçava sobre o livro, como um adolescente na leitura de um romance. Chegava-se ao momento crucial da história do estudo da mediunidade, com o episódio de Hydesville, com a família Fox, em 31/3/1848. Continuava o autor falando com essas palavras: Os Fox eram granjeiros e viviam na cidade de Hydesville, no Estado de New York, nos Estados Unidos. Tinham, entre outros, três filhos: Kate, de onze anos, Margaret, de quatorze anos e Leag, professora de piano na cidade de Rochester, bem próxima de Hydesville. Moravam numa casa tida como mal-assombrada. Durante o mês de março de 1848, ouviram-se batidas, arrastar de móveis, de cama,

etc., o que chamou a atenção de toda a comunidade.

No dia 31/3/1848 a menina Kate (11 anos), ao ouvir um forte ruído, desafiou o espírito a repetir os golpes que ela fizesse com os dedos, e as batidas foram repetidas sem erro. Iniciou-se, assim, um diálogo, através das batidas (tiptologia) e o espírito declarou que havia se chamado Charles B. Rosma, que havia sido assassinado e que estava enterrado na adega da casa a três metros de profundidade, o que foi comprovado anos mais tarde. Esses acontecimentos foram descritos em um livro de Robert Dale Owwen, embaixador e membro do Congresso Norte-americano, que entrevistou a família Fox.

Firmada a autenticidade do fenômeno, chegou-se à conclusão de que os e-

feitos físicos procediam da mediunidade de Kate e Margaret. Houve tentativa de linchamento das crianças por parte das pessoas menos esclarecidas.

Indagado a um espírito qual a finalidade que aqueles tumultos traziam para a sociedade, ele respondeu: *"Nosso objetivo é que a Humanidade inteira viva em harmonia e que os céticos se convençam da imortalidade da alma"*. Durante muitos anos as três irmãs trabalharam no campo da mediunidade, demonstrando a sobrevivência do espírito e promovendo a experimentação psíquica. Tiveram muitas virtudes e algumas fraquezas, que não lhes tira o mérito dos serviços prestados à causa do bem.

É bom frisar que Kate foi investigada em 1871 por William Crookes, um dos mais eminentes cientistas do mun-

do. Físico e químico inglês nascido em Londres e falecido em 17.6.1919. Chamou-me a atenção a resposta dada pelo espírito, de que fazia tudo aquilo _ *"para provar a imortalidade da alma"*.

Vimos nesse fato à comprovação de que tudo na vida tem um sentido e que tudo está dentro do contexto evolutivo. Quantas pessoas foram vítimas de terríveis obsessões espirituais que lhes causaram grandes sofrimentos e hoje agradecem a Deus as experiências vividas, que lhes facultaram a fé, a certeza da vida espiritual. Ao mesmo tempo, pessoas há que deveriam se considerar privilegiadas por terem sido contempladas em seus lares com problemas aterrorizantes de fenômenos espirituais de efeito físico, condicionados a arrastar de móveis, ruídos, quebras de objetos, a-

pedrejamento, tudo isto pela “mão invisível” e, cessadas as comunicações, nenhum proveito tiraram dessas manifestações. Permaneceram céticas, incrédulas, infrigindo os mesmos regulamentos do código de vida universal. Continuaram mentirosas, enganadoras, desonestas, perversas, egoístas, alheias, sem se aperceber, de que todos os seus atos, bons e maus, são presenciados, não somente pela consciência, para a qual nada se pode esconder, como também por uma coletividade de irmãos espirituais, nos mais variados graus de evolução, ligados por afinidade.

É comum a esses tipos de médiuns, quando não tiram proveito das verdades que lhes foram mostradas através dos fenômenos de efeitos físicos, ou de igual intensidade, serem atacados pelos

irmãozinhos sofredores, nas relações com a família, onde convivem em desarmonias infundadas, com doenças em si mesmos ou em entes queridos, sem que a medicina encontre uma razão plausível, enfim, com todo tipo de interferência espiritual negativa atraída pela afinidade de vibrações e que, de uma forma ou de outra, serve também para chamar-lhes a atenção e lhes despertar para a realidade espiritual.

Agora o livro abordava a época em que os fenômenos mediúnicos viraram moda na Europa e por todo o mundo, chegando a ser o divertimento predileto nos salões elegantes da França, onde as classes mais privilegiadas da população reuniam-se para brincar com os espíritos.

Eram citadas as mesas girantes, as cestas, as pranchetas. Falava sobre Allan Kardec, os motivos que o levaram a pesquisar o Espiritismo, os médiuns que cooperaram com seu trabalho, os intelectuais que se aliaram a ele e seus opositores.

Eu não quis me aprofundar no tema, por demais abordado, nos preâmbulos de quase todas as obras da codificação e em muitos livros espíritas kardecistas. Todavia, segui a leitura e o Dr. Rizzini mostrou que Kardec sempre procurou demonstrar que o Espiritismo caminha lado a lado com a ciência. Que as verdades espíritas estão amparadas pelas verdades científicas, que a cada dia fornecem mais elementos de comprovação à existência do espírito.

Cita as controvérsias das escolas positivista/materialista, em que Auguste Comte, célebre matemático e filósofo francês (1768-1857), em seu livro **Cour de Philosophie Positive**, nega a evolução da espécie e Darwin, famoso naturalista e filosofista inglês (1809-1882) que, com seu livro **Da Origem *das Espécies por Via da Seleção* Natural**, em 1859, afirma que a espécie evolui.

Faz ver que, em 1868, em **A Gênese**, Kardec admite as primeiras noções da evolução orgânica referente ao corpo animal e humano, e do espírito humano, acabando por dizer: *"Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, do ponto de vista do organismo, é-se forçado a reconhecer que desde o líquem até a árvore e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva gra-*

dativamente, sem solução de continuidade e cujos anéis, todos tem um ponto de contato com o anel precedente. A-companhando-se, passo a passo, a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior”.

Sobre William Crookes, 1870, ano marco da pesquisa espiritual, diz-nos que Crookes pesquisava com uma médium de quinze anos, Florence Cook, franzina e doente. Iniciava-se a fase experimental científica do espiritismo.

O físico observava, controlava, media, pesava, etc., etc., quatorze fenômenos, desde movimentos, ruídos, luzes... Até a materialização completa de uma mulher. Isto ocorreu durante três anos. Essa mulher atendia pelo nome de Katia King e exibia belo aspecto físico. Tor-

nou-se íntima do grupo. Passeava apoiada no braço de Crookes, conversava com todos, foi fotografada quarenta e quatro vezes, desaparecia à vista de todos. Podia ser percebida à luz e meter a mão em recipiente com corante, que depois aparecia no corpo da médium.

Perguntada porquê voltava a Terra, respondia: *"Em parte para convencer o mundo da realidade da vida futura e, em parte, também para expiar meus crimes"*.

Dr. Rizzini prossegue relatando que, em 1916, o físico e cientista inglês Oliver Joseph Lodge (1851-1940), que muito fez pelas pesquisas.

Psíquicas, em um discurso para a classe científica, pronunciou estas palavras finais: *"Mas, a conclusão é que a sobre-*

vivência está cientificamente provada, por meio da investigação científica”.

Não só ele, mas também renomados cientistas que se agregaram na divulgação dos princípios do Espiritismo, defendendo os argumentos preconizados por Alan Kardec:

- **August Morgan,** matemático e lógico inglês (1806-1871).
- **Camille Flammarion**, astrônomo e escritor francês (1842-1925).
- **César Lombroso**, médico, antropólogo e criminalista italiano (1835-1909).
- **Enrico A. Morselli**, neurologista e antropólogo italiano (1874-1929).
- **Esnesto Bozzano**, metapsiquista e filósofo italiano.
- **Frederico Myers**, psicólogo e escritor inglês (1843-1901).
- **Gustave Geley**, médico, biólogo e pesquisador francês (1868-1924).

- **Johan k.F. Zoellner**, astrônomo e físico alemão (1834-1882).
- **Julius Ochorowiez**, psicólogo polonês.
- **Robert Hare**, químico americano(1781-1858).
- **William F. Barrett**,professor de física do Royal College de Science for Psychical Research, da qual é um dos fundadores, inglês (1844-1925).

Em 1916, após essa avalanche de sábios afirmando a existência do espírito, os microbiologistas Rhine e Gibier afirmavam sobre bases diferentes:
"Nós podemos ter provas materiais da existência da alma".

Um relato importante do livro Evolução para o Terceiro Milênio foi sobre Charles Richet, que transcrevemos quase na íntegra pelo valor que tem para os que ainda têm dúvidas da existência do espírito. Transcrevemos principalmente por se referir a um cientista que dedicou quase meio século de vida tentando

provar que não há mediunidade e não há espíritos e que todos os fenômenos espíritas em estudo consistiram nos poderes do inconsciente.

"Charles Richet, detentor do Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia em 1913, pelos seus trabalhos sobre anafilaxia, que tiveram grande importância na compreensão dos fenômenos alérgicos. Nasceu em 1850 e morreu em 1935. Foi um sábio universal e muito operoso; aos fenômenos supranormais dedicou uns 40 anos de investigações experimentais. Ao cabo, reuniu todos os fenômenos sob a explicação única de que sua causa reside nos extraordinários poderes do inconsciente. Assim, não há mediunidade; o médium ou sensitivo é uma pessoa dotada de capacidade de perceber, mover objetos e mo-

delar a matéria por meio de forças latentes da subconsciência. Espíritos não existem simplesmente...”.

Tudo, portanto, era fenômeno anímico. Essa nova ciência, materialista, recebeu o nome de Metapsíquica, que ele definiu assim; *“Uma ciência que tem por objeto fenômenos mecânicos ou psicológicos devidos a forças que parecem inteligentes, ou a poderes desconhecidos, latentes na inteligência humana”*.

Todavia são do sábio francês essas palavras; *“A explicação espírita é muito simples, poder-se-ia dizer que ela se impõe pela simplicidade”*. E também estas: *“Não hesito em afirmar que esta explicação é a mais simples e que todas as outras empalidecem ao lado dela”*.

Finalmente, antes de sua morte o grande sábio, em carta enviada a Ernesto Bozzano, confessou sua adesão à teoria espírita, considerando as demais como “*as teorias obscuras que entumecem nossa ciência*”.

Richet deu grande impulso à pesquisa. Muitas sociedades científicas foram criadas com o objetivo da pesquisa. Surgiu o Instituto Metapsíquico Internacional, dirigido por Gustave Geley, que produziu muitos trabalhos. Todavia, mortos Richet e Geley, a Metapsíquica entra em declínio e o Instituto é fechado.

O último dos grandes metapsiquistas foi Ernesto Bozzano, na juventude entusiasta de Herbert Spencer[12] e que terminou vigoroso defensor do Espiritismo,

[12] HERBERT SPENCER (filósofo inglês - 1820-1903).

segundo o qual os fenômenos são devidos à intervenção de um morto. Chegou a dizer: *"Pela centésima vez repito, pois, que a teoria espírita é uma teoria científica"*. Eram afirmações históricas científicas muito importantes, porque, na realidade, não podemos meditar sobre um fato, sem conhecer parte do seu conteúdo. E aquelas breves palavras sobre este ou aquele acontecimento científico por certo eram importantes para a compreensão do restante do livro.

Chegamos, finalmente, a 1930, quando Joseph B. Rhine, professor e psicólogo norte-americano, funda, nos Estados Unidos, a Parapsicologia e inicia uma nova fase na investigação dos fatos supranormais, com emprego de técnicas originais. Inicialmente a mediunidade fora excluída. A Parapsicologia

ocupava-se com as faculdades e os fenômenos peculiares à mente humana (anímicos).

1° -**Clarividência -** Percepção à distância de objetos e acontecimentos sem o uso dos sentidos.
2º - **Telepatia** - Recepção do pensamento de outro.
3º - **Precognição** - Previsão de fatos futuros.
4º - **Telecinesia** - Movimento de objetos à distância sem usar veículo físico.

OBS: clarividência, telepatia, precognição, são chamadas percepção extra-sensorial. Geralmente, reconhece-se que são uma mesma faculdade, cuja distinção tem apenas valor prático.

Rhine e seus colaboradores operavam com um maço de 25 cartas, cada grupo de cinco contendo um símbolo próprio: estrela, círculo, onda; retângulo e cruz. A pessoa que estivesse sendo testada, geralmente um estudante universitário, teria que ler no pensamento do experimentador que carta ele tirara (telepatia), ou adivinhar qual era a carta sem que o experimentador a tivesse visto (clarividência). O número de acertos considerados por ação do acaso, previsto matematicamente, seria de 5 em cada 25 cartas. Chegou-se a conseguir através de um estudante de teologia, H.E. Pearc, de uma feita, acertar as 25 cartas do baralho.

Noutra modalidade, a pessoa teria que adivinhar a ordem das cartas, antes que elas fossem embaralhadas, isto é,

fazer uma previsão. Rhine concluiu, desse modo, que o dom da profecia é uma realidade (precognição).

Finalmente, Rhine procurou demonstrar que a mente humana é capaz de influenciar a matéria de longe, sem usar meios físicos. Nesse teste foram empregados dados que eram jogados e as pessoas testadas orientavam as partes que deveriam cair voltadas para cima. Caso o número escolhido, por exemplo, fosse 7, os pares de dados teriam que apresentar para cima 1-6, 2-5 e 3-4. Por esse processo comprovou-se a existência da telecinesia, no caso psicocinesia.

Dr. Carlos Rizzini tenta tornar evidente que o movimento espírita, instaurado por uma plêiade de pensadores e experimentadores, recebeu variadas contribuições de trabalhadores alheios à

codificação do Espiritismo. Citou, como exemplo, o caso do médico Car Wickland, psiquiatra com seu livro **Trinta Anos Entre os Mortos**, em que relata seu trabalho de cura de pessoas mentalmente afetadas por espíritos enfermiços e o esclarecimento destes últimos através da mediunidade de sua esposa que incorporava as entidades envolvidas.

Fala sobre o livro do engenheiro brasileiro Hamilton Prado, intitulado, **No Limiar do Mistério da Sobrevivência**, que relata o que viu e sentiu, durante o despreendimento da matéria em uma viagem ao baixo mundo espiritual.

Lembra também o escritor chinês Lin Yutang, quando, em seu livro **Momento em Pequim**, trata do caso da senhora Yao, mulher rica e prepotente,

perturbada pela influência vingativa de um espírito de uma criada que levara ao suicídio.

E vai por aí uma série de citações que não achei necessário catalogar na mente porque hoje em dia existem milhares de livros espíritas e esses fatos para mim já são verdades absolutas.

Comecei a dar-me conta de que também não passei minha vida, tão afastado da busca espiritualista, como julgava. Comecei a notar que muita coisa dita por intelectuais de diversas nacionalidades, realmente já tinha tido conhecimento por outras palavras e também não nutria nenhuma dúvida ou curiosidade sobre o assunto. Comecei a ser menos rigoroso para comigo mesmo. Compreendi que meu espírito, nesta encarnação, não parara, continuava sua

evolução, franzina e defeituosa, mas continuava. Entendi que eu tinha começado pela prática mediúnica e desprezado a teoria no todo. Agora buscava a teoria, em muitos pontos, que a prática não pudera me completar. E eram muitos. Muitos mesmo, e essa assimilação que eu agora buscava, como um viajor sedento procura água no deserto, dar-me-ia algum equilíbrio. Urgia correr atrás do prejuízo. Porém, como sempre, as pessoas que perdem alguma coisa procuram uma consolação. Meditei: _ e se eu não tivesse há trinta anos, na flor da idade e das paixões carnal, despertado, para essas verdades, como seria agora? E situei-me como alguém que vê uma fila enorme à sua frente para chegar ao caixa do banco; começa a ficar, impaciente, contando os segundos, os

minutos e, quando olha para trás, vê que a fila é muito maior para chegar ao ponto onde ele já se encontra e que, embora a situação não tenha mudado, um alívio, um conforto lhe invade não por os demais terem que passar pelo desconforto pelo qual passou, mas por já ter superado alguns obstáculos.

Quando estava nessas divagações, assimilei um conselho de meu mentor espiritual: *"Se o tempo é pouco, procure administrá-lo muito; eliminando o supérfluo de sua busca e se concentrando no que realmente tem peso em suas necessidades"*.

Isto me bastou para passar ao largo daquelas citações bibliográficas, daqueles nomes famosos, daqueles pensadores que empolgaram o mundo. Afinal, não estava na busca da certeza da exis-

tência do espírito, da comprovação de suas interferências nos seres encarnados. Todas essas certezas eu já possuía... Estava procurando o que não sabia:
_ Como se processam os impulsos no inconsciente das pessoas, gerando todos os desejos e necessidades do nosso dia-a-dia? Como bloquear ou assimilar esses desejos? Como entender e perceber essas vibrações? De onde vêm, por que vêm, por que existem... Era essa minha meta maior.

Lembrei-me de ter lido, no próprio livro, no começo, uma citação do Dr. Rizzini em que Karen Horney diz em seu livro **Nossos Conflitos Interiores** que, entre outras coisas, o indivíduo, para modificar-se, *"precisa criar o seu sistema de valores"*. Ora, seguindo a orientação do meu guia, estava naquele

momento criando um sistema de valores para a meta a alcançar. Estava deixando de lado coisas que considerava supérfluas (para mim) e concentrando-me num objetivo de busca.

O livro já estava me ajudando; o conceito de Karen Horney enquadrava-se por inteiro no meu objetivo, pois, nessa busca, eu iria com todo o empenho de minhas forças, passando ao largo pelos atropelos da vida, que reconhecia serem muitos, mas tinha a certeza de serem os mais leves, dentro da escala de meus merecimentos.

Passou-me rápido pela mente quanto tenho sido ajudado pela espiritualidade. Como Deus tem sido generoso para comigo. Por quê? Tenho certeza não ser um bom filho. Sou egoísta e orgulhoso acima de tudo. Logo, os dois maiores

defeitos que não suporto nos outros. Memorizei a relação dos dezesseis itens dados pelo Dr. Rizzini para quem precisa modificar-se e verifiquei, com vergonha, angústia e apreensão, que não me enquadrei em apenas cinco: sinta-se infeliz, só trabalhe por dinheiro ou projeção social, não trabalhe bem, não tolere ficar só e use o próximo como objeto para satisfazer desejos ou conseguir vantagens. Os outros onze me pegaram em cheio. Tenho todos.

Vejam só que loucura, eu, com mais de 60 anos, com quase todos os defeitos do mundo, como diria o nosso bom irmão José Luiz de França - *"Já com a cara cheia de cabelo e bigode brancos, como gato velho de hotel"*, querendo, ainda nesta encarnação, recuperar o tempo perdido.

Lembrei-me de quanto já fui ajudado, pela graça de Deus, através de meus guias espirituais, nas mais difíceis tarefas de minha vida e por certo eles me ajudariam nisto que considero o mais importante empreendimento de minha existência.

Transportei-me aos anos 70, estudante de Comunicação Social, diretor de uma emissora de rádio em Pernambuco, membro da diretoria da Casa dos Humildes, instituição espírita em construção no bairro de Casa Forte, Recife-PE programada para abrigar 100 velhinhos de ambos os sexos.

Tinha meus poucos minutos disponíveis tomados pelos trabalhos dessa obra, sem falar nos compromissos mediúnicos no Centro Espírita Mensageiro do Bem, no bairro do Jordão, Jaboatão-

PE, com a nossa inesquecível médium Joana Norberto do Nascimento, cega, desencarnada em 1991.

Na Faculdade, ia me safando como podia nas matérias curriculares, pela experiência que tinha como militante no ramo de comunicação. A maioria das cadeiras do curso exigia trabalhos de que eu participava intensamente, sem grande esforço, todavia, a cadeira de Redação era diferente. Os trabalhos e-ram individuais e exigiam mais dos alu-nos.

Treinávamos técnicas de concentra-ção mental em locais abertos. Esses e-xercícios até que me ajudaram muito nos trabalhos mediúnicos. Normalmen-te, exibia-se um filme, preferencialmen-te um desenho animado, sem mensa-gem, com variados enfoques. Termina-

va a projeção, nos reuníamos em grupos de três pessoas, em mesas triangulares de cores variadas. Dois sistemas sonoros conflitantes eram então ligados, com uma intensidade de volume suportável, mas por certo perturbadora. Normalmente tocava um roque apressado e um twist, ou coisa parecida. Neste ambiente “acolhedor e tranqüilo” tínhamos de 10 a 15 minutos para cada qual fazer sua redação sobre o filme, dar a sua interpretação. Com o passar do tempo, nesses exercícios, já conseguíamos fazer alguma coisa com pontos criativos.

Chega o final do semestre e o professor Carlos Borromeu, recém-chegado da Europa, Itália, mais precisamente; amigo ao extremo, companheiro, farrista, porém exigente como ele só, definiu

o tema para a redação final, para a nota geral da cadeira: Meu Mundo.

Como podem perceber, era um tema vasto, abrangente e, ao mesmo tempo, individual sobre todos os aspectos. Tema difícil de escrever e mais difícil ainda de escolher o enfoque a ser abordado. Necessitava de muito tempo e concentração, coisas de que não dispunha. Todos os alunos, a maioria jovens estudantes somente, outros não tão jovens, porém com disponibilidade de tempo e condições, entregaram logo seus trabalhos. Eu fiquei administrando da melhor forma, o prazo. Até que um dia Borromeu me disse: *"Nilson, amanhã, quarta feira, termina o prazo para a entrega dos trabalhos. Aguardarei até as 10:00 horas da manhã"*.

A Casa dos Humildes estava numa fase de grandes decisões e tinha justamente uma reunião noturna marcada para a terça-feira, importantíssima e eu não poderia faltar; como na realidade não faltei. Cheguei à minha residência faltando quinze minutos para a meia noite, não cansado, porém sonolento. Tentei ler alguma coisa para me inspirar. Não tinha nem idéia de por onde começar. Peguei o Evangelho, abri a esmo, procurando inspiração para o assunto, como sempre fizera nos momentos difíceis. Todavia agora não estava dando certo. Os temas abordáveis eram os mais antagônicos. Orava, abria novamente: a mesma coisa. Desisti e, como todas as pessoas que se vêem vencidas procuram se enganar, procurei provar a mim mesmo, que as razões justifi-

cavam meu ato, pois atrasara a tarefa por “motivos nobres”. Tentava convencer-me de que, no outro dia, antes das 10h entregaria o trabalho que levei quase trinta dias para iniciar.

Porém, uma inquietação começou a tomar conta de mim. Precisava concluir a cadeira de Redação, seletiva para a matrícula em outras matérias, e estava acuado. Em poucos segundos, as justificativas que dava a mim mesmo já não me convenciam e chegara à conclusão de que o responsável por todas aquelas aflições por que estava passando, por aquelas apreensões, por aquelas necessidades não atendidas, por aqueles prenúncios de frustrações, era eu mesmo e não os meus afazeres.

Implorei a Deus que me desse, por misericórdia, forças para tentar fazer o

trabalho. Pedi ajuda a meus mentores espirituais, mesmo sabendo não ser digno dessa ajuda, tantas vezes oferecida e tantas vezes desperdiçada. Mesmo assim, reconhecendo não ter merecimento, reconhecendo minhas imperfeições, minha irresponsabilidade, principalmente com as coisas que dizem respeito a mim mesmo, a meus interesses pessoais, à minha sobrevivência, à minha segurança e dos meus familiares e sabendo, acima de tudo, que precisava passar por todas essas dificuldades que ora enfrentava para me regenerar, para ser mais cônscio de meus deveres, de minhas responsabilidades. O sono venceu-me.

Acordei na quarta-feira e corri para a Rádio. Estacionei o carro, como de costume, cumprimentei o vigia, andei pelo

pátio, segui para meu gabinete. Tinha uma idéia fixa, uma quase certeza de que iria fazer uma boa redação e entregar a tempo.

Coloquei a caneta e muitas folhas de papel na mesa redonda que servia para reuniões com os funcionários. Acredito que, no inconsciente, sabia que iria receber uma psicografia de algum amigo espiritual. Deixei tudo pronto e, em seguida, fui até a varanda da Rádio Olinda, contemplei a paisagem como sempre fazia, enquanto orava. Voltei à sala, peguei a caneta e saiu:

Naquele dia, procurava definir meu mundo. E, no alheamento momentâneo de que fui tomado, aproximei-me da velha varanda colonial da Rádio Olinda e olhei para o mar,

como já fizera, tantas e tantas vezes. Somente que, agora, procurava vagar sobre as águas, numa grande jangada de ilusões, onde os sonhos não pudessem ser perturbados. O mar tinha a cor chumbo da saudade. Era o reflexo das nuvens tempestuosas e ciumentas, que brigavam com o sol, impedindo o beijo da manhã em sua intensidade. Nenhuma vela, nem jangada, nem pescador. Alguns barcos ancorados junto aos arrecifes, movimentavam-se ao sabor do vento, num ritmo ritmado. Pareciam escolares em exercícios de educação física.

No alto mar, as ondas chocavam-se nos corais enxeridos que se distanciaram dos companheiros, para beijá-las primeiro. Havia no ven-

to, no cantar dos cibitos que escaparam à exterminação da espécie, na tonalidade suja e confusa dos telhados, nas roupas que começavam a ser estendidas nos arames, no balançar das árvores, na antena da rádio, que parecia correr em sentido contrário às nuvens, na própria Rua do Sol, por onde passo, diariamente, muitas vezes, sem olhar, uma beleza, uma alegria, tão contagiante, que eu, confuso em meus pensamentos, não soube definir se tudo aquilo estava em mim, ou vinha a mim. Pausa, silêncio em minha indagação. Liguei-me de súbito ao mundo exterior, o locutor anunciava oito horas e cinco minutos. Rodava um comercial de uma aguardente qualquer. O som de uma buzina de

carro, gritos alegres de crianças na rua, ruídos de patins na calçada, vozes, a vida vivendo.

Meus pensamentos rápidos entrelaçavam-se, soltavam-se, confundiam-se, ajustavam-se novamente, como se eu tivesse o direito de perpetuar todas aquelas meditações, comer o mundo, beber a vida, adoçada de felicidade. Rebelei-me, despertei, o telefone tocou. Fora engano.

O mar continuava na mesma cor... As nuvens... Os telhados... Somente eu não via todo aquele esplendor, que pude ver, quando quis ver... meu mundo.

Assinou, Amaro.

Como as letras, pela velocidade com que foram escritas, eram muito grandes e as palavras chegavam às vezes até a ocupar uma pauta inteira, cuidei logo de traduzir, abaixo de cada uma delas, em letras de forma e pedi à secretária para datilografar todo o conteúdo da mensagem, sem tirar ou botar uma vírgula.

Enquanto a secretária datilografava, eu entrava num estado de espírito que variava entre alegria e perplexidade, deleite e gratidão. Meu querido mentor Amaro tinha-me ajudado mais uma vez. Assinei o trabalho, com meu nome e entreguei a tempo ao professor Carlos Borromeu. Afinal fui eu quem escreveu.

Pensando tudo isso, comecei a meditar na forma como os espíritos passam para nós as suas idéias, seus conselhos, suas ajudas. Médium psicógrafo consci-

ente; limitei-me, nesse poema retrato, como que a ouvir um ditado muito rápido, sem saber aonde iriam dar aquelas palavras, todas aquelas conjugações de idéias. O espírito Amaro começou mostrando tudo que existia ao redor de mim e só depois chegou ao tema; só ele sabia o que ia dizer, como iria fechar o raciocínio. Quando, no decorrer da psicografia, o telefone tocou, foi registrado na composição, parei a escrita, corri para atender e, ao voltar, a comunicação continuou exatamente com a frase *fora engano*, que iniciaria a complementação da mensagem. Ele usou exatamente o número de folhas de papel disponíveis. Fechou a composição precisamente no fim do papel. Só ficou lugar para assinar: **Amaro** em nome de Deus. Ao mesmo tempo em que me ajudou num

problema de ordem pessoal, não perdeu tempo para reforçar minha fé na espiritualidade e a convicção de minha mediunidade, naquele tempo, muito vacilante. Essas divagações davam-me novas forças, ou melhor, exteriorizavam forças velhas armazenadas dentro do meu Eu. Compreendi que as experiências vividas são as maiores armas de que o ser vivente dispõe, no enfrentamento das situações adversas. E sabia, por experiência própria, que meus mentores espirituais, mesmo sem eu merecer, estavam sempre comigo, ajudando-me, orientando-me na procura do caminho para a modificação interior.

Deixei de lado as meditações gratificantes em que tinha entrado e voltei à leitura do livro **Evolução Para o Ter-**

ceiro Milênio. Precisava compreender todos aqueles ensinamentos.

Dr. Rizzini, já no fim do 1º capítulo (origens do Espiritismo), diz não ter a-presentado mais que um esboço sobre os aspectos históricos referentes ao de-senvolvimento do Espiritismo. Diz que fatos, fenômenos, pesquisadores, publi-cações, etc., são bastante numerosos e, portanto, somente algumas evidências mais marcantes puderam ser enumera-das. Diz não ter se aprofundado no as-sunto em virtude de o objetivo do livro ser alcançar um conhecimento doutriná-rio suficiente à reforma espiritual. To-davia, dá uma relação de alguns livros que transcrevemos abaixo para o leitor que desejar ampliar sua instrução a res-peito de fenômenos e investigação, sá-bios e médiuns.

São os seguintes livros, indicados pelo autor Dr. Carlos Rizzini:

1 - G. Delanne	O Fenômeno Espírita e o Espiritismo Perante a Ciência
2 - A. Erny	O Psiquismo Experimental
3 - A. Aksakof	Animismo e Espiritismo
4 - A. Conan ole	O Espiritismo
5 - C. Imbassahy	O Espiritismo à Luz dos Fatos
6 - P. Granja	Afinal, Quem Somos?
7 - N. de Faria	O Trabalho dos Mortos
8 - Z. Wantuil	As Mesas Girantes e o Espiritismo

E diz que: *“O leitor poderá ainda procurar livros assinados por Richet, C. Crookes, Wallace, Crawford, D. Bradley...”*.

3ª

REFLEXÃO

O ser humano, o ser vivente, habitua-se à familiaridade com as desordens do dia-a-dia e não se apercebe de que essa convivência passiva com essa seqüência de forças, sem que haja reação de sua parte, como que remando a favor da maré das violações, obriga-o a outra formulação de valores, contraria as leis do Universo (leis espirituais e materiais). Sem notar, o indivíduo passa a fazer parte dessa anarquia espiritual e é conivente com ela, fazendo jus também às suas conseqüências.

Urge, portanto, contrariar essa ordem degenerativa, para que o espírito pouco a pouco vá vencendo suas más tendências, libertando-se desse círculo de afinidade e percebendo cada vez mais a ordem, a justiça, o amor e tornando-se consciente de suas reais necessidades.

O princípio central da Lei Divina é a evolução do espírito e esse processo de desenvolvimento consiste na renovação constante dos valores espirituais. Para essa modificação, inúmeras vidas são necessárias no plano carnal, onde o espírito inicia ou recapitula experiências anteriores, sempre no sentido do autoaperfeiçoamento.

No aprendizado; muitos se unem na tarefa, instruindo e aprendendo ao mesmo tempo. São espíritos encarnados

ou fora da matéria. São antigos companheiros e amigos, como também velhos desafetos e novos conhecidos. Gostos e atitudes diversos, maneiras diferentes de pensar, conflitantes em alguns aspectos e sintonizadas em muitos outros.

Desses antagonismos, dessas formas individualistas de atitudes, nascem as combinações de perdão, de cobrança e de indiferença também. Nascem os fracassos, as angústias, as alegrias e as vitórias; aspectos intrínsecos das verdades conquistadas, somente viáveis com essa interação de pensamentos, sempre em direção ao Progresso Maior.

Nesses encontros as pessoas gozam do direito de decidir qual a atitude a ser tomada nessa ou naquela questão. É o livre arbítrio de cada um. Após a decisão, após o ato praticado, já não cabe

mais ao ser modificar a conseqüência do ato e sim gozar ou sofrer a reação desencadeada.

Assim disse Jesus: *“Cada qual, segundo a sua obra”*. Desta forma está escrito no livro **Evolução Para o Terceiro Milênio:** *“Gozam as pessoas normais de liberdade para decidir e agir de acordo com a decisão. Porém, elas não podem suspender o efeito de suas ações: a cada ação corresponde uma reação igual e de sentido contrário, que se volta em direção ao autor. A este cabe, pois, enfrentar as más conseqüências de seus atos passados, por meio da expiação e da reparação. Tal é o princípio de causa e efeito (ou de causalidade). O que pensamos e fazemos tem influência sobre os outros. A semeadura é livre, mas a colheita é o-*

brigatória; o próprio agente deve reabsorver os efeitos do mal e alegrar-se com os do bem praticado”.

Ficam com este conceito explicados, esses acontecimentos, que escapam a qualquer previsão do bom censo, que contrariam todos os planejamentos e precauções, essa faixa de determinismo, referente ao passado culposo, sobre o qual não podemos aplicar a liberdade de escolher.

Continua o livro: *“Vê-se bem que os problemas decorrentes das situações interpessoais preenchem numerosas vidas de um espírito conforme a atitude predominante dele: ou ele quer para os outros o que deseja para si ou quer mais para si do que para os outros. No primeiro caso, o relacionamento é de igualdade e solidariedade e a atitude de*

cooperação, constituindo o único caminho do progresso real por deixar o espírito livre de reações perturbadoras. No segundo caso, é obrigado a prejudicar o próximo criando laços inferiores que o prendem aos círculos do mal".

Vai além o Dr. Rizzini, ao concluir: *"É de ver que o mal atrai o mal e os espíritos imperfeitos punem-se uns aos outros. Daí promana o sofrimento, que representa o resultado da violação da Lei..."* Com este enfoque menos religioso, o livro apresenta, de maneira mais realista, mais direta, a aplicação do princípio da causalidade, nas relações espirituais, como fator gerador dos sofrimentos e também das alegrias, reservados aos espíritos na matéria ou fora dela.

Meditei em quantas coisas erradas fiz em minha vida e que prejudicaram, de uma forma ou de outra, entes queridos, pessoas a quem muito amo, amigos que me auxiliaram em momentos decisivos, que sempre ouviram meus problemas, que sempre vibraram com minha felicidade. Quanto me arrependo desses atos que, embora tenham sido analisados e ditados pela minha razão, sem nenhum dolo, no momento da ação não foram enquadrados devidamente nos mínimos detalhes. Faltou o coração. E bem que podiam ter sido gerados sem ferir, sem levar a mágoa aos corações amigos envolvidos que tanto prezo.

Quantas pessoas que me lêem neste momento também não tiveram atitudes das quais hoje se arrependem, mas que não puderam fugir às conseqüências.

Felizes aqueles cujos males causados foram reparáveis, ainda nesta encarnação. Felizes aqueles que, com um aperto de mão, um abraço, um desculpe-me, perdoe-me, ou mesmo uma cervejinha gelada, puseram fim ao agravo. Houve a reparação ou parte dela. Quantos há, porém, que, pela intensidade vibratória da falta, pelos danos causados, terão que sofrer e amargar as conseqüências de seus atos, por longos dias, ainda nesta vida, ou carregarão essas dívidas por outras encarnações, até que possam anular os seus efeitos, com ações positivas, reparatórias, de igual intensidade.

Mostra-nos o Dr. Carlos Toledo Rizzini quanto é necessário à noção de dever, para podermos usar nossa liberdade e assumir responsabilidade. Define o Dever como: “*Dever é a necessidade de*

fazer ou não fazer determinada ação, segundo decisão da consciência”. Define a Responsabilidade como: *“É a capacidade de enfrentar as conseqüências de seus atos, sem calar nem mentir para inculpar o próximo”*. Dever e Responsabilidade caminham juntos com o homem de bem, com o espírito consciente de suas obrigações para consigo mesmo e para com os seus semelhantes. Não existe dever sem responsabilidade. Não existe responsabilidade sem dever. São dois preceitos interdependentes um do outro. O não cumprimento de um dever acarreta ao espírito responsabilidade pelas conseqüências geradas.

A noção de dever e responsabilidade está em todos os espíritos e pessoas, independente de cultura, religião, cor, nacionalidade, posição social... Constata-

mos esse dever, essa responsabilidade, até nos animais irracionais, quando na defesa da espécie, na alimentação, na orientação dos primeiros momentos de seus filhotes, etc.

A maioria dos conflitos humanos tem origem na falta de responsabilidade para com os deveres assumidos. É o patrão que não respeita os direitos de seus empregados, o empregado que não cumpre suas obrigações para com a empresa que o remunera, o esposo que não cumpre suas obrigações matrimoniais, o aluno que não estuda, o político que não honra seu mandato... E vai por aí uma série de descalabros, própria dos espíritos imperfeitos, geradores de cobranças compulsórias, pelas violações do livre arbítrio.

E, nesse campo, nesse campo magnético, diz o livro: *“O relacionamento entre espíritos é regido pela sintonia vibratória que vem a ser o grau de semelhança das vibrações de dois deles... Por sua vez, a natureza das vibrações depende do estado moral que, afinal, governa a posição e as relações do Espírito. Portanto, a sintonia vibratória é uma expressão física da afinidade moral: os semelhantes atraem os semelhantes”*. Dessa maneira, não podemos fugir à companhia espiritual que os nossos pensamentos e sentimentos atraem para junto de nós, a não ser que elevemos o nosso padrão vibratório: a inteligência e a moralidade. A inteligência amplia a capacidade de conhecer e manejar as coisas. A moralidade apura os sentimentos.

E prossegue o Dr. Carlos Toledo: *“Em cada vida, o material adquirido nesses campos de atividade ressurge como aptidão ou vocação, tendência e impulso, dando uma orientação mais ou menos uniforme. Suas bases são a justiça e o amor. A justiça declara que todas as criaturas são irmãs e recebem oportunidades equivalentes: as desigualdades não derivadas de diferenças de aptidão irão desaparecendo com a transformação interior das pessoas no sentido prescrito pela Lei. O sofrimento, a dor, a enfermidade, não são fatores evolutivos propostos pelo Criador, mas apontamos acima, conseqüências de violações e, ao mesmo tempo, fatores de reajustamento, regeneração; assim, o próprio ser humano faz do sofrimento um fator de evolução nos planos inferi-*

ores...” e concluiu à sua maneira que, com as mudanças do próprio Eu interior, para melhor, todos os males serão substituídos por bens.

O amor manifesta-se na tolerância, na misericórdia, na ajuda que os nossos mentores, os mensageiros da luz, prestam a todos nós, espíritos carentes, dando sempre novas oportunidades, pela graça de Deus, a todos que desejam realmente se modificar.

Estávamos entrando novamente nas mesmas repetições de palavras, as mesmas que vínhamos ouvindo pela vida toda: para sermos felizes, temos que fazer o bem sem olhar a quem. Temos que perdoar sempre; temos que fazer aos nossos semelhantes o que gostaríamos que eles nos fizessem: perdoar 7 vezes 70 aqueles que nos ofenderam...

Palavras... Tão escutadas durante a minha vida, desde pequenino. Tão repetidas por mim mesmo, para os outros, até com bastante ênfase.

Na minha vida há momentos em que pareço ser um anjo, há outros que me igualo a um demônio. Na leitura do livro, estava acontecendo o mesmo: há poucos instantes, estava radiante, curioso, esperançoso, expansivo com a perspectiva de conhecer-me a mim mesmo. Conhecer as forças boas e ruins que existem dentro de mim. Saber como domá-las, como vencê-las. Agora... Começava a impacientar-me, a entediar-me novamente. Tudo aquilo eu já sabia. Sabia que tinha que amar; sabia que tinha que perdoar; sabia que tinha que ser justo; sabia que tinha que ser honesto; sabia que tinha de ser bom, menos orgu-

lhoso, menos egoísta... Sabia... O livro estava começando a ficar mudo, não me dizia mais nada. Aí, alguém soprou no meu ouvido: _ "Quem sabe sem praticar é mais culpado ainda".

Aquilo foi uma alfinetada na minha careca. Comecei a voltar a ler o que já tinha lido, recapitular páginas inteiras. Não encontrei nada de novo. Nada mudou, eu é que mudei. Veio-me de novo a paciência, a esperança de encontrar a senha tão procurada.

Estava escrito em negrito: **Corpo e Perispírito: Fluidos**. "*O corpo é o instrumento que o espírito usa para atuar nos mundos materiais. Precisa, portanto, atender às necessidades dele, aos objetivos que ele traz ao encarnar. O corpo é considerado um produto ideoplástico do espírito: logo após a fecun-*

dação o espírito reencarnante une-se, por um cordão fluídico, ao ovo e, por meio dele, influencia automaticamente a formação do embrião e do feto; por isso, o estado de perturbação ou embotamento da consciência não impede que o espírito imprima suas características básicas em o novo ser. Conseqüentemente, o organismo reflete o estado daquele".

Dr. Rizzini explica que as doenças físicas não passam de distúrbios do perispírito, transpostos para a carne, que promove o tratamento das imperfeições do espírito em si. Recebemos o nosso corpo ajustado às nossas necessidades evolutivas, tendo os mentores da esfera superior, atuando sobre os cromossomos do ovo, produzindo as alterações indicadas para nossa futura melhoria,

inclusive defeitos impostos por necessidades expiatórias.

Perispírito *“Nos mundos espirituais, o espírito usa como veículo de manifestação um corpo especial que, no Espiritismo, se chama perispírito (também dito: corpo astral ou fluídico). No encarnado, ele funciona como intermediário entre o espírito e o organismo, governando a formação e o funcionamento deste”*.

O perispírito é constituído de matéria em outro estado de vibração. É indestrutível, porém pode ser lesado e mutilado e até perder substância, em face da persistência no mal. Reage ao estado moral do espírito e molda em função disto a sua forma exterior, chegan-

do, em alguns casos, a assumir formas animalescas.

Se cometermos suicídio com um tiro no peito, o perispírito ficará ferido e ensangüentado por longo tempo, refletindo esse ferimento no novo corpo material a ser formado. Se o suicídio for por ingestão de um cáustico, o corpo poderá ter uma lesão na faringe e assim por diante.

Segundo o autor: *"Pensamentos e sentimentos reagem constantemente sobre o corpo fluídico, tornando-o mais denso e sombrio se forem maléficos ou mais leve e luminoso se forem benéficos. Ele emite radiações que variam de natureza e intensidade, conforme o estado mental do seu portador. Tais emissões são formadas de fluidos. Em síntese, é um verdadeiro arquivo, de tudo*

quanto o sujeito aprendeu, experimentou e assimilou: recordações, conhecimentos acumulados, vidas passadas, etc., têm nele seu registro”.

Dr. Carlos Toledo segue avante: *“Os chamados “concomitantes orgânicos” das emoções, como ansiedade, ódio, medo, são sintomas físicos de desarranjos funcionais, provenientes de estados de espírito, que atingem o corpo através do perispírito”*. Continua **o** médico escritor: *“Uma pessoa ansiosa pode precisar ir ao banheiro freqüentemente, comer demais, etc. Sua matéria deixa-se modelar pela força do pensamento e assim os espíritos podem mudar a aparência, se o quiserem, sem alterar, é claro, a natureza íntima”*. E mais adiante: *“Recentemente, a existência de um corpo fluídico nos seres vivos rece-*

beu inesperada confirmação da ciência materialista. Físicos russos criaram uma câmara de alta freqüência, na qual se tornou perceptível, para surpresa deles uma parte imaterial nos animais e plantas, a que deram o nome de corpo de energia ou corpo bioplasmático. Essa energia, os cientistas informam que é de natureza desconhecida”.

E o escritor dava seguimento às suas explicações sobre o perispírito. Mostra-nos a prova espiritual sobre sua realidade, citando: *“O desdobramento, pelo qual o indivíduo percebe a si mesmo, afastado do corpo, que se acha entorpecido e pode se manifestar à distância (bicorporeidade ou bilocação) e as aparições de variada natureza”* tão citadas por grande número de pessoas.

Enquadrei essas provas espirituais em experiências vividas pela médium Carmem Lúcia, minha mulher. Sobre o desdobramento, conta-nos ela que, quando criança, na idade entre 9 e 10 anos, costumava ir à praia de Boa Viagem, em Recife - Pernambuco, em companhia de sua mãe, Sra. Dolores Griz. Como toda criança nessa faixa de idade, os vestidos, os sapatos, um relógio de pulso, um brinco, um trancelim, enfim, tudo que usa principalmente nos primeiros dias, desperta-lhe uma vaidade, uma curiosidade sobre o que as outras pessoas estão pensando sobre si.

Um misto de satisfação e orgulho interior, como bem expressou o criador do comercial para televisão, "1º Soutien Valisère" da Agência W/Brasil, veiculado nos anos 80, tão conhecido dos que

viveram a época. O comercial mostrava uma garota com doze para treze anos (interpretada pela atriz Patrícia Lucchesi), voltando da escola e encontrando em cima da cama um soutien que os pais lhe presentearam. Mostra a alegria e a emoção em seus olhos. A curiosidade de como ficava a sua imagem no espelho do quarto vestindo a peça e, finalmente, quando caminhando pelas ruas da cidade, rumo à escola, o orgulho e a vaidade, ao perceber estar sendo notada pelos outros adolescentes, dentro da multidão, como uma mocinha bonita e não mais criança. Esse comportamento não poderia ser diferente em Carmem Lúcia. Somente que, no caso, sua curiosidade sobre como se apresentava no espelho e como era notada no meio da multidão era satisfeita de um modo di-

ferente: ela se transportava para fora do corpo e olhava-se à distância, como se fosse outra pessoa acompanhando pelo olhar o passeio daquela menina. Via como estavam seus cabelos por trás, como era o seu andar, seu corpo, enfim, todos os detalhes que percebemos e analisamos nas pessoas que são alvo de nossas observações.

Comentava com sua mãe sobre o que estava fazendo e Dona Dolores ficava nervosa, rezava, pedia para a Carmem Lúcia não contar o fato a ninguém, dizia que era "coisa de doido".

Sobre aparições, a médium tem dois casos, entre tantos outros, que lhe marcaram profundamente, pois evitaram acidentes gravíssimos, envolvendo inclusive nossos filhos e concorreram muito para a solidificação de sua certeza sobre

a interferência da espiritualidade em nossas vidas.

Em meados de 1972, trabalhávamos havia poucos dias em um laboratório farmacêutico na cidade de São Luiz do Maranhão (Quimicanorte) recém-implantado, ocupando o cargo de Gerente de Pesquisa e Mídia. A função exigia viagens constantes a estados da região e principalmente, do sul do País. Exatamente no dia de São João encontrava-me viajando e minha mulher, Carmem Lúcia, foi com dois casais amigos, Edesio Castelo Branco e Neusa, Job Rabelo e Darcy e seus filhos, em dois carros, conhecer as festividades no centro da cidade, pois esses amigos também eram de Recife e tínhamos ido juntos para São Luiz, na mesma empreitada.

Ficaram todos deslumbrados com as festividades, bem diferentes das tradicionais dos outros estados nordestinos. Eram aproximadamente três horas da manhã quando os amigos despediram-se de Carmem Lúcia para voltar para casa. Carmem disse que demoraria mais uns 10 minutos até terminar uma atração em que ela e as crianças estavam interessadas. Passando esse tempo, quando manejava o automóvel para sair do estacionamento, viu aproximar-se um guardador de carro que lhe perguntou se iria passar pelo Cruzeiro do Anil. Ela não soube responder, por estar morando em São Luiz havia pouco mais de um mês. Não terminou de explicar isto ao guardador e já estava junto do carro uma jovem, o que deu a entender ter sido ela que procurara o rapaz, na intenção de

conseguir uma carona. A estas alturas, o "diálogo" passou a ser diretamente com a interessada que, sem dizer nada, apenas com um olhar forte e meigo, parecia agradecer antecipadamente a resposta que lhe seria dada*: "Eu a levo, desde que me ensine o caminho"*. _ Um sorriso de agradecimento, a porta foi aberta e a moça acomodou-se no banco dianteiro do veículo.

Era uma jovem bonita, de uma beleza sóbria e meiga; aparentava mais ou menos 20 anos. Magra, alta, elegante. Cabelos lisos, pretos, de um brilho incomum, emborcados à altura do ombro, com uma franja sutil que lhe realçava o semblante, dando-lhe um aspecto jovial e, ao mesmo tempo, puro e sereno. Blusa branca, fazenda parecida com pele de ovo, usando por dentro uma combina-

ção também branca. Golinha redonda, da mesma cor. Saia em xadrez vermelho e preto, com listrinhas brancas, separando os conjuntos de cores à moda escocesa. Uma bolsa muito bonita e discreta em couro de crocodilo marrom, com uma plaqueta dourada, onde se lia pequeno nome que iniciava com a letra "N" em estilo gótico, dava um tom de equilíbrio ao conjunto. Sapatos pretos, sem meia.

Chamou a atenção de Carmem Lúcia que, em segundos, gravou todos esses pormenores, a moça estar vestindo combinação[13], quando, na época, a moda já havia sido eliminada.

A parte tradicional, a parte velha da cidade de São Luiz do Maranhão, o cen-

[13] COMBINAÇÃO - Vestido íntimo de tecido fino, com alças e porta-seios usado pelas mulheres até os anos 60.

tro, como era chamado, com seus casarios coloniais, suas ruas estreitas e tortuosas eram ligadas, aos demais bairros da cidade, por uma via principal de acesso, porém com os nomes de Av. Oswaldo Cruz, Av. Getúlio Vargas, Av. Cassimiro Júnior, Av. São Sebastião e Av. São Luiz Rei de França, que, para mim, constituíam o que apelidei de "Espinha de Jacaré". Rodávamos, rodávamos e, quando encontrávamos a "Espinha", seguíamos em frente até nossos destinos. _Todos nós morávamos no bairro do Anil, a uns 8 Km do centro da cidade.

Após tirar o carro do estacionamento, Carmem Lúcia perguntava à moça qual o caminho a ser tomado e ela, com um sorriso e um olhar, instruía a entrada nesta ou naquela rua. Nunca, ou melhor,

quase nunca falava e no momento em que o fazia eram afirmações baixinhas, mais expressivas pelo olhar ou pelo sorriso, não pelas palavras e mesmo assim, parecia, antes de responder, consultar alguém ao seu lado.

Minha mulher, ao contrário da passageira, muito alegre, expansiva, sempre puxando conversa. Nesse *“entra aqui, sai ali”*, Carmem Lúcia começou a estranhar a atitude da passageira. Apercebeu-se de que a mesma não falava e começou a impacientar-se, a incomodar-se. Foi quando, ao subir uma ladeira, observou que o combustível baixara muito, já havia rodado com a desconhecida quase uma hora e não sabia onde se encontrava. Uma irritação tomou conta de si. Afinal, o que estava fazendo, com seus filhos menores, rodando de madru-

gada por lugares que não conhecia, com uma estranha que não falava?

Chegou ao alto da ladeira, descortinou o horizonte, avistou a "Espinha de Jacaré" e disse irritada: *"Minha amiga, aqui vou lhe deixar. Você não fala, eu não sei quem você é e não vou passar o tempo todo andando sem saber para onde vou"*. A passageira deu um sorriso meigo, de uma simplicidade tocante, superior, compreensiva e abalou a médium que, recompondo o equilíbrio pelo abalo sofrido, conseguiu forças para vencer seu *"lado sentimental"*: freiou o carro bruscamente, passou o braço por cima da moça, abriu a maçaneta da porta e disse em tom ríspido: *"Aqui, a amiga fica!"*. Este *"fica"*, foi bem forte e pausado.

A jovem não modificou seu estado emocional, não denotou nenhuma desaprovação à maneira como estava sendo deixada. Desceu do carro, sem falar, deu um sorriso, que parecia dizer muitas coisas, desde um agradecimento, um adeus, ou até logo e desapareceu, *“virou fumaça”* à vista de todos que aguardavam atentos o desfecho da carona.

Foi um reboliço dentro do automóvel. A *“secretária doméstica”* Severina gritava temendo que a moça aparecesse novamente e induzia as crianças à mesma idéia. Só com muito controle emocional, Carmem Lúcia não se deixou contaminar por aquele clima. Afinal, apesar de ser uma médium em desenvolvimento, já possuía suficientes noções para encarar o fato como mais uma

experiência em sua vida. Já em casa, procurou controlar a todos e o sono fez o resto.

Horas mais tarde, quinze para sete da manhã, Edesio e Neusa bateram à porta. Vieram de casa, nervosos e apreensivos, pois ouviram no noticiário matinal da Rádio Difusora do Maranhão que a ponte da “Cabana Pai Tomaz”, na Avenida São Sebastião, no Cruzeiro do Anil, havia tombado pelo peso de um caminhão carregado de frutas e verduras e que três carros de passeio haviam se precipitado no vão aberto, havendo feridos, isto mais ou menos quinze minutos após a passagem deles pelo local.

A moça bonita, elegante, de beleza sóbria e meiga (tudo o que sabemos dela), simplesmente evitou o percurso de

Carmem Lúcia pela ponte e mostrou o caminho seguro.

Ainda em São Luiz do Maranhão, a médium Carmem Lúcia recebeu da espiritualidade outra afirmação de sua interferência, de sua presença materializada, de sua ajuda. Estava em casa, dez e meia da manhã, na cozinha, preparando um bolo. Junto estavam Severina e as três crianças, nossos filhos, Ângela Dolores, Ana Elizabeth e Jorge José, fazendo o que todas as crianças fazem, quando se está assando um bolo: beliscando, metendo o dedo na massa, perguntando... Levando repreensão. Alguém bateu à porta. Severina foi atender e com ela, toda meninada. Por fim, Carmem Lúcia foi chamada. Quem estava à porta era um senhor simpático,

estatura média, alvo, ruivo, aparentando uns 40 anos de idade, trajando conjunto verde claro, à moda Jânio Quadros[14], tão em voga na época. Portava uma pasta 007[15] marrom e um papel na mão. A pasta servia de prancheta e o senhor, olhando a papeleta, perguntou o que já devia ter perguntado a Severina: “*aqui é a casa do Sr. Nilson Ferreira de Melo?*”. Com a resposta afirmativa de Carmem, ele prosseguiu dizendo que tinha recebido um chamado telefônico do Sr. Nilson Ferreira para consertar o fogão.

---

[14]CONJUNTO JÂNIO QUADROS - Bata estilizada (slack) com 3 ou 4 bolsos, usada pelo Presidente Jânio Quadros (janeiro/agosto 1961) e que fez moda no Brasil.

[15]PASTA 007 - Bolsa chata de couro ou plástica, geralmente com divisões internas destinadas a transportar livros, documentos etc. Alusão à pasta usada pelo agente 007, James Bond da série policial em meados dos anos 60 exibida em cinemas. Naquele tipo de pasta o agente guardava um verdadeiro arsenal de guerra.

O nome Nilson Ferreira não soou muito bem nos ouvidos de Carmem Lúcia, pois sempre me identifiquei como Nilson Melo, porém o detalhe não iria influir na resposta: disse ser ali que eu morava, porém que devia haver um engano, pois nosso fogão era novo e não havia nenhum conserto a fazer. Estava perfeito e naquele exato momento estava esquentando o forno para assar um bolo. O senhor insistiu e disse que o Sr. Nilson Ferreira havia telefonado de casa e pediu urgência, por isso ele estava ali. Carmem disse que não havia telefone na casa e que eu estava viajando há mais de dez dias, por isso não poderia ter telefonado.

O profissional, mesmo com esses argumentos irrefutáveis, essas explicações de minha esposa, tentava contra-

argumentar, demonstrando certeza de que havia defeito a ser consertado e que fora chamado, sem se preocupar se a sua insistência estava ou não se tornando incômoda. Balançava com a cabeça, como quem está marcando um ritmo mentalmente, junto com suas indagações. Lia e relia a papeleta em cima da pasta. Ticava com a caneta esferográfica azul alguns tópicos do formulário, como se conferisse alguma informação e, ainda numa última tentativa, pediu para ver o fogão *"sem compromisso"*. Como minha mulher não permitiu e falou num tom que não chegava a ser ríspido, porém severo, o cidadão deu-se por satisfeito, como alguém que salvaguardou sua responsabilidade profissional, que cumpriu sua parte na tarefa que

lhe fora confiada. Deu um até logo e foi embora.

A médium voltou ao trabalho, desta feita sem as crianças. Perdera mais de cinco minutos naquela teima. Mal colocou o pé na cozinha, a mangueira do bujão de gás estourou, pegou fogo, com uma intensidade de labareda impressionante que chegava a bater no teto da casa. Com um cabo de vassoura foi fechada a válvula do bujão e o fogo apagou. Carmem Lúcia correu para chamar o homem. Ninguém o tinha visto.

Morávamos, no conjunto residencial, Bom Clima, no bairro do Anil, São Luiz, um condomínio militar fechado, com um soldado do Exército na entrada 24 horas ininterruptas, em revezamento, exigindo documentação às pessoas que não fossem moradores. Havia também

um soldado fazendo ronda, na única rua que existia, sem saída.

Ninguém o viu. O homem impertinente (muito parecido fisicamente com o pai da médium, desencarnado quando ela tinha dois anos de idade) havia retirado as crianças de junto do fogão.

4ª

REFLEXÃO

Comecei a entender que as coisas que muitas vezes pensamos e até vivemos sem perceber, que conhecemos sem saber, não são tão difíceis de comparar e aceitar, jogando-as de encontro aos conhecimentos adquiridos por outros irmãos nossos, na pesquisa, na vivência em longos, prolongados, laboriosos trabalhos com a finalidade de entender os fatos que surgem a cada dia; ligados aos fenômenos espirituais no sentido não de explicar o que "todo mundo sabe", porém principalmente, para que não haja dúvidas quanto ao enfoque científico,

quanto à veracidade do fato, quanto à autenticidade do fenômeno em questão. Lembrei-me de por quantas coisas eu tinha passado; de quantas provas e explicações tivera. _ Apenas não me apercebi ou não quis me interessar por interligar os fatos às experiências pesquisadas e escritas por outros. Compreendi que a ciência corre lado a lado com a verdade e tem de aceitar o desafio de explicar *"o que não tem explicação"*.

É, portanto, para que seja conseguida a explicação de todos os fenômenos mediúnicos, que os abnegados defensores da teoria espírita vivem sempre confrontando suas idéias com as conclusões de renomados cientistas, dentro de uma amplitude maior de estudos. Nessas pesquisas são abordados fenômenos, forças, dentro da física, da química, da

biologia... Fatos aparentemente desligados do contexto espiritual. São descobertos, vínculos que, por serem científicos, não podem ser descartados simplesmente, apenas, para não corroborar com outras verdades, já do conhecimento dos leigos. O pesquisador continuava suas explicações científicas e dizia: *"Fluido é a designação genérica de líquidos e gases. Dentro do Espiritismo, porém, a palavra ganhou um sentido especial, designando vários tipos de matéria mais rarefeita do que o gás. Ensinam os Espíritos e admitem alguns cientistas (como Haeckel*[16]*) que existe um princípio elementar, uma substância primária no Universo de cujas modificações e transformações procedem todos os corpos que conhecemos; é a ma-*

[16] Ernest Haeckel: (Biologista Alemão, 1834-1919).

téria cósmica, ou fluido cósmico universal de Kardec".

"O fluido universal apresenta dois estados extremos: um estado de eterização, no qual ele se mostra como vários tipos de energia que conhecemos (raios, luz, eletricidade, etc.) e um estado de condensação, no qual vem a ser a nossa matéria densa, tangível".

Continua o médico relembrando que *"matéria e energia são estados relativos da substância, podendo-se passar de uma a outra; já não é só a unidade da matéria, mas a unidade da substância. Entre os dois extremos, há numerosos estados intermediários _ que correspondem aos chamados fluidos; conquanto imponderáveis e etéreos, são tidos como formas rarefeitas de matéria, com outro padrão vibratório justamente*

dessa matéria que o perispírito é composto, tendo ele a propriedade de irradiá-la a certa distância”.

O mestre espiritualista prossegue tecendo comentários sobre os fluidos e vai procurando explicar-nos com uma linguagem científica, porém o mais próximo possível da compreensão de leigos como eu que, certamente, têm grandes dificuldades de entender aquilo que não podem ver, aquilo que não é palpável. Procura explicar que esses fluidos (que para nós são inconsistentes ou inexistentes), para os videntes são como feixes luminosos que escapam do corpo, para os espíritos são compactos e é o material que usam em suas manipulações. Os fluidos mais próximos da matéria formam a atmosfera espiritual da Terra, pesada e sufocante, segundo os

mentores. Essa característica resulta das emanações da mente encarnada, sempre cheia de negras preocupações e intenções nem sempre dignas.

Os espíritos atuam sobre os fluidos por meio do pensamento, orientando, modificando, dando-lhes formas, cores, propriedades químicas, etc. e dessa forma, produzem aparências, roupas, objetos, que podem exibir aos encarnados, muitas vezes assustando-os pelas produções terrificantes que apresentam. Eles criam objetos de que gostam ou desejam, mesmo inconscientemente. Por exemplo, um espírito que se julga vivo na terra, pode gerar (sem saber) um ambiente fluídico semelhante ao ambiente material que tinha antes de morrer. Ele pode permanecer trabalhando em um escritório montado ao seu gosto, sem se

aperceber de que aquelas instalações foram destruídas pelo fogo e que, no seu lugar, agora existe residência doméstica, habitada por outras pessoas.

Essas construções fluídicas interpenetram as construções materiais terrenas, ambas igualmente sólidas para os respectivos habitantes.

Neste ponto, rememorei experiências vividas em reuniões mediúnicas de desobsessão, em que irmãozinhos sofredores apresentavam-se em horríveis situações, por não aceitarem ver seu ambiente de trabalho, sua casa de morada, seus bens serem manuseados por outras pessoas, sem se aperceberem de que já não mais pertenciam ao mundo dos mortais, que aquele ambiente de trabalho, aquela casa de morada ou outros bens, materialmente não existiam, já tinham sido

consumidos pelo tempo, por uma fatalidade, ou modificados pela necessidade de progresso. No nosso dia a dia das reuniões mediúnicas, tivéramos convivido com essas experiências, que exigiram de nós, algumas vezes, criar ou reconstruirmos da mesma forma, num quadro mental, as recordações do passado, vividas por aqueles seres; representações ainda presentes em suas mentes e fazer comparações com as atuais. Quantas vezes, dessa maneira, tivéramos proporcionado ao espírito em sofrimento livrar-se da fixação no passado, compreender a sua real situação espiritual e iniciar uma nova etapa de vida.

Continua o Dr. Rizzini explicando que o espírito, encarnado ou não, possui uma atmosfera fluídica que se irradia em torno do corpo e que se chama Au-

ra. Portanto, dessa maneira o perispírito poderá emitir essas emanações fluídicas com maior ou menor intensidade ou a-inda orientar esses fluidos em uma de-terminada direção, se o quiser.

É dessa forma que, dirigindo-se as mãos sobre outras pessoas, com a inten-ção de beneficiar, permitimos e conden-samos a liberação de fluidos e realiza-mos o passe. Conseqüentemente, essas emanações perispirituais têm grande in-fluência sobre os outros; quando envi-am fluidos bons e salutares, as outras pessoas se beneficiam, mas se enviam fluidos pesados, maus orientados, inve-josos, rancorosos, procedentes de men-tes perturbadas, mal intencionadas, as pessoas se ressentem. Por esta razão é necessário que o médium passista esteja

com a mente e o corpo sãos, para poder ter êxito em sua tarefa.

Como vimos no começo do livro do Dr. Rizzini foi o sábio Franz Anton Mesmer que introduziu na época moderna a metodologia de cura pela imposição das mãos, aplicando o magnetismo animal como propriedade curativa do homem através das suas emanações fluídicas. Há de se levar em conta também que não somente o fluido do homem tem ação magnética de cura, porém também o fluido do espírito. Todavia, geralmente os espíritos cedem espontaneamente seus fluidos para que, combinados com os do passista, adquiram maior ação; isto tudo reforçado com a ação que a prece intensifica mais ainda.

Inicia o estudioso do espírito uma definição sobre as faculdades do espírito: aqueles pontos rápidos que havíamos lido sobre Mesmer, o sábio que contrariou a concepção da época, que foi expulso da França, que viveu seus últimos dias curando pela imposição das mãos numa cidadezinha da Suíça, estava novamente entrando em nossa consciência; estávamos começando a casar, não a aplicação prática das verdades a que tivemos acesso, mas as aplicações teóricas das verdades que insistíamos em desconhecer.

Veio-nos à mente o quanto poderíamos ter feito, se aliado à nossa boa vontade, ao nosso desejo de ajudar, tivéssemos sabido antes "o por quê" desse processo, o entrelaçamento científico do fato. Lembramos, imediatamente, do

nosso querido amigo José Macêdo de Arruda,* "Irmão Macêdo", médium pernambucano nascido em 14/9/1927 em Paudalho, PE, que o espírito José Luiz de França chama de "o homem da mão de fogo", o médium que se dedicou à cura pela Telergia (do grego, tele-ergon, trabalho à distância), magnetismo liberado pelas suas mãos.

Aos 49 anos de idade, estava ele no Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas (IPPP) conversando com uma senhora que havia tentado o suicídio e teve um braço paralisado, quando a mulher sentiu-se tonta e caiu desmaiada. O Irmão Macêdo tratou de sentir sua pulsação, porém, quando fazia esse exame, ela recuperou os movimentos do membro paralisado havia muitos anos. Daquele dia em diante, se-

guem-se experiências e comprovações de Telergia, atestadas por entidades e cientistas de todo o mundo.

O Departamento de Biofísica e Radiologia do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco declara ter submetido a análises eletrocardiográficas nove pessoas quando do recebimento da Telergia e constatou manifestarem-se discretas alterações de freqüência cardíaca nas mesmas. No Centro de Pesquisas de Washington, localizado em 3101, Washington Street, São Francisco, California, o Phd Jefrey Mishlove, em 14.05.1980, diz que a Telergia do Irmão Macêdo foi testada com voltímetro de alta impedância, projetado especialmente com o propósito de determinar se a energia transmitida pelo médium pode-

ria ser uma forma de radiação eletrostática e os testes foram negativos a esse respeito.

Os cientistas russos Anfrey Berejine e Constantine Goubare, do Instituto de Pesquisas para Experiências Químicas e Biológicas da Região Cupavana, Moscou, Rússia, em 07.07.1979, também atestaram a Telergia do irmão Macêdo. O pesquisador Stanley Krippner, no *"Journal of the Society for Physical Research"*, volume 56, Nº 820, de julho de 1990, relata pesquisa com Macedo e paranormais filipinos e conclui favoravelmente ao efeito da Telergia. Entre julho e agosto de 1981 foram feitas experiências sobre a Telergia na John F. Kennedy University in Orinda, Califórnia, sob a coordenação de Jefrey Mishlovo. Participaram dos trabalhos alu-

nos graduados do curso *“Practicum in Parapsychological Field Studies”*. As emissões de Telergia eram analisadas no laboratório do professor Fred Lorenz, da Universidade da California e Davis, sob a assistência da pesquisadora russa Larissa Vilenskaya; todas as pessoas que receberam energia foram monitoradas. De acordo com o relato, pelas análises no microscópio, foi constatada influência da Telergia sobre elétrons.

Essas análises foram realizadas pelo professor David Deamer. Outro cientista, Jean Millay, relata ter comprovado alterações na temperatura, tensão muscular e uma sincronização de ondas cerebrais entre o hemisfério esquerdo e o direito durante as medições encefalográficas. Com teste realizado no Departamento de Biologia da Universidade de

São Francisco, sob a direção do biofísico Beverly Rubik e da física Elizabeth Rouscher, foi observada a influência da Telergia em bactérias. O resultado de todo esses pontos foi tabulado e estão nos arquivos do Washington Research Center.

* No dia 13.07.96, quando analisávamos a revisão gráfica deste livro, antes de ir ao prelo, recebemos a notícia do desencarne do "Irmão Macedo", vítima de enfarte fulminante. Tínhamos acabado de ler justamente a parte relacionada com experiência sobre Telergia.

Mais uma vez, mesmo sem dominar os aspectos técnico-científicos dessas afirmações, pude entender a essência dos conceitos, assim como alocá-los dentro de um ângulo de visão mais amplo e abrangente no que significa para o destino da Humanidade. Lembrei de tudo que li no livro **Evolução Para o Terceiro Milênio** sobre o sábio Franz

Anton Mesmer. Recapitulei que em 1779 ele reconheceu que podia curar mediante a imposição de suas mãos e acreditou que delas se desprendia um fluido que atingia o doente. Lembrei-me de suas afirmações: *“De todos os corpos da Natureza, é o próprio homem que com maior eficácia atua sobre o homem”* e de quando afirmava que o Magnetismo é uma ciência com princípios e regras, embora ainda pouco conhecidos. Considerei o quanto foi menosprezado pelos homens de saber de sua época e que agora a própria ciência estava corroborando com as suas afirmações, esmiuçando nos mínimos detalhes, nos mais pormenorizados enfoques, nas mais diversas ramificações, as suas verdades. A Ciência desnudando toda a realidade, como ele dizia, *“com*

princípios e regras”. E eu, homem do povo, escudando-me em suas afirmativas e aproveitando o vácuo do saber deixado pelos cientistas e intelectuais, tal qual um piloto de Fórmula Um na busca de maior velocidade.

Estávamos entrando num processo de querer enquadrar tudo que presenciáramos em nossa vivência, na temática científica. Estávamos fazendo a junção dos fatos, episódios e mergulhando cada vez mais nessa análise sem fim, quando chegou à nossa mente, de modo severo, o lembrete do nosso mentor espiritual: *“Se o tempo é pouco, procure administrá-lo muito, eliminando o supérfluo de sua busca e concentrando-se no que realmente tem peso em suas necessidades”*.

Abandonei de imediato essas divagações; passei por cima dos exemplos que o Dr. Rizzini deu de faculdades paranormais, pois já tinha lido no começo do livro: Clarividência, Telepatia, Precognição, Telecinergia... E cheguei à **Intercomunicação Espiritual**.

Inicia o cientista espiritual uma explanação sobre o assunto e enfoca principalmente a sintonia vibratória e a afinidade moral. Diz o autor: *"Vimos antes que matéria e energia são aspectos de uma mesma realidade. Podem parecer muito diferentes aos nossos sentidos no plano das manifestações, mas na intimidade são muito afins _ tanto que uma se transforma na outra e vice-versa. Na verdade, vivemos num universo de ondas; até as partículas ele-*

mentares usuais da matéria, elétrons e prótons, ao se deslocarem, originam uma onda associada. Raios diversos atravessam a nossa atmosfera em todas as direções e a todo instante. Neste contexto físico, o cérebro surge como um aparelho emissor e receptor de ondas mentais; o pensamento é um fluxo energético do campo espiritual; é ainda considerado matéria (matéria mental), mas, segundo os nossos padrões, matéria rarefeita que se comporta como energia".

E prossegue o Dr. Rizzini: *"A palavra vibração e seus derivados, são empregados muito intensamente na linguagem espírita. Para compreender o seu sentido, no caso e o de sintonia, igualmente muito difundida, convém examinar a questão, fazendo apelo pri-*

meiro aos aspectos físicos desses conceitos. Uma vibração é um movimento de vaivém, como executa o pêndulo de um relógio, aí lentamente, é claro. Chama-se movimento vibratório e pode ser comparado a uma oscilação e a uma pulsação. As ondas quando se deslocam no espaço executam esse tipo de movimento; quer dizer: a luz, por exemplo, não segue em frente sob a forma de fluxo contínuo, como a água jorrando de uma torneira, mas caminha executando movimentos internos de vaivém. O movimento vibratório costuma ser caracterizado por duas medidas definidas":

1º) Comprimento de onda, que é o espaço percorrido durante uma vibração completa.

2º) Freqüência, que é o número de vibrações por segundo.
Assim, uma radiação ou onda pode ser curta, longa, etc., ou rápida, lenta etc.

E conclui: *"Quanto menor o comprimento de onda, tanto maior é a freqüência vibratória e a capacidade de penetrar. Os espíritos puros emitem raios ultracurtos, dotados de magno poder de penetração. Por padrão vibratório designa-se o tipo de vibrações de um indivíduo: baixo, inferior, elevado, etc"*.

O escritor, dessa forma, explicava em um pequeno trecho de seu livro o que, muitas vezes, a gente passa uma vida praticando, sem se dar conta de como tudo se realiza nos mínimo deta-

lhe; que embora aparentemente nada signifique, tem uma profunda importância, na forma de o médium conduzir-se e até de perceber a diferença das vibrações que recebe; como um técnico de rádio ao sinalizar, com seus instrumentos, diferenças de intensidade de freqüência fora dos padrões exigidos e providenciando os respectivos reparos.

As palavras do autor, nesse assunto, passaram a ter para mim uma importância fundamental. Compreendi e encaixei fatos e atribulações vividos, que bem poderiam ser evitados ou pelo menos atenuados se tivesse me apercebido previamente dessas vibrações, forçando sintonia. Concentrei-me em suas palavras, não querendo perder uma vírgula sequer. E ele prossegue: *“Sintonia é a identidade ou harmonia vibratória, isto*

é, o grau de semelhança das emissões ou radiações mentais de dois ou mais espíritos, encarnados ou desencarnados. Estão em sintonia pessoas e espíritos que têm pensamentos, sentimentos e ideais semelhantes. Por outras palavras, a sintonia é uma expressão física de uma realidade mais profunda, que é a afinidade moral”.

E vai, dessa maneira, procurando explicar ainda mais pormenorizadamente o que é sintonia. *“Se o perispírito emite certo tipo de onda e esta se caracteriza por uma vibração específica, ele é sensível ao estado moral do espírito e é tanto mais apurado quanto mais este é elevado. Portanto, o padrão vibratório é uma maneira de definir o padrão moral do espírito. Em suma, a posição do espírito e suas relações com*

os outros decorrem de suas caracterís-ticas morais: maneira de encarar a vi-da, o mundo, o próximo, Deus, modo de agir, o que aspira, impulsos, sentimen-tos, etc.”.

No outro parágrafo, o Dr. Rizzini li-ga o assunto mediunidade ao assunto sintonia, quando diz: *“Neste sentido, mediunidade é capacidade de sintonia, caso em que todos são médiuns ou sen-sitivos. Todos entram em relação com determinados tipos de espíritos, que se afinam com suas inclinações, e recebem deles influência. Mas, é um sentido mui-to geral; é como dizer que todo mundo é médico”*.

E vai além noutro parágrafo: *“Das noções justapostas, decorre uma conse-qüência fundamental; atraímos as men-tes que possuem o mesmo padrão vibra-*

tório nosso, que estão no mesmo nível moral. A comunicação interespiritual é controlada pelo grau de sintonia, a qual, a seu termo, decorre da afinidade moral".

Compreendi a importância que tem todo espírito em desenvolvimento de escapar, de livrar-se, de desvencilhar-se dessas forças, dessas companhias, dessas conjugações de sentimentos negativos em comum, que arrastam as criaturas para um poço em que suas personalidades nivelam-se para baixo, fazendo com que todos façam parte de uma alma coletiva, degenerada.

Entendi. Estar aí a prova maior a enfrentar para o espírito: romper com todas essas barreiras, livrar-se desses tendões que o prendem ao baixo padrão, alçar vôo, libertar-se. Percebi que só pe-

lo desenvolvimento da inteligência e do sentimento se consegue esse objetivo.

_Desenvolvimento da inteligência, pelo estudo, conhecimento, compreensão.

_Desenvolvimento do sentimento, pela prática do bem, serviço prestado e moralidade.

Fala-nos o livro **Evolução para o Terceiro Milênio** da necessidade da prece como meio de estabelecer comunhão mental com a espiritualidade superior e atrair o auxílio dela para nossas reais necessidades espirituais.

Kardec e os amigos espirituais classificam a prece como o *“recurso universal da alma”*. Nosso querido mestre Jesus dizia que tudo quanto fosse pedido em oração seria obtido e que ela poderia remover montanhas. Há, todavia, correntes espíritas e de outras religiões

cristãs que acham não ser possível mudar a vontade de Deus. E afirmam que Deus, por saber tudo de antemão, sabe o de que precisamos, portanto nossas orações seriam inúteis.

Neste particular, temos comprovado em reuniões mediúnicas o valor da prece. Criaturas desencarnadas, em situações lamentáveis na mais ampla concepção da palavra, deixando-se envolver pela prece emanada das pessoas presentes, conseguem reverter o quadro de sofrimento, angústia, desespero, penúria em que se encontram e olhar para o alto, para uma situação melhor. Reconhecem a própria individualidade, reconhecem seus erros, volvem o olhar para o Pai e têm, renascidas as esperanças dentro de seus pensamentos. A calma, a tranqüilidade, a paz envolvem suas al-

mas. Sentem-se banhados por raios de luz das mais variadas cores e intensidades; sentem-se envolvidos por uma temperatura acolhedora, ouvem músicas, sentem perfumes sublimes, percebem a felicidade a seu alcance.

Isto, nós presenciamos ao longo de nossa militância em trabalhos de desobsessão, em que a prece é o principal recurso usado. Enquanto estamos orando, estamos em comunhão de pensamentos com nossos amigos da espiritualidade maior; a nossa sintonia vibratória é momentaneamente mais perfeita e, nesses momentos, os conselhos, as instruções, para que nós possamos resolver por nós mesmos, nossas dificuldades chegam, com maior amplitude ao nosso aparelho captor de vibrações, se gravam com maior intensidade em nosso in-

consciente e por certo serão usados por nós mesmos para solução de nossas dificuldades.

"A prece estabelece a comunhão mental com a Espiritualidade Superior e atrai o auxílio dela para as nossas reais necessidades espirituais. Enquanto estamos orando, criamos um estado de receptividade favorável à atuação de amigos do plano superior; podemos, então, ser atendidos, porque eles entram em contato mais íntimo conosco em virtude da sintonia vibratória momentaneamente mais perfeita. Ela é condição de reequilíbrio do espírito necessitado, ajuda a conter impulsos do inconsciente que nos dominam e auxilia a modificar irmãos nossos por quem oramos".

5ª

REFLEXÃO

Estava recapitulando em minha mente, fatos, experiências vividas, conhecimentos adquiridos, sem notar que fazia isto. Compreendi que é muito importante a gente parar e dar balanço do que enfrentou, do que fugiu, do que gozou, do que sofreu, do que aprendeu, do que viveu, enfim. É muito importante a gente comparar as lutas, os fracassos; as

vitórias, as alegrias do momento com as do passado, para garantir novas alegrias e evitar outras tristezas. É muito importante compreender, rememorar cada momento, cada instante de nossa vida, pois não são acontecimentos fortuitos. São aulas de vida, fazem parte de nosso aprendizado, de nosso curriculum.

Estava eu nessas meditações, quando meu olhar pairou sobre um tópico em destaque no livro **Evolução Para o Terceiro Milênio**; Atividade Noturna do Espírito _ Sonhos.

Acabara de sair daquela reflexão e já era arrastado para entrar em outra: _ Quantas vezes, em minha atual encarnação eu teria dormido? Quantas eu teria sonhado? Quantas vezes eu teria me lembrado do que sonhei? Que era o so-

nho, o que dizem os cientistas, que diz o Espiritismo, que penso eu?

O autor iniciava dizendo que, na hora do descanso do corpo, no estado de vigília, o espírito desprende-se da matéria e vai agir noutro plano de existência, atendendo a seus desejos e intenções. Informa que alguns preferem não se afastar do corpo, ficando mesmo restritos ao ambiente em que se encontram, presos às suas afinidades ou mesmo por temerem sentir-se constrangidos em um ambiente diferente. Outros vão além, atraídos pela sintonia que mantêm. Ali, receberão lições, conselhos, em concordância com as intenções manifestadas.

Em resumo, entrarão em contato com espíritos semelhantes. Evoluirão mais ainda se o quiserem: - "*Assim, o lúbrico terá entrevistas eróticas de to-*

dos os tipos; o avarento tratará de negócios rendosos usando a astúcia, a esposa queixosa encontrará conselhos contra o seu marido e assim por diante. Inimigos entram em luta, amigos reforçam amizades; aprendizes fazem cursos; cooperadores trabalham nos campos prediletos; e vai por aí”.

O Dr. Rizzini, à sua maneira, descreveu, a meu ver, de uma forma simples, em poucas palavras e espantosamente abrangentes em conteúdo, a atividade noturna do espírito. E vai além, fazendo comparações com outras correntes de pensamento. *“Para a Doutrina Espírita, conforme tais considerações, o sonho é a recordação de uma parte da atividade que o espírito desempenhou durante a libertação permi-*

tida pelo sono. Ao invés de tolice, revela o que somos na realidade”.

Para os fisiologistas: “*O conteúdo alucinatório dos sonhos” parece-lhes “a expressão de um tipo grosseiro de atividade executada pelo córtex cerebral”; o sonho é uma “manifestação de pensamento de nível inferior”. O importante é que os investigadores científicos afirmam que “todos sonham repetidamente, toda noite; admitem que muitos não se recordam e dizem não terem sonhado; quanto mais dorme o sonhador, terminado o sonho, menos lembrará dele. Informam que quase sempre o sonho começa 1 hora depois de iniciado o sono; poderá haver de três, a cinco períodos de sonho, durante 20 a 35 minutos cada um e com intervalos de*

90 minutos. Nestes, o sono é mais profundo”.

Senti uma ansiedade em terminar a leitura desses esclarecimentos *didáticos*. Não queria me aprofundar no assunto. Não me parecia importante conhecer esses detalhes. Todavia, não resisti ao parágrafo 3 do capítulo 4º que, por mais que eu fizesse força para passar correndo por cima das letras (velho costume meu), li pausadamente, interpretando cada palavra, cada vírgula.

“Há três maneiras lógicas de interpretar sonhos: a freudiana˙,a adleriana e a espírita”.

A interpretação freudiana encara o sonho como apontado para o passado, declarando que ele significa a satisfação fantasiosa e no plano mental de um

impulso recalcado, que provém dos instintos primitivos com os quais o indivíduo nasce. Para Freud, o sonho satisfaz de algum modo desejos e intenções não expressos e serve para impedir que o impulso acorde o adormecido. É como se fosse uma "mensagem cifrada do inconsciente", que, decifrada pela interpretação do sonho, revela um aspecto da personalidade. Esta interpretação concerne ao reconhecimento da significação dos símbolos, por meio dos quais o sonho exprime a satisfação impulsiva.

"A maneira adleriana considera o sonho como voltado para o futuro, encarando-o como uma tentativa de manter ou reforçar o estilo de vida de uma pessoa quando surgem contradições com a realidade ou com o senso co-

mum. O sonho julgava Adler, sendo uma criação do estilo de vida, ajuda a solucionar problemas ligados a ele e tem o papel de agitar sentimentos".

"Para o espiritismo, o sonho também satisfaz impulsos e é uma expressão do estilo de vida - com a diferença fundamental de não se processar só no plano mental, mas ser uma experiência genuína do espírito que se passa num mundo real e com situações concretas".

(*) **Dr. Carlos Toledo Rizzini explana que o espírito livre empreende vôos em busca de experiências, de prazeres, de contatos, de aventuras em suas áreas de afinidade. Procura satisfação de baixos ou nobres impulsos, procura justificativa de vida. O**

sonho é um fragmento dessa memória. Mostra-nos que nem sempre os sonhos são nítidos e compreensíveis, pois há fatores que interferem, tornando-os, às vezes, obscuros e incoerentes. Explica que, no momento, na hora em que o espírito retoma o corpo para acordar, ocorrem perturbações na consciência, ocasionando vários graus de esquecimento. Enfoca que a intromissão de elementos conscientes de vida comum é freqüente, especialmente quando há preocupação. Fala-nos das dificuldades que o espírito encarnado tem para compreender o que se passou durante a noite, originando interpretações erradas. Afirma que os sonhos podem encaixar também lembranças de vidas anteriores, que emergem do inconscien-

te e se encaixam no sonho, tornando-o confuso. Chama-nos a atenção também para o simbolismo usado por mentores espirituais, objetivando fazer sugestões e advertências ao encarnado, sem violar o livre arbítrio, o que a Lei não lhe permitiria fazer.

(*) Essas palavras em vermelho escuro são alvo de comentário na 6ª REFLEXÃO.

.

Conclui o Dr. Toledo que *"o sonho é uma expressão da vida real da personalidade. O espírito procura atender a desejos e intenções inconscientes e conscientes durante esse período de liberdade relativa. Conforme o grau de sintonia gerado pela afinidade moral com outros, encaminha-se automatica-*

mente para a parte do mundo espiritual que melhor satisfaça seus objetivos, a-inda implícitos; aí conta com colegas, sócios, desafetos, mestres, etc.”.

O autor exclui dessas interpretações o sonho premonitório, enquadrado no conceito de premonição, citado no livro e o pesadelo. Sobre o pesadelo, diz ser *“uma experiência real, porém, penosa; o sonhador vê-se acossado por inimigos ou por animais monstruosos, tem de atravessar zonas tenebrosas, sofrer castigos, etc., que de fato são vivências provocadas por agentes voltados ao mal ou desafetos desta ou de outras vidas”*.

Agora o autor enfoca os temas mediunidade, médiuns, conceitos e inicia dizendo: *“Numa moldura física podem-se encarar ao lado da matéria como*

energia condensada, o pensamento como fluxo energético do espírito, o cérebro como instrumento emissor e receptor de ondas mentais e a sintonia como a semelhança das emissões mentais de dois ou mais espíritos”.

Dentro do mesmo raciocínio, mediunidade, portanto, é encarada como a capacidade de sintonia, ou seja, capacidade de vibrar no mesmo diapasão e intercambiar pensamentos. Assim, no sentido geral da palavra, todos são médiuns, pois todos que se harmonizam com as nossas inclinações e os nossos desejos, aproximam-se espontaneamente de nós.

Porém, “*mediunidade, no sentido exato e usual da palavra, é a faculdade que certas pessoas têm de entrar ostensivamente em comunicação com os es-*

píritos e de transmitir mensagens destes, fora do campo pessoal. Médium é o indivíduo que percebe, recebe e transmite a outros a influência dos espíritos”. E prossegue: *“Impõe-se à distinção entre mediunidade natural e mediunidade-tarefa. A primeira é a faculdade que se desenvolveu espontaneamente na pessoa, segundo o seu nível evolutivo e reflete sua capacidade de sintonia. É uma conquista pessoal, independente de ulterior desenvolvimento pela prática. Mediunidade-tarefa é a que vemos em ação; é uma faculdade concedida a espíritos seriamente endividados como recurso de Misericórdia Divina para ajudá-los a resgatar dívidas e apressar o seu progresso; caracteriza-se por perturbações iniciais e necessidades de desenvolvimento pelo exercício metódi-*

co, geralmente difícil; não raro, suas manifestações são violentas”.

O autor continua sua definição da mediunidade; fala de como Kardec, Denis[17] e Delanne[18] a definem como propriedade do corpo físico, concorda que os médiuns recebem tratamento magnético antes da reencarnação, o que, segundo Delanne, explica por que nem todo mundo entra em contato patente com os espíritos. Mostra-nos um quadro sinótico dos diversos tipos de mediunidade, colocando de lado as particularidades individuais, distintas de cada médium e dando breves definições de cada uma.

---

[17] LEON DENIS - (escritor espírita francês, principal sucessor de KARDEC no movimento espírita - 1846-1927).
[18] FRANÇOIS MARIE GABRIEL DELANNE - metapsiquista francês - 1857-1926).

“A divisão básica é a primitiva de Kardec”:

1[a]) mediunidade de efeitos físicos; que se caracteriza pela produção de manifestações materiais, como batidas, materialização, luzes etc; o comunicante usa o ectoplasma ou “força nervosa” do médium: substância (branca e vaporosa ou pastosa) que se desprende deste e por meio da qual os espíritos agem no plano material;

2[a]) mediunidade de efeitos intelectuais, da qual resultam manifestações inteligentes; o comunicante usa os materiais arquivados no cérebro do médium ou este utiliza os seus sentidos espirituais para perceber o plano espiritual; permite a obtenção de informações e ensinamentos e o escla-

recimento de irmãos perturbados. Essa divisão nada tem de absoluta. Efeitos físicos podem redundar em manifestações inteligentes; uma mensagem pode ser dada por meio de golpes (cf, a Família Fox, em 2.7) ou da escrita e voz-diretas. A elas, adicionamos uma terceira divisão:

3ª) mediunidade Curativa; por meio da qual o médium transmite, junto com os seus, os fluidos do comunicante sobre uma pessoa doente, objetivando melhorar ou recuperar a parte afetada do corpo; é o que se chamava magnetismo. É um efeito físico, mas sem o uso do ectoplasma.

O cientista insere em seu livro a Sinopse dos tipos gerais de mediunidade abaixo:

“1 -: Mediunidade de Efeitos Físicos”.

1. *Golpes Ruídos - Golpes, estrondos, arrastar de móveis e correntes.*
2. *Vozes - Fala direta de um espírito por uma laringe ectoplasmática.*
3. *Música - Música transcendental (do Espaço) e instrumento tocando sem contato humano.*
4. *Luzes - Globos luminosos, centelhas, mãos luminosas, fachos.*
5. *Movimentos - Levitação, deslocamento de objetos, transporte.*
6. *Escritas - Na pele, em ardósia, no papel, na parede, desenhos, pinturas.*
7. *Aparições - Objetos, animais e pessoas materializadas.*
8. *Mudanças de estado - Interpenetração da matéria, desmaterialização, transfiguração, enrolamento de discos, alterações de peso, frio no ambiente, operações, fotografia no escuro, ozônio no ar e transporte também.*

11-Mediunidade de Efeitos Intelectuais

9 Lucidez - Clarividência; vidência audiência; psicometria.
10 Inspiração - Telepatia
11 Desdobramento - Com transes letárgico e cataléptico
12 Incorporação - Psicografia e psicofonia, consciente e inconsciente.

111 Mediunidade Curativa

13 Passes - Imposição das mãos, transfusão de fluidos, magnetismo. Cura de Enfermidades. Receituário.
14Operações - Com e sem instrumentos cirúrgicos. Anestesia e Assepsia de ordem espiritual".

E segue, exemplificando, examinando, detalhando cada ponto. Até que minha atenção foi aguçada e não consegui deixar de me fixar numa explicação que o Dr. Carlos Toledo dava sobre os fenômenos físicos. Explicava que a maioria dos efeitos físicos é produzida por instrumentos fabricados com o ecto-

plasma (material plástico moldável ao pensamento dos espíritos). Material este que é libertado pelo corpo dos médiuns. Assim, eles fabricam alavancas para permitir a levitação; laringes ectoplasmáticas para permitir a voz direta, etc. Luzes, aparições, enrolar de discos, resultam também de outras tantas combinações do ectoplasma.

Meu pensamento volveu-se aos idos de 1970: um fato que marcou muito minha vida. Estava, um certo dia, dirigindo-me para uma tarefa profissional, quando observei que eram apenas seis e meia da manhã, muito cedo para o compromisso acertado. Não entendi porque saíra tão apressado de casa e como, para passar o tempo, modifiquei o itinerário e fui visitar uma grande amiga, a mé-

dium Joaninha[19], em sua casa, tomar café com ela, como se costuma dizer aqui no Nordeste. Lá chegando observei, para minha surpresa, pelos carros estacionados à entrada, que havia outras visitas em sua casa, que também madrugaram como eu.

Quando eu fechava o carro, um veículo parou bruscamente ao meu lado e acidentalmente, deu-me um banho de lama, da cabeça aos pés. Um rapaz desceu correndo, nem se apercebendo do acontecido e rumou para a residência da médium.

Mil indagações vieram-me à mente e, entre apreensivo e curioso, também me apressei em entrar. Logo ao chegar à porta, mesmo sem bater ou dizer nada, a

---

[19] JOANA NOBERTO DO NASCIMENTO - médium pernambucana - 1904-1991.

médium Joana gritou lá de dentro do quarto onde se encontrava: “*_Entre, irmão Nilson, venha para cá”*. Estava ela sentada no centro da mesa, um rapaz na cabeceira incorporado e outros quatro médiuns, ajudando na desobsessão que, vim, a saber, mais tarde, já se prolongava desde as 21 horas do dia anterior, em um outro centro espírita e ali, no **Centro Mensageiro do Bem**, tinha começado a pouco mais de uma hora.

O rapaz que estava incorporando o obsessor era alto, mais ou menos 1.70m, moreno amarelado, de aspecto franzino, pois ele não parecia ter mais de 50 quilos. Tinha a camisa entreaberta nos três primeiros botões, deixando antever no peito, sem pêlos, o que parecia uma tatuagem mal feita, em formato de coração; inflamada em carne viva, com

as palavras **vade mecum**[20] no seu interior. O aspecto do rapaz deu-me uma impressão desagradável, logo de início. Parecia que estava ali alguém corroído pelo vício, pela maldade. O irmão demonstrava a força de dez homens, quando procurava derrubar tudo ao seu redor e a muito custo, era contido. Sua presença me abalou. Tive a sensação incômoda de quem reencontra um inimigo. Uma antipatia, um mal-estar, uma angústia tomou conta de mim. Afinal, por que toda aquela aversão a uma pessoa que mal conhecia e com quem nunca tivera cruzado antes? Por que aquela figura humana em desalinho, aqueles gestos, aquele riso, atormentavam-me tanto? Estaria sendo influenciado medi-

[20] VADE MECUM - expressão latina que quer dizer *vem a mim*.

unicamente por outros espíritos? Deixei de lado essas indagações e, freado pela razão, amparado na oração, dominei meus sentimentos e juntei-me aos demais irmãos abnegados, na tarefa de auxílio espiritual àquele irmão obsedado.

Os irmãozinhos sofredores eram doutrinados, outros incorporavam numa seqüência impressionante. Notava-se já alguns médiuns mal esclarecidos, levados pela impaciência, recorrendo ao *"vamos ver quem pode mais"*, discutindo com os irmãos sofredores, em lugar de conversar, compreendê-los, orientá-los, induzi-los ao perdão. Não havia um doutrinador. Havia pessoas que pretendiam impor conceitos de caridade e perdão às entidades, muitas vezes até inter-

ferindo na conversa, na doutrinação que o outro estava tentando.

Um espírito incorporado na médium Joana e que pouco falava, fazia questão de dizer que tantos fossem afastados, tantos outros incorporariam. Era o chefe da falange. Meu guia deu-me a entender que fui ali chamado, daquela maneira, àquela hora do dia, porque a mim, em nome de Deus, ele atenderia.

Pedi permissão aos colaboradores presentes para tentar conversar com a entidade-chefe, deixando de lado o obsidiado. Quando falei pausadamente: meu amigo, meu irmão, meu filho, o espírito deu-me atenção e tornou-se respeitoso e calmo, o que já era algum progresso. Perguntei à entidade se ela poderia me atender, em nome de Deus. Ela me disse que atenderia a tudo que

eu pedisse, menos libertar “*esse desgraçado, esse miserável, que tanto mal fizera a todos nós*”. Eu, então inspirado, falei-lhe: _eu nunca exigi condições a você em outros tempos! A essas palavras, o espírito pôs-se a chorar em pranto convulsivo e disse: _ “*Meu pai, o que queres que eu faça? Logo tu que fostes o mais prejudicado por este miserável?*”. Seguiram-se as preces e a doutrinação. A entidade retirou-se, perdoando e pedindo perdão a todos nós.

O obsedado, que estava cego temporariamente, voltou a enxergar. Estava mudo porque suas cordas vocais foram afetadas pelos traumas sofridos na região da laringe, nas lutas corporais, antes da desobsessão.

Perguntei ao rapaz, agora já livre, o que tinha acontecido. Ele não podia fa-

lar ainda e escreveu em um papel que lhe colocamos à frente. Disse que vinha por uma rua, no bairro de Beberibe, em Recife, quando surgiram diversos índios e pretos com um ferrete de marcar boi em brasa, [21] para ferrá-lo. Ele correu e atiraram correntes em suas pernas, que se enrolaram fazendo-o cair. Nesse momento, aproximaram-se dele e fizeram a marca no seu peito.

As pessoas que o levaram, contaram que o médium vinha pela rua, aos gritos, correndo como um louco, como se estivesse sendo perseguido por alguém. Ao chegar na porta do núcleo espírita, tentou entrar, porém tropeçou nos degraus e caiu. Naquele momento começara a contorcer-se em dor e a aparecer,

[21] Instrumento fabricado com ectoplasma, que é um material plástico moldável ao pensamento dos espíritos e libertado pelo corpo do médium.

no seu peito, o estigma em carne viva, como se estivesse sendo ferrado. O estigma era em forma de coração, aproximadamente de 70mm de diâmetro. Tinha uma inscrição em latim, em poucas letras: ***vade mecum*.**

O mentor espiritual do **Centro Mensageiro do Bem** esclareceu que, em outra encarnação, eu tivera sido pai do chefe da falange que comandava a obsessão. Possuíamos um feudo e num certo dia fomos traídos e atacados por um nosso vizinho que tínhamos como amigo e que atravessou o rio com seus escravos, queimou nossas casas, matou-nos, roubou o ouro e tudo que nos pertencia. De volta, mandou cortar a língua de todos os seus escravos que participaram da chacina para não o delatarem. Esse vizinho era o obsedado d'agora. Já

enfrentara outras encarnações na mais completa miséria, nas quais foram dadas a ele várias oportunidades para resgatar suas dívidas, inclusive através da caridade mediúnica e nunca cumpriu os compromissos assumidos na espiritualidade.

Na atual encarnação, mais uma oportunidade foi-lhe dada e ele continuou a enveredar pelo caminho da boêmia e dos prazeres mundanos. Os espíritos a que prejudicou em vidas passadas, sequiosos de vingança, vieram em seu encalço.

Soube, tempos depois, que o médium, após aquela reunião, encarou os trabalhos mediúnicos e de caridade com mais assiduidade e responsabilidade, porém tivera uma recaída e outros desafetos do passado o pegaram novamente,

desta feita completando a frase inteira em latim, que não souberam nos informar.

Ao sair dessas lembranças, corri por cima de diversos tópicos: Mecânica geral da Mediunidade Intelectual, Mecanismo da Inspiração e das Incorporações; Finalidade e Desenvolvimento da Mediunidade e fui além, lendo, compreendendo, mas não me detendo no exame de cada ensinamento, até que cheguei ao tópico: *Evolução Espiritual:* ***Reencarnação***.

Pareceu-me que aí deveria me concentrar: quem sabe, me compreenderia, me reestruturaria no caminho da evolução, acharia a maneira de entender os mecanismos que freiam nossos impulsos e que ainda não pude compreender. E isto me fere, angustia-me, impacien-

ta-me e me maltrata. Como frear os impulsos da impaciência, da indignação, da cólera que vence nossa razão, embotando nossa percepção, anestesiando o bom senso e o coração?

Por certo já estava consciente de que encontraria no livro **Evolução Para o Terceiro Milênio** as respostas para todas as minhas perguntas. O Dr. Carlos Toledo fala-nos dos conceitos de evolução como a imperiosa necessidade de renovação, para não incorrer na estagnação que aniquila as qualidades do espírito.

Menciona a teoria da evolução orgânica oficializada por Darwin em 1859 em seu livro clássico ***"A Origem das Espécies"***, que Alan Kardec não somente aceitou, como ampliou no sentido do progresso indefinido da alma

humana, dando-nos a entender que não somente o corpo modifica-se e evolui, como também o espírito. Mostra-nos que a evolução é noção fundamental dentro da doutrina espírita, como na ciência. Exorta-nos a examinar mais detidamente as relações da Doutrina Espírita com a Biologia, a Física e a Psicologia no âmbito da pesquisa científica, integrando todos os conhecimentos numa mesma direção e não os isolando em suas respectivas áreas, como se não fossem parte de um todo, muito mais amplo e abrangente.

Sobre o assunto encarnação e desencarnação, escreve: *"As vidas sucessivas fazem que haja duas fases na vida do espírito: encarnação e desencarnação. A encarnação é o estado em que o Espírito imortal se encontra unido a um*

corpo material; durante esse período, ele vive num mundo físico, como o nosso. Aprendemos antes que tal corpo é uma produção ideoplástica dele, retratando suas deficiências, moléstias e necessidades, mas servindo como instrumento de manifestação no plano material e, ao mesmo tempo, como recurso de regeneração. A carne absorve muitas lesões do perispírito e se o sujeito não rescindir ficará curado".

Fala-nos de períodos preparatórios por que o espírito passa antes de voltar à carne, para alcançar um certo grau de reajustamento emocional, alcançado por longos trabalhos de ajuda a espíritos que estão em condições piores que a sua e também por certos tratamentos magnéticos. Isto tudo leva normalmente

longos anos, dependendo da vontade de cada um em progredir.

Lembra que há instrutores na esfera superior que preparam um roteiro, um programa de vida específico a cada espírito, de acordo com suas necessidades evolutivas. Assim os principais lances a serem vividos na futura encarnação estarão não somente programados, como trabalhosamente instruídos e recapitulados, para que o espírito na carne não fracasse. Assim, casamento, filhos, profissão, dia da morte, estão previstos e relacionados. Vai além o autor ao exemplificar que um casamento pode ser uma união expiatória de amor. Um médico pode ser a reparação de erros de um passado culposo ou também para dar continuidade à sua vocação e assim por diante.

Defeitos físicos que enfeiam o organismo, que causam constrangimento, que massacram a vaidade, têm geralmente suas origens em causas anteriores, porém há também aqueles que o próprio espírito pede para prevenir uma queda, num setor em que houve insucesso no passado. Exemplifica que *"assim, é natural que o comilão ou bebarrão solicite dos seus mentores uma restrição no funcionamento do estômago, que o obrigue à sobriedade"*.

Eu lia todos esses conceitos e recapitulava os conhecimentos adquiridos durante a presente encarnação e mergulhava sem querer numa reflexão do que já tinha aprendido, sem saber.

Quando estava nessas divagações, observei uma referência do Dr. Carlos Toledo a um cientista francês: *"Para*

Gustave Geley[22]*, o Espiritismo integra-se à perfeição na História Natural”* e comenta: *“A teoria da evolução é o mais importante elo entre Ciência e Religião, ou Biologia e Espiritismo”*. Ressalta a **Teoria da Evolução**, quando diz: *“Os seres vivos e objetos mudam ou podem mudar conforme o tempo passa. Nada é imutável, fixo ou perfeito neste mundo; antes tudo caminha para o crescente aperfeiçoamento _ logo, para Deus, que é a perfeição. Assim como, para a ciência, a espécie é uma fase do curso da evolução orgânica, para o Espiritismo o homem é uma fase do curso da evolução espiritual”*. E ainda: *“A evolução Espiritual consiste na transferência dos novos elementos de progres-*

[22] GUSTAVE GELEY - médico, filósofo e pesquisador francês - 1868-1948.

so do consciente para o inconsciente e, nesta passagem, na transformação dele (conhecimentos e experiências em faculdades) onde as aptidões e vocações não raro se manifestam em crianças”.

Fala-nos de provas da reencarnação e de regressão de memória. Conta-nos algo sobre uma menina hindu que, em fragmentos de recordações de vidas anteriores, reconheceu o primitivo lar e os seus antigos pais.

Cita o **Evangelho** (Mateus 11-14 e 17:10-13) quando Jesus faz referências ao Renascimento, ao afirmar que João Batista era Elias que voltava. Fato compreensível, ao considerarmos que João Batista foi decapitado e Elias mandou decapitar os 200 sacerdotes de Baal, cumprindo-se assim a Lei de Causa e Efeito.

Não me interessei pelo tema, o qual parecia não trazer nada de novo aos meus conhecimentos, uma vez que não alimentava nenhuma dúvida sobre a reencarnação, todavia para não deixar um hiato na seqüência da leitura, para não repetir velho erro do passado que era de ler um livro pulando os pontos que julgava já saber, continuei a leitura, passando de leve por cima do assunto, quando deparei com uma consideração do autor que, sem se deter nas infindáveis peculiaridades individuais, enumera três tipos de reencarnação.

Reencarnação Compulsória, onde o espírito encarna sem prévia concordância. O autor explica que este tipo de reencarnação é próprio dos espíritos conturbados, cujas falhas são tão graves que lhes tiram a lucidez e anulam a li-

berdade de escolha e, por isso, são arranjadas por entidades interessadas no reequilíbrio do culpado, envolvendo também sacrifícios de outros.

Reencarnação Proposta, que leva em conta o livre arbítrio relativo de que dispõe o espírito para escolher a melhor forma de aperfeiçoar-se.

Reencarnação Livre, propriedade dos missionários, espíritos evoluídos e redimidos ou bem próximos desse estágio no plano terreno, os quais possuem liberdade de escolha. Reencarnam para desempenho de elevadas tarefas; movidos por amor.

O assunto reencarnação ligou-me profundamente a mim mesmo, ao meu

passado e como que sugado para dentro do meu próprio Eu, por alguns minutos, parecia que estava conscientemente rompendo as barreiras que separam o espaço de tempo compreendido entre minha vida atual na matéria e as vidas anteriores. Estava começando a recordar vidas passadas, porém os fragmentos captados dissolviam-se e reapareciam numa velocidade incrível e conturbadora e, bombardeados pelas impressões do dia a dia da vida atual e subjugados pela memória recente, mais forte, acomodavam-se e se transformavam apenas em desejos frustrados, curiosidade inatingível, ao menos para mim, naquele momento. Todavia, meus pensamentos começaram de novo, impulsivamente, a conduzir-me ao passado. Deixei o livro de lado, recostei-me nu-

ma velha cadeira de vime, companheira e amiga e lembrei-me que tivera, há muitos anos, quando iniciante no Espiritismo, a revelação em sonho de quem eu fora em três encarnações anteriores, não sei se sussessivas ou intercaladas. Porém, não tenho nenhuma dúvida: os erros cometidos por mim naqueles estágios de aprendizado deram seqüência aos cursos de aperfeiçoamento nas esferas da carne em que hoje me encontro, ressarcindo velhos débitos e convivendo em luta com novos defeitos.

Nesses quadros apresentados, era como se estivesse em uma sala de projeções assistindo a um filme ou vídeotape sobre mim, mas ao mesmo tempo participava do acompanhamento da fil-

magem[23]. Alguém ao meu lado, um pouco atrás, ajudava-me a identificar minha pessoa no meio da cena, muito diferente do que sou hoje.

O primeiro quadro mostrava, em plano geral, uma pequena vila do interior, da zona da mata do Nordeste, [24] com seu casario. Focava inicialmente uma

---

[23] SOBRE O ASSUNTO FILMAGEM FAZ-SE NECESSÁRIO COMPREENDER:

PLANO GERAL: plano de filmagem em que aparece todo o grupo objeto da cena: ambiente, cenário, etc. A câmera está com a lente em sua abertura máxima.

PLANO MÉDIO: quando o operador de câmera procura particularizar parte da cena de determinado referencial. Ex: em relação a uma pessoa, seria filmar da cintura para cima.

CLOSE: filmagem de detalhes. Ex: somente o rosto de uma pessoa, ou a gravata, etc.

ZOOM: sistema de lentes reguláveis existentes em máquinas filmadoras que, através de um botão de controle, permite aproximar e afastar a imagem que está sendo gravada.

[24] ZONA DA MATA DO NORDESTE - uma das zonas geográficas em que se dividem Pernambuco e estados vizinhos, entre a praia e o agreste, caracterizada pela fertilidade do solo e pela exuberância e grande porte da vegetação. Zona propícia em Pernambuco ao cultivo da cana de açúcar e outras culturas que careçam de grande precipitação pluviométrica anual.

igreja singela, com uma única torre e três portas, sendo a porta do meio um pouco mais alta e mais larga que as outras. Uma calçada baixa à sua frente, sem nenhum degrau, dava a entender ser principalmente para ampliar a acomodação das pessoas em dias de festa.

A igreja ficava como que fechando um pátio muito grande, com aproximadamente 300 metros de comprimento por uns 70 de largura, margeado por casas conjugadas, nenhuma com primeiro andar, que se estendiam como que formando muralhas de ambos os lados do pátio. Esse pátio da igreja era, conseqüentemente, a principal rua e praça daquele povoado. Uma grama nativa cobria toda essa paisagem. Via-se, entretanto, um caminho natural entre a grama, feito por rodas de carros-de-boi,

ou outro veículo, com um pisoteado mais intenso no centro.

Era justamente por essa trilha que vinha caminhando uma procissão, com o padre que puxava os cânticos de louvor. Pessoas humildes acompanhando, beatas cantando; quadro típico de vilarejos do interior ainda hoje, nos nossos dias.

Eu, espectador, parecia que estava na margem da rua, a uns trinta metros da procissão e procurava-me dentro daquela gente quando o instrutor, de quem não sei o nome, nem vi o rosto, mudava a tomada de cena para trás de mim, para as casas que margeavam a rua.

Procurei entender o que ele estava me mostrando e não quis acreditar: vi, em plano médio, passando para detalhes um rapaz moreno, alto, bem parecido,

cabelos pretos e lisos que lhe encobriam a testa quando abaixava a cabeça. Calça branca de linho, com uma perna mais dobrada do que a outra, de chinelo, camisa branca aberta ao peito, deixando aparecer um trancelim grosso, de ouro, com uma medalha pendurada. Na sua mão, uma garrafa de bebida. Na sua boca, os mais horríveis impropérios contra a Santa e contra os fiéis. Atrás de si, um botequim. Ao seu redor, outras pessoas que compreendi, imediatamente, serem seus liderados, que aprovavam e aplaudiam todos os seus atos.

Emocionei-me, não quis acreditar e gritei: _eu sou aquele! A cena fundiu-se. Foi como se o câmera agora passasse para a porta do bar e filmasse o grupo por trás, tendo em segundo plano a procissão.

Tive uma experiência ímpar: naquele momento, eu era o espectador, mas compartilhava de todas as emoções do ébrio, dos seus seguidores e dos religiosos, como se eu fosse eles, como se estivesse pensando por eles. Eu sabia o que pensavam e o que sentiam. O quadro mudou como numa projeção de slides.

Segundo Quadro: via-me agora em uma cidade da Europa; acredito que, do século XVIII ou XIX. O câmera mostrou, inicialmente, em plano geral, um conjunto de três prédios de dois e três andares, estilo colonial, anexos. Trouxe a plano médio, pormenores das largas calçadas que ligavam esses edifícios à rua. Mostrou detalhes das pedras, dos jardins, das mesas e cadeiras daqueles

cafés antigos. Mostrou as pequenas cercas de madeira, bem trabalhadas, pintadas de branco, que separavam os estabelecimentos comerciais uns dos outros, focando em plano geral, casais locomovendo-se alegremente por entre as mesas, ao ar livre. Pessoas jovens e velhas, homens e mulheres compartilhando das refeições, da bebida, no entrelaçamento dos sonhos, nos diálogos da vida. Em alguns momentos o operador chegava a dar close de algumas pessoas, porém sempre enfocando a descontração, nunca o negativo. Nas tomadas de cena, algo em comum: todos demonstravam ser de uma classe abastada e sonhadora. Como no quadro anterior, procurava-me ansiosamente, como se desejasse também partilhar da mesma alegria. Sentia que, mesmo inconscientemente, nunca

deixara de ter saudade ou desejado aquela vida, como se a lembrança das imagens alegres do passado completasse-me ainda nesta encarnação. E tinha certeza de que o instrutor logo me mostraria ali, junto a elas. Isto não aconteceu, não me encontrei, não entendi por que as cenas me foram reveladas.

De repente, a imagem fundiu-se em uma outra, ao lado oposto. O operador focou, inicialmente em plano geral, um prédio de arquitetura idêntica que, pelo seu tamanho, abrangia dois quarteirões, dando a entender ser um mosteiro. Esse mosteiro ficava com o andar térreo em nível mais baixo que o da rua. Em seguida passou a plano médio e focou a calçada, em granito trabalhado. Deveria ter uma escadaria de acesso descendo até o convento. Nisto tudo minha curio-

sidade aumentava... Onde eu estaria? O instrutor até então não me mostrara.

Agora, a câmera foca um padre, vindo por essa calçada e o trás ao plano médio, indo a detalhes de todo o seu corpo. Era um padre de meia idade, aparentando uns 50 anos, alvo, baixo, cabelos ainda pretos, penteado dividido de lado, de estômago dilatado, bem próximo de ser barrigudo. Uma bíblia na mão e uma batina muito surrada. O padre irradiava muita luz, entretanto, quando o câmera deu um close em sua veste, observei com espanto que aquela luz era proveniente de muitas lâmpadas elétricas atarraxadas em bocais de louça, por toda a batina, uma alusão à falsa luz. O instrutor revelou-me finalmente: “-*Aí está você*”.

Nesse momento, junto com a perplexidade da revelação, pude sentir toda a censura, o repúdio, o nojo, a ira que o padre nutria pelas outras pessoas que estavam no outro lado da rua, divertindo-se, alheias ao seu modo de ver as coisas. Senti também o que elas pensavam sobre o religioso, ao que tudo indica bem conhecido de todos pelas suas atitudes radicais contra a vida mundana. Foi uma interação formidável, vivi uma época, convivi com dois mundos diferentes, sentindo e pensando como eles em sua essência.

Terceiro Quadro: Como da vez anterior, o quadro fundiu-se em outro bem diferente. _ Uma cidade do sertão nordestino do século passado, próspera. Uma igreja bastante grande, duas torres

de alturas diferentes, cinco portas, sendo a do meio mais alta e larga. Um calçadão na frente, com a elevação de três degraus para a rua, media aproximadamente 20×40m. À frente da igreja descortinava-se um grande pátio piçarrado, com três fileiras de árvores parecidas com algarobas, [25] onde se viam alguns cavalos amarrados e dois cabriolés. Era um dia de Domingo. As pessoas bem trajadas, os casais, as crianças, rumavam todos para a missa.

A objetiva da câmera tinha focado tudo isto, dando um passeio perfeito. Nesse passeio, passava de um plano de tomada a outro, com uma arte que ja-

---

ALGAROBA _ Leguminosa do gênero Prosopis, introduzida no Nordeste, na década de 1940. Árvore de 6 a 8 metros de altura muito importante para a economia do sertão, por se manter verde o ano todo. As folhas e os ramos são forrageiros e os frutos (vagens) são comestíveis para o homem e animais.

mais notei em algum profissional. Definia para o espectador a época, a região, a população, fazendo com que eu mergulhasse emocionalmente no contexto do que queria me mostrar. De repente, sai do plano geral em que se encontrava e vai absorvendo pelo zoom até plano médio, um cidadão de seus 60 anos de idade, magro, estatura média, mais para alto, semblante paternalista, bem barbeado, em pé no calçadão da igreja, como se fosse o "*dono*" da cidade, sendo cumprimentado por todos os que chegavam ao templo. O homem tirava o chapéu para uns, retribuía os cumprimentos cordialmente para outros. Vestia terno de puro linho branco, gravata borboleta cor de vinho e chapéu de palhinha. Suas pernas rígidas em posição de equilíbrio, sua postura altiva, o vento a

tocar suas vestes fazendo tremer o tecido sobre o corpo, dava à sua imagem, de longe, a estereotipação da imponência e do poder.

Tudo isto eu observei, pois o operador da filmagem variava de plano geral, passando pelo plano médio indo até quase chegar a close. Não precisei também que o instrutor do meu lado confirmasse quem era o *coronel*. Já tinha me sintonizado nele e já sentia e sabia tudo que ele pensava, pois, afinal, eu era ele. Sabia também todas as sensações das outras pessoas a seu respeito: temor, indiferença... Jamais amor. Era a fusão completa do observador com o observado. Nisto, como nos filmes que estamos acostumados a ver, onde as cenas intermediárias óbvias são suprimidas, as imagens agora eram do interior

da igreja, com suas duas bancadas, um largo corredor no meio em mosaicos decorados e sentado em um dos bancos, um pouco para dentro, *o coronel*, deixando vagas para duas ou três pessoas sentarem na cabeça, junto ao corredor.

Sabia porque ele estava fazendo aquilo: estava esperando um devedor que deveria vir lhe pagar ou pedir prazo.

A câmera sai do enfoque e busca um homem de estatura média, aparentando uns 50 anos, franzino, modestamente vestido, sem paletó, camisa de manga comprida, limpo. Vinha caminhando pelo corredor e dirigindo-se para o lugar vago junto ao coronel. Dá um close no cidadão. Vejo seu rosto sofrido, apreensivo, angustiado. Vejo as rugas em sua pele como se fossem grotões de terra calcinada pelo sol e de repente deixo de

ser eu e passo a pensar e ter noção do que aquele homem está sentindo: a vergonha, a humilhação por não ter como pagar a dívida contraída com o *coronel* agiota.

O pobre homem procurava forças dentro de si para enfrentar o credor, abrir a boca, proferir as primeiras palavras. A humilhação doía-lhe e doía muito. Sabia que era preciso e não tinha como deixar de enfrentar a situação. Via em sua mente a mulher e seus dois filhinhos e todos os males que lhes adviriam se assim não procedesse. Procurou forças dentro de si, rezou uma Ave Maria para a Virgem Auxiliadora, sua santa de fé e por duas vezes teve de recomeçar, pois esquecia as palavras, tal a sua conturbação. Parecia que todos os olhares das pessoas presentes estavam

sobre si e o sufocavam. Queria escapar dos olhares e não podia. Pensava que todos sabiam de sua dívida e de sua situação e que todos aguardavam o desfecho da conversa. Sua mente estava confusa, intranqüila, enevoada, bombardeada pela vergonha, atiçada pelo grande algoz da humanidade, o orgulho.

Chegou finalmente à fileira do banco. *O coronel* aparentava estar orando, contrito ou talvez absorto em contemplação, acompanhando com o olhar fixo os passos do padre em direção à sacristia. Entrei sem forçar em sua faixa mental. Percebi que não era aquela a realidade. O agiota estava aguardando bem atento a chegada do devedor. Percebi a formação de seus pensamentos, todos seus impulsos, todas as combinações de idéias que começavam a formar-se em

seu cérebro orgulhoso. Captei as contra-argumentações que estavam sendo programadas para o caso de ser necessário. Vivia o momento.

As imagens projetadas davam a entender que o câmera posicionara-se na diagonal com o banco focado, de forma a mostrar os atores da cena em plano médio e detalhes. O cidadão vem caminhando, faz menção de se ajoelhar totalmente no corredor antes de entrar no banco, em respeito ao altar, todavia tocou apenas o joelho direito no chão, fez o sinal da cruz bem rápido e entrou na fileira em que *o coronel* estava sentado.

_*Bom dia Senhor*... E aquela resposta, como de quem fora despertado de uma meditação profunda, entre surpreso, afável e feliz: _ *“Bom dia”*. O devedor temperou a garganta, procurou as

palavras para entrar logo no assunto, desvencilhar-se da angústia e contou em poucas palavras o que o agiota já sabia com muita profundidade: não tinha condições de pagar. O "coronel" ouviu tudo, aparentando paciência e compre-ensão e finalmente, falou com a voz rouca, em tom paternal e amigo; *"Pa-gue quando quiser e como puder"*.

Encaixei-me mais ainda em sua faixa mental. Entendi que aquelas palavras não eram fingidas, saiam de dentro de sua alma. Estava perdoando de alguma forma o devedor. Onde estava o erro, o crime? A resposta veio de imediato: *"Na exigência da humilhação"*. Com essa expressão do mentor espiritual pu-de participar do que sentia *o "coronel"* em outra faixa de vibração. Senti todo seu orgulho ao se considerar um homem

justo, nobre, compreensível, caridoso e por saber que outras pessoas saberiam do seu gesto. Compreendi qual seria sua atitude se o devedor não o procurasse dando satisfação, humilhando-se. Observei também como aquelas palavras, embora resolvendo um problema crucial do pobre homem, não deixaram de ferir-lhe. O devedor humilhado procurou as palavras de elogio e gratidão para satisfazer o ego do credor. A exibição foi encerrada abruptamente sem nenhum comentário. Bastariam, a mim, esses três quadros como orientação, para enfrentar com consciência os principais pontos de meus fracassos, não fosse o pouco caso que a gente costuma dar ao que de graça recebeu.

Naquele momento, algo me arrastava mais ainda para meu interior: meu Eu

exigia uma reflexão mais profunda dos pontos negativos resultantes do mau emprego do livre arbítrio no passado, originando débitos numerosos a serem ressarcidos. Esses pontos apresentados exigiam de mim um grande esforço no enfrentamento, pois eram a condensação dos meus crimes com reparação programada para essa fase da existência na carne e, por isso, acredito, os mentores espirituais acharam ser conveniente, por misericórdia divina, liberar aquelas imagens para melhor me ajudarem na tarefa.

Hoje, ao rememorar aqueles fatos que fazem parte do meu aprendizado terreno, no momento em que, através da meditação, novamente a mim vieram, após mais de trinta anos, surpreendo-me

como essas imagens que estavam esquecidas e a quem eu dera pouca atenção mantiveram-se gravadas em minha mente, com tantos pormenores, com tanta força de detalhes, com tantos ângulos visuais e psíquicos, que jamais pensara conscientemente ter percebido. Cheguei à conclusão de que a espiritualidade mostrou-me e eu não vi: falou-me e eu não ouvi. Não tive olhos para ver, nem ouvidos para escutar. Faltou-me à vontade. Tive que aprender na dor, quando poderiam ter sido mais amenos esses registros de resgate.

6ª
REFLEXÃO

Voltei ao livro, passando por tópicos em que o autor aborda vários desdobramentos do tema encarnação e desencarnação, por ser ligado de alguma maneira, diretamente à causa e ao efeito e entra em dissertações abrangentes em que vemos, com profundidade, explicações que enfocam os períodos em que o espírito desencarnado passa por longo preparo, antes de voltar à carne, até que tenha alcançado um certo grau de reajustamento emocional, recebendo desde tratamento psicológico até magnético.

Discorre sobre assuntos atuais como o homossexualismo, que transcrevemos na íntegra: *Em se tratando de encarnação, a questão do sexo merece reparos seguros por dar lugar a numerosos problemas; alguns graves. Os espíritos no espaço não têm sexo, como nós aqui o entendemos, porque não se reproduzem. Os órgãos da sexualidade são próprios do plano de manifestação e servem às necessidades de reprodução do corpo físico. Como se sabe a influência do organismo persiste após a morte; em o nosso nível essa influência pode chegar a imprimir no espírito sinais de doenças do organismo, que o espírito sofre como se estivesse ainda encarnado, chegando mesmo a julgar-se vivo na Terra. Sendo homem, ou mulher em várias vidas, o espírito conser-*

va o caráter que nele ficou impresso; por isso, terá as características em que viveu longamente e voltando a Terra, exibirá as inclinações correspondentes, mostrando-se feminino, ou masculino. Homem e mulher são iguais, quanto ao senso moral e o grau de Perfeição; egoísta ou altruísta. Também os direitos perante a Lei são os mesmos, mas não são iguais as atribuições: os seus organismos diferentes revelam-se adequados ao desempenho de papéis diversos, durante a encarnação.

Pode o espírito mudar o sexo ao reencarnar e por mais de uma razão. Porém, mudando-o, o mais certo é conservar os gostos, as inclinações e o caráter do sexo anterior, que é o habitual.

E prossegue citando Léon Denis, em seu livro O Problema do Ser, do Destino e da Dor: *"Quando um espírito se afez a um sexo, é mau para ele sair do que se tornou a sua natureza"* e que a mudança *"é, em princípio, inútil e perigosa"*. E explica: *"De fato, aí temos a explicação de algumas anomalias do caráter de certos homens e mulheres _ que na existência precedente tinham outro sexo"*.

Ainda em sua argumentação, *"a razão fundamental da troca do sexo regular para o oposto é a expiação, explana André Luiz. Abusando o homem da sexualidade na satisfação egoística do impulso erótico, lançando irmãs suas na desesperança, na revolta, poderá ser constrangido a renascer num corpo fe-*

minino para purgar nos problemas da inversão e aprender a respeitar os outros. Igualmente, a mulher, dedicada ao mister de arrastar seus irmãos pela via desgraçada, por meio da sexualidade descontrolada, poderá ter de voltar ao cenário como homem”.

Quanto à desencarnação, o Dr. Carlos inicia dizendo que o assunto merece redobrada atenção: “*Todos temem a morte, convindo começar a conhecê-la...”*.

Declara-nos que, os tipos de desencarnação, reconhecidos, são três: a lenta, a súbita e a coletiva. Dá uma opinião sobre a desencarnação lenta, em que a pessoa adoece, por prazo mais ou menos longo e tem tempo, um bom período para meditar, fazer reformulações de

pontos de vista e até fazer alguns acertos, sendo este tipo a desencarnação usual e ideal. Sobre a desencarnação súbita, geralmente o espírito é apanhado desprevenido, a maioria das vezes sem preparo, apegado às coisas materiais. Sobre a desencarnação coletiva, pouco difere da súbita, com a peculiaridade de processar-se em conjunto, onde espíritos com débitos semelhantes são planejadamente agrupados para a expiação coletiva.

O Dr. Carlos explana, com muita profundidade e firmeza em sua argumentação, quanto à necessidade de uma preparação espiritual, ao avizinhar-se da desencarnação. *"A educação religiosa convencional tem o seu valor, é melhor do que a idéia de mergulhar no"nada"*.

Mas as pessoas sinceramente religiosas encontram amplas dificuldades pela desinformação a que estão condenadas. Nada sabem do "outro mundo" nem dos espíritos, além de estarem impregnadas de noções falsas e preconceitos, para não dizer superstições. A morte, portanto, apavora-as em geral e se alguma tem fé superior ao medo, fica confusa, esperando demônios ou anjos"... E continua: *"Sucede algumas vezes pessoas religiosas e bem intencionadas passarem por grandes perturbações antes e depois da morte do corpo, por incompreensão e ignorância, o que lhes seria dispensado em virtude dos méritos alcançados em vida; mas não podem aproveitar esta vantagem porque estão cheias de medo e não sabem o que fazer em seu próprio favor".*

O pesquisador do espiritualismo pede aos leitores para lerem a desencarnação de Cavalcante, no livro Obreiros da Vida Eterna, por André Luiz, que é um exemplo do assunto.

Prossegue o autor: *morrendo o corpo; se vai desligando a alma. Isto se pode dar espontaneamente; todavia, em quase todos os casos um espírito iluminado está presente para ajudar o despreendimento, que é gradativo. Freqüentemente, vários estão assistindo ao moribundo; formando o corpo espiritual permanece um cordão fluídico unindo-o ao organismo vencido, que ainda mantém restos de energia vital; esta é procurada por infelizes sofredores voltados à prática do mal, ao que André Luiz denomina vampirismo. Por isso durante o velório, permanece alguém*

categorizado para cuidar do recém-liberto e impedir o assalto ao cadáver _ exceto nos casos em que não houve ordem para amparar o desencarnante, o qual fica, então, entregue aos espíritos malfazejos (em vista dos males praticados por ele). Perto do enterro; o assistente espiritual extrai, por meio de passes, os restos de vitalidade do corpo e dispersa-os na atmosfera, impedindo que os desocupados dos cemitérios utilizem-se deles como parasitas.

Explica-nos o Dr. Rizzini que velório e enterro têm séquitos humano e espiritual, logicamente em afinidade com o nível moral da pessoa falecida. Chama a atenção dos leitores para evitar a atitude de comer, beber, conversar descuidadamente sobre assuntos malévo-

los, pelos inconvenientes que podem causar, pela atração que esses assuntos têm para as entidades perversas, vindo a perturbar o novo desencarnado.

A prece e o respeito são as únicas a-titudes convenientes nessas ocasiões. Fala-nos o livro que é muito variável o destino do espírito após a separação do corpo, dependendo da sua conduta e in-fluência moral: *"O modo de conduzir-se, as aspirações, a auto-educação, o respeito ao próximo, o serviço prestado e coisas assim são fatores determinan-tes, segundo depreendemos do antece-dente. Em primeiro lugar, são raros os espíritos recém-desencarnados que não passam por um período mais ou menos prolongado de perturbação da consciência. No momento mesmo da se-paração, como um filme rápido, o de-*

sencarnante revê toda a sua vida em resumo. Depois, entra em obscurecimento mental e fica numa espécie de sonolência que pode ser perturbada por recordações desagradáveis..." E mais adiante: *"Para poucos, os olhos fluídicos abrem-se na luz de imediato. Para muitos, a perturbação é pequena e sem importância. Para inúmeros, ela é longa e penosa, com pesadelos. Assim, muitos espíritos, "dormem" demoradamente após a passagem daqui para lá (ficam em torpor agitado). Não são poucos os que, tendo negado sistematicamente a imortabilidade e a realidade, espirituais, tão convencidos estão do nada que, ao desencarnarem, realmente mergulham na nulidade: sentem-se anulados e ficam inertes. Espíritos desta ordem são recolhidos em instituições de socorro,*

derivadas da Providência Divina: do contrário, ficariam vagando ao léu. Uma quantidade apreciável não consegue abandonar o campo doméstico e aí permanece, crendo-se viva e agindo como se o fosse. Sua imantação aos lares deve-se à sintonia de vibrações viciadas com parentes na carne, tão transtornados quanto eles. A obsessão é recíproca e inconsciente. Há os que permanecem presos ao corpo em decomposição; sofrendo, terrivelmente, com o trabalho dos microorganismos. Se libertados, cairiam sobre a família e outros com propósitos bárbaros. Semelhante expiação (comum também aos suicidas) provém de que o cordão fluídico que une espírito e cadáver só pode ser cortado por uma entidade esclarecida e capaz disso, estando ao demais,

autorizada a tanto. Antes do enterro, o assistente espiritual separa a ambos sancionando o cordão. Estando o infeliz entregue a si mesmo, não aparece ninguém para o caridoso mister, senão ao cabo do prazo marcado. Alguns irmãos chegam a perder o perispírito e vagam no umbral sob a forma de ovóides, conforme descreve André Luiz em "Libertação; é produto do mal contumaz. Muitos escapam do corpo e correm para o Umbral, ou descem para as Trevas. Quantidade de nossos irmãos têm vergonha de si mesmos e não suportam a luz: por isso, procuram a sombra e núcleos inferiores onde possam manter seus desejos e inclinações. Aí é o lugar dos revoltados e delinqüentes. Finalmente _ já não era sem tempo!

_ *existem aqueles que ascendem a esferas superiores...”*.

O tema Encarnação e Desencarnação foi explicado com pormenores que, às vezes, passam desapercebidos a muitas pessoas. O assunto fora muito atraente e esclarecedor e como uma criança brincando de aprender, respirei fundo, acomodei-me melhor na cadeira, passei a vista em alguns pontos que seriam abordados no próximo parágrafo, para ver se eram tão interessantes como o que acabara de ler. Sem tentar raciocinar no que estava escrito antes, ou no que viria depois, apenas verificando as palavras isoladas do sentido no todo, fui atraído pela seguinte frase: “*1) No mundo físico infra-atômico e no reino vivo infracelular vigoram as mesmas*

relações, absolutamente constantes, da escala macroscópica?”. O euforismo que sentira anteriormente morreu. Aquelas palavras não se encaixaram na minha cultura e o impulso de deixar para o lado toda a leitura seguinte veio de imediato. A preguiça de pensar, raciocinar, de desdobrar o significado das palavras, de procurar entender, de comparar a forma como estavam sendo escritas, jogando-as de encontro à maneira como estou acostumado a falar, gritou bem alto, todavia prevaleceu a razão e afinal, iniciei a leitura pelo começo, tentando compreender e acompanhar o raciocínio de um homem de ciência que abordava comparações dentro da física, da química, da biologia, dos conceitos filosóficos, teológicos, psíquicos... Enquadrei-me no meu devido lugar de um

simples pretensioso que se esforçava para perseguir a mentalização de um homem que fala, saindo de um campo de pensamento para outro, com uma facilidade impressionante, respaldado pela cultura que tem; tal qual um maestro no trato com seus músicos, com os instrumentos musicais, seus sons, acordes; que, combina ritmos e sons, porque todos esses aspectos fazem parte do seu universo mental.

* (Ver observação na 5ª REFLEXÃO) **Uma coragem pálida, vacilante, começava a envolver-me. Lembrei-me, sem querer, que já tivera passado por uma situação idêntica ao ter um bloqueio mental, ao tentar expressar o que entendera sobre sonhos, comparando as interpretações, freudiana, adleriana e espírita. Na-**

quela ocasião, havia lido pouco mais de página e meia; muitas vezes e por mais que tentasse, não sabia dizer o que compreendi. Houve um bloqueio à continuação da escrita, até que resolvi, já cansado, deixar para lá, continuar a escrever o livro, abordando outro tema, para mais tarde em outra ocasião voltar a martelar aquele assunto. Todavia, para facilitar o trabalho no futuro, fiz uma seleção dos pontos abordados pelo estudioso, com algumas pequenas definições. No outro dia, ao começar novamente a escrever o livro, a curiosidade levou-me a ler de novo o resumo pendente e, qual não foi minha surpresa, ao verificar que tudo aquilo que entendera e que supunha me faltavam palavras para dizer, estava ali naquele rascu-

nho, sem colocar nem tirar uma vírgula sequer. Acredito que tenha sido uma brincadeira de meu mentor espiritual, talvez para me mostrar que estava ao meu lado, me ajudando.

Embalado pela experiência anterior, entrei no tema Determinismo e Livre-Arbítrio, sem vacilação.

Iniciava o Doutor Rizzini *"1 - Determinismo é a doutrina que afirma serem todos os acontecimentos _ inclusive vontade e escolhas humanas; causados por acontecimentos anteriores. Segue-se que o ser humano seria destituído de liberdade de decidir e de influir nos fenômenos em que toma parte"*.

Segundo este conceito, o indivíduo não pode fugir ao que está determinado, faz exatamente o que tem de fazer. To-

dos os seus atos são determinados por forças internas e externas. Tal qual a chuva e o raio, que não surgem por acaso, há sempre acontecimentos anteriores que preparam outros. Assim, para o caso da chuva, houve água, calor, evaporação e condensação do vapor anteriormente.

Ainda de acordo com o conceito: *"Os mundos físicos e biológicos são, pois, regidos pelo determinismo _ no nível macroscópico. Em o nível mental, também vigora o mesmo princípio, pois, os pensamentos têm uma causa, assim como as nossas ações, deles decorrentes; pensamentos e atos estão relacionados aos impulsos, traços de caráter e experiências passadas, não eclodem ao acaso desordenadamente, pois, caracterizam a personalidade"*.

O autor enfoca agora a doutrina o-posta, a do Livre Arbítrio, ou seja, a que considera a vontade humana livre para tomar decisões e reger suas ações. Assim, o homem pode escolher racionalmente, entre várias opções apresentadas, a que mais lhe agrade e agir livremente de acordo com sua escolha, mas é também responsável pelos resultados de sua escolha.

Ao fazer as perguntas que tanto me abalaram, lidas que foram por mim isoladamente, sem enquadramento no assunto abordado, quis o Dr. Carlos Toledo procurar explicar que o Determinismo férreo vigora apenas para o mundo físico, constante da escala macroscópica, ou seja, para os grandes corpos, que são em pequeno número, daí o sucesso

das leis de Newton[26] na previsão dos movimentos dos corpos celestes, trajetórias de projéteis, etc; porém, no que diz respeito ao mundo infracelular ou infra-atômico, ou seja, o que é infinitamente pequeno na matéria viva ou na matéria inanimada, vigora o indetermi-

---

[26] ISAAC NEWTON - ilustre matemático, físico, astrônomo e filósofo inglês - 1642-1727. Escreveu o Livro dos Princípios cujo núcleo central são as suas três leis fundamentais da mecânica:

1ª) "Todo corpo permanece em seu estado de repouso ou de movimento uniforme em linha reta, a menos que seja obrigado a mudar seu estado por forças impressas nele".
2ª) "A mudança de movimento é proporcional à força motriz impressa e faz-se segundo a linha reta pela qual se imprime essa força".
3ª) "A uma ação sempre se opõe uma reação igual, ou seja, as ações de dois corpos, um sobre o outro, são sempre iguais e se dirigem a partes contrárias".

[28] Isaac Newton nos últimos vinte anos de sua vida não fez mais qualquer contribuição significativa para a história das ciências. Dedicou-se a assuntos teológicos, chegando mesmo a considerá-los, na opinião de muitos historiadores, mais importantes do que a física e a matemática. Escreveu: Observações Sobre as Professias de Daniel e do Apocalipse de São João, publicados em 1733.

nismo, que só admite o cálculo da probabilidade.

Justifica: *“Entra em jogo a probabilidade, isto é; leis estatísticas. De fato, as partículas subatômicas, como elétrons, não admitem previsão exata como aceitam os planetas e cometas. Em geral, corpos muitíssimos pequenos têm um comportamento diverso do de corpos visíveis. Não é possível estabelecer, ao mesmo tempo, a velocidade e a posição de uma daquelas partículas _ e sem conhecer os dois valores não há previsão de movimento. Logo, existe neste nível indeterminação como se cada corpúsculo material pudesse realizar uma escolha entre várias possibilidades”.*

Fala-nos, como exemplo, da radioatividade ou desintegração espontânea do

metal Rádio, que leva 1590 anos para se reduzir à metade; sozinho. Isto, como diz, é calculável com exatidão, todavia, quando o átomo desintegrar-se-á, ninguém consegue determinar. Poderá ser agora, no próximo segundo, amanhã, daqui a mil anos... Acontecerá um dia como se ele tivesse liberdade para decidir o momento, sem que nenhuma força externa possa alterar. Em resumo, o Dr. Carlos Toledo não descarta o princípio do Determinismo em que tudo tem uma causa, uma razão anterior, que originou todo o processo. Entretanto, defende que o ser humano, o ser vivente, o espírito é livre para decidir seus atos, tal qual os elétrons, para decidir a hora de desintegrar-se.

A explicação de Livre Arbítrio e Determinismo parecia estar completa, para

mim, viciado a entender parte de um todo e admitir erradamente já conhecer seus desdobramentos, efeitos, conjugações... Porém, o autor não encerrava o assunto por aí. Ia mais além, fazendo o encaixe daquelas afirmações com o nosso mundo mental, quando prossegue: *"No mundo mental, emerge um novo fator, cujo desempenho é bastante imprevisível, chamado consciência ou faculdade de conhecer a si mesmo. Pelo visto, não é demais supor que o ser humano seja dotado, igualmente, de vontade livre em maior ou menor escala"*.

Mostra-nos que, no reino animal e humano inferior, as ações são regidas pelo Determinismo, em que o instinto indica melhor o caminho a seguir, sem o perigo da escolha mal feita. O homem selvagem normalmente age movido por

esses impulsos. O Dr. Toledo admite que o Livre Arbítrio é progressivo e relativo e vai evoluindo do Determinismo físico à medida que a consciência (ou razão) vai se desenvolvendo.

Ensina que, com o crescimento da razão, a liberdade de decidir aumenta e aqueles padrões instintivos de comportamento cedem lugar à opção inteligente, que faz surgir um outro fator moral _responsabilidade, pelo qual o indivíduo assume as conseqüências dos atos praticados.

Eu acabara de ler a conceituação de Determinismo e Livre Arbítrio e meus olhos focaram Lei de Causa e Efeito.

Quantas coisas eu tinha lido, quantas verdades meditado, quantas respostas tinha dado a mim mesmo, quantos mergulhos no meu passado. As lembranças

todas do tempo que se fora, das provas por que passara. De mudanças de rumos, de trilhas cortadas, de lutas que não pude fugir, de derrotas, de desânimo, de alegrias.

Meu livre arbítrio fora testado muitas vezes, minha vontade vacilante outras tantas. Fracassara, vencera; fugas e confrontamentos; _tudo isto estava gravado no meu Eu. Sabia que, meu dia a dia, meus enfrentamentos, tinham um significado que, embora combinando na essência, não era igual aos das outras pessoas; _ nada é igual no Universo. O tempo, o momento, o lugar, a circunstância; enfim, há sempre algo que modifica, que define, que transcende... Vaguei pelo tempo, vasculhei o mundo, atingi outros lugares, no pensamento. Veio-me à memória; as muitas experi-

ências, que tivera e não notara. Tantas que desejara passar e não consegui. Vieram lembranças de situações parecidas em várias delas, como se tivessem sendo repetidas com outros atores ou outros cenários e foram muitas no mesmo tema. Enquadrei-as todas nas palavras do autor: *"As forças que movimentamos no passado, com as nossas ações, tendem a continuar na mesma direção, impelindo-nos para onde, hoje, não queremos ir, mas quisemos ontem. Nossas obras acompanham-nos; o passado revive no presente"*.

Essas palavras explicavam-me, na minha confusão de raciocínio, naquela avalanche de símbolos, lembranças, fatos desordenadamente ordenados, que pareciam ter vida e querer se priorizar; que insistiam em se tornar conscientes.

7ª

REFLEXÃO

Saí do mergulho e continuei a leitura, como se empurrasse todos aqueles pensamentos para dentro de uma gaveta, acomodando-os de qualquer jeito. O autor abordava outros assuntos: Lei de Causa e Efeito, Ação da Lei nos Desvios de Rumo.

O livro apresenta várias referências de Jesus à Lei de Causa e Efeito.

“Afirma o Mestre”:

- *“Não julgueis para não serdes julgados (Mt. 7.1)”*.

- *“Com a medida que medirdes sereis medido”(Mt. 7:2)”.*
- *“Todo o que comete pecado é escravo do pecado (Jo. 8:34)”.*
- *“Todos os que tomarem espada, morrerão à espada (Mt. 26:52)”.*
- *“Se perdoarmos as ofensas recebidas, Deus igualmente perdoará nossos pecados (Mt. 6:14-15)”.*
- *“E o que quereis que vos façam os homens, isso mesmo, fazei vós a eles (Lc. 6:31). São várias formulações equivalentes”.*

O médico espírita emite conceito sobre o livre-arbítrio, quando diz: *“Logo, ação e reação, além de importante lei física, é relevante lei moral _rege as relações inter-humanas e ensina ao espírito como atuar e progredir”*. E conti-

nua _*“A liberdade existe antes de agirmos: após o lançamento do ato, ficamos sujeitos às conseqüências”*. E mais adiante: *“Para progredir, foi permitido ao espírito humano violar a Lei e promover a desordem ao redor dos seus próprios passos, de modo a conhecer as conseqüências do erro e afastar-se dele”*.

Discorre sobre a Lei nos desvios de rumo; provas, tentações, expiação, etc. Ele exorta o trabalho, as lutas materiais para o desenvolvimento da inteligência, assim como o estudo para o desenvolvimento da razão. Diz-nos que, no curso da evolução, o espírito encarnado é submetido a provas envolvendo algumas de suas fraquezas, de maneira a despertá-lo. Essas situações que estimu-

lam fraquezas (ou impulsos inferiores) são denominadas tentações.

Na tentação o espírito mostra o que é, de acordo com suas tendências, pois a tentação liga-se sempre a uma fraqueza, a um impulso no qual o espírito tem dificuldade para resistir. Por sua vez a prova é um exame que consiste em avaliar o progresso e a firmeza do espírito.

Define a expiação como a aplicação da Lei de Causa e Efeito, promovendo os acertos devidos. É, portanto, o castigo imposto pelos erros que foram praticados, fazendo o espírito sofrer o que fez o outro sofrer.

Expressa-se sobre a reparação com essas palavras: *"Numa fase posterior, haverá reparação, isto é, o esforço no reajustamento da vítima ou a devolução do que lhe é devido. Muitíssimas vidas*

estão centradas em torno da necessidade de reparar males anteriormente feitos a outros. Esposos, filhos, parentes, amigos, etc., com freqüência envolvem situações reparatórias. Quando retiramos alguém do seu caminho para servir aos nossos fins pessoais (egocêntricos), mais tarde recebê-lo-emos no lar para ajudá-lo a reequilibrar-se perante a vida. E prossegue: "*é bom notar que expiações servem também de provas.Um débito é cobrado ou um erro corrigido, mas, ao mesmo tempo, algum setor do espírito submetido a exame. Se o indivíduo expia seus crimes, renascendo sem membros, sua paciência e resignação são testadas*".

Manifesta-se sobre Paraíso e Inferno, Umbral e Trevas. Reforça a teoria da não existência de zonas especifica-

mente criadas no Universo, destinadas ao sofrimento e dores permanentes ou à paz eterna e que o Céu ou o Inferno é uma condição de nossa mente. Contudo, a Lei de Afinidade faz com que determinadas castas de espíritos reúnam-se, atraídos pelos sentimentos comuns de amor ou de ódio e originem a constituição de “Esferas”, “Planos” ou “Mundos Espirituais”. Conseqüentemente, espíritos perturbados pela culpa afinam-se automaticamente pela sintonia em determinadas áreas e organizam ambientes de construções pesadas, escuras, sórdidas, nojentas, degradantes, tudo condizente com seu estado mental. Mas, não são lugares fixos e definitivos e sim construções mentais transitórias. Tão logo os espíritos mudem as disposições

para o mal; esses ambientes tendem também a mudar.

Estava chegando à leitura de quase metade do livro, empolgado com as verdades que percebera e compreendera. Empolgado com a maneira como estavam sendo explicadas, com os conceitos que, sob outras formas, já haviam chegado anteriormente a mim, mas que muito me foi gratificante reforçá-los sob estes novos ângulos de visão. Percebi que, com a leitura de mais algumas páginas, entraria na Parte III do livro _Renovação Mental. Já tinha arriscado uma olhadinha nos assuntos seguintes e anotado mentalmente: Moléstias Orgânicas, Impulsos Compulsivos, Moléstias Mentais, Obsessão... Urgia devorar todas essas informações, e continuei...

Desequilíbrios (enfermidades). O estudioso da mediunidade diz que *“toda moléstia é de origem espiritual, razão porque há doentes e não doença, propriamente dita. A medicina terrena começou a compreender isso com o seu conceito de moléstia psicossomática, ou seja, a doença do corpo oriunda de um estado desajustado da mente “tensão”*.

Exorta-nos a buscar esclarecimentos sobre a causa profunda das enfermidades e a função retificadora que a enfermidade desempenha na vida do espírito eterno.

Sobre as causas, diz-nos: *“A prática do mal, a repetição de abusos, a acumulação de erros, os vícios, enfraquecem os centros de força do perispírito e geram lesões nele, que é sensível ao estado moral do Espírito”*.

Dá-nos conhecimento das experiências do professor e médico **Hans Selye**, (nascido em 1907) que diz que estados de tensão muito prolongados, principalmente como ansiedade, frustração e ódio, são capazes de produzir doenças como úlceras gastroduodenais, arteriosclerose, hipertensão arterial... Opina que é, portanto, a própria maneira de agir do indivíduo que não é sadia. Pensamentos, sentimentos, impulsos, afastam-no da normalidade, levando-o ao desequilíbrio e provocando a instauração de moléstia em seu interior.

Assevera que a medicação externa, por si só, não será suficiente para obter a cura integralmente de grande parte das enfermidades. É um paliativo que melhora e alivia, todavia a cura terá de vir

do poder criador, regenerador, do espírito.

Fala-nos de moléstias orgânicas originárias de lesões perispirituais que surgiram de erros e abusos anteriores. Exemplifica que se uma pessoa ingeriu veneno por vontade própria poderá renascer com a garganta e o estômago lesados. No caso de suicídio com um tiro no coração, poderá reencarnar com uma insuficiência desse órgão. Usou-se a inteligência para lesar seus semelhantes, poderá nascer idiota e assim por diante.

Dá a conhecer o conceito de *“Restrições Pedidas”*, denominadas por André Luiz, ou seja, de defeitos ou inibições funcionais que o espírito reencarnante pede, para prevenir uma possível queda, num setor em que já fracassara antes. Assim, o espírito solicita que de-

terminados órgãos carnais sejam, um tanto defeituosos, funcionando, portanto, em um ritmo lento, ou reduzido. Dessa forma, na carne, o indivíduo por mais que exagere no uso para obter o prazer ou fazer o mal, não consegue. Nada o pode livrar da inibição solicitada. São pessoas que abusaram da alimentação e nascem com um estômago frágil e um intestino desarranjável, obrigando-o a limitar a comida e a bebida. É o galã fascinador, que nasce com feições grosseiras para não atrair ninguém etc., etc...

Faz referência a doenças geradas pelo contato íntimo com espíritos perturbados, quase sempre inconscientes do próprio estado e que, estabelecida a sintonia, transmitem ao encarnado as sensações das enfermidades que sofreram

quando na carne. Sobre esse assunto, lembrei-me de um fato acontecido no início de meu desenvolvimento mediú-nico, nos idos de 1964, em uma reunião mediúnica no **Centro Espírita Mensa-geiro do Bem**, naquela época, localiza-do na Rua Augusta, no Centro de Reci-fe.

Por sugestão de um médium vidente pouco informado, dei sintonia a uma entidade sofredora recém desencarnada. A incorporação foi brusca e penosa, provocando uma dor muito grande a-baixo do meu peito esquerdo e uma fal-ta de ar que quase me levou ao desmaio. A médium dirigente dos trabalhos per-cebeu a tempo, transferiu a incorpora-ção para si, livrando-me de um proble-ma mais grave. Era um irmão desencar-nado havia pouco tempo, vítima de um

tiro, abaixo do coração. Passei alguns dias sentindo o local dolorido, como se tivesse levado uma pancada, tendo que massagear o local com Iodex.

O livro assegura que é importante ainda notar a grande parte das moléstias que geramos em nós mesmos, na presente encarnação, pelo nosso destempero de atitudes, pelos esforços de trabalhos exagerados, pela imprevidência enfim e que são a imensa maioria e pelas quais teremos que enfrentar as conseqüências, através do sofrimento e da dor e, ao mesmo tempo, treinar nossa paciência, acordar a consciência para a realidade superior. Sobre o assunto, o autor transcreve dois conselhos básicos de Emmanuel (Fonte Vida) :

“1º) - “O doente (todos nós) precisa envidar esforços para deixar de ser triste, desanimado, revoltado, odiento, raivoso, etc.; como vimos acima, estados de ódio e de ansiedade lesam o corpo e a alma, o desânimo entorpece as forças desta, a maledicência consome as energias e assim por diante. Urge renovar-se intimamente, mudar as disposições psí quicas. Se não, o remédio externo pouco poderá fazer a nosso favor; se houver melhoras, é preciso não regressar aos abusos anteriores, caso em que não haverá cura.

2º) - “Importante, muito importante é que aprendamos a não pedir o afastamento da dor: ela é o amargo elixir da regeneração do espírito faltoso. Devemos, isto sim, rogar forças íntimas

para suportá-la com serenidade e valor, a fim de que não percamos as vantagens que nos trará no capítulo da recuperação. É preciso aprender a aproveitar os obstáculos que criamos e, para isso, podem-se pedir recursos ao Alto _ sempre que os recursos da Terra falharem; acontecendo isto, a resignação consciente é chamada a intervir”.

Todas essas lições que nos eram ofertadas no livro **Evolução Para o Terceiro Milênio** tiveram um significado muito grande para mim, que passara todo o meu tempo (como muita gente) convivendo com as verdades, professando, filosofando, aceitando-as como se elas fossem apenas para os outros, como se eu fosse um observador privilegiado dessas forças, desse enredo,

desses acontecimentos formidavelmente ligados a um sentido maior, a evolução do espírito.

De repente, despertei para o fato de que na escola da vida não sou somente um professor, não sou apenas um aluno, nem meramente um espectador. Sou parte integrante desse sistema de forças, de vibrações, metamorfose de sonhos, realidades, conquistas, vivência. Sou parte, sou elo, sou uma peça desse sistema espiritual.

Agora, começara a pensar ainda mais intensamente na mudança e verificava contritamente, conscientemente, intimamente, que os acontecimentos vividos em família, em trabalho, enfim, dentro de minha afinidade espiritual, antes, apenas percebidos, apenas vividos, tomaram uma força, uma conota-

ção muito maior dentro do que somente agora endossava convictamente ter sido meu planejamento de vida, minha etapa de resgate. Minha mulher, meus filhos, meus amigos, meu campo de trabalho, minhas lutas, vitórias, decepções, minhas dificuldades. Onde errei, onde repeti o erro, onde acertei. Tudo isto tomou uma forma maior. Uma amplitude tremendamente mais abrangente. Com a certeza objetiva de estar tudo dentro do meu planejamento de vida, até vislumbrei ainda como consertar em tempo algumas etapas mal executadas, definir rumos mais seguros. Passei a ser analista de mim mesmo para poder conhecer melhor os outros. Uma força muito grande invadiu-me, como forçando lembranças das muitas instruções que recebera dos meus abnegados mentores es-

pirituais, sempre no sentido da paciência, da humildade, do exemplo de trabalho, coragem e, tomado daquele bem estar, mergulhei mais fundo no estudo.

Estava agora lendo a parte que tratava de **Impulsos**. Parecia que, finalmente, o livro estava abordando o que eu mais aguardava, perseguia ansioso por saber, querendo mesmo passar por cima de tudo, da referência histórica, filosófica; atropelando conceitos espiritualistas, desordenadamente, impacientemente e sendo contido pela razão imperante que foi mais forte e conseguiu fazer-me dominar o vício arraigado em meu ser de começar a leitura pelo fim, pelo meio, nunca pelo princípio e apenas arriscar uma olhadinha, de leve, nos assuntos seguintes, tais como Moléstias Orgânicas, Impulsos Compulsivos, Moléstias

Mentais, Obsessão, assuntos que urgiam devorar antes de entrar na Parte III - **Renovação Mental**.

Impulsos: Sobre o assunto impulsos, assim inicia o autor: *"Grande parte da atividade mental transcorre por meio de processos e conteúdos inconscientes, sem que a pessoa tenha noção clara dela. Assim pensavam, primeiro Délanne e, depois, Freud, afirmando aquele que eles constituem "a base do nosso espírito", pois lá está todo o material adquirido nas vidas anteriores e que nos caracteriza. Daí, muito do que acontece dentro do espírito permanecer ignorado do indivíduo, embora seja propriedade dele.*

As forças que dão origem às nossas atitudes e condutas, levando-nos à a-

ção, são de natureza emotiva e correspondem às usuais palavras: desejo, necessidade, ânsia, anelo e paixão, conforme vários matizes e intensidades. Porém, o nome técnico para designá-las é impulso. Tais forças são basicamente inconscientes, embora o sujeito possa ter traços de consciência dela...”.

Diz-nos em outra parte do livro que as lembranças de ações passadas permanecem arquivadas na memória do espírito no fundo da alma e que ressurgem sob forma de impulsos bons ou maus, quando estimulados por um acontecimento parecido, uma palavra, um gesto, etc.

Prega-nos que essas forças apresentam dois aspectos dignos de atenção: o 1º, que o impulso pode, quando é impe-

dido de manifestar-se conscientemente (impulso reprimido) continuar a agir no estado inconsciente, provocando estados de aborrecimento, depressão, apreensão, sem que o indivíduo saiba o motivo; o 2º aspecto, é que os impulsos permanecem inconscientes porque não temos intenção de revelá-los, para não prejudicar nosso relacionamento com outras pessoas, em prejuízo de interesses, posições e vantagens.

Nossas ações seriam então, determinadas por uma infinidade de impulsos inconscientes, provocadores de necessidades e desejos. O autor continua explicando a fenomenologia do impulso, como se origina, como age, quais as formas sob as quais se apresentam, etc. O assunto, empolgante por natureza, le-

varia uma vida para ser dissecado, por mim, leigo, pretensioso.

Li e reli, várias vezes, as mesmas páginas, indo e voltando. Sei agora ter sido impelido por um impulso inconsciente provocador da necessidade e do desejo de modificar-me. Grifei no livro, com caneta amarela, os tópicos sobre impulso que mais me tocaram.

Ao começar novamente a leitura, os outros que não me despertaram a mesma curiosidade inicialmente, apresentavam-se agora mais interessantes que os primeiros. Era uma interpenetração de enfoques incrível e comecei a confundir-me querendo absorver impacientemente, verdades, conhecimentos básicos profundos, em poucas horas. Conhecimentos que levaram longos períodos de vida para ser assimilados por in-

telectuais, cientistas, homens cultos, letrados, homens cujos cérebros equacionam os mais complexos problemas da mente, relacionando-os com experiências, fatos, teorias, com a mesma facilidade que um adolescente, num jogo de vídeo-game, sabendo todas as atitudes dos vilões, seus próximos passos, suas tramas, como vencê-los, seja qual for o tipo de gravação em disquete, seja qual for o tema de competição.

Eu era o mesmo que uma criança, um bebê, em um tema tão complexo. Parei novamente rememorando o conselho do mentor espiritual Tancredo de Millys: *"Se o tempo é pouco, procure administrá-lo muito, eliminando o supérfluo de sua busca e concentrando-se no que realmente tem peso em suas necessidades"*. Respirei fundo, voltei para

o começo da página e comecei a selecionar o pouco que poderia compreender sobre impulsos, o que me bastaria, naquele momento.

"Denomina-se impulso o estado de excitação do sistema nervoso central que surge em resposta a um estímulo interno ou externo, o qual poderá ser uma pessoa, cena, conversa, palavra, insulto, bebida, etc.".

"Um impulso pode ser grosseiramente comparado com algo que cresce dentro da pessoa e aumenta a pressão, ou a uma bola de soprar que, retida entre as duas mãos, vai sendo inflada aos poucos".

"A referida excitação central (Impulso ou tensão) desencandeia uma atividade motora cuja finalidade é diminu-

ir ou eliminar o estado tencional. A sensação de alívio decorrente dessa a-tividade chama-se "Cessação ou Grati-ficação do Impulso".

"Certa quantidade de energia men-tal está associada aos impulsos. Pode suceder que esta energia se desprenda dos conteúdos do impulso (lembranças e desejos inconscientes) e venha a inva-dir a consciência, levando o indivíduo à ação para gratificá-lo, sem noção do que o está pressionando".

"A despeito das múltiplas formas que podem assumir, os impulsos seriam de duas naturezas fundamentais: Sexual e Agressiva. Mas é evidente que há ou-tros: fome, sede, solidariedade (que nos impele a ajudar o próximo necessitado), necessidade de afeição, desejo de do-mínio, desejo de aprender, etc.".

“Além dos impulsos normais (que prestam serviços) a mente humana comumente desvia-se da normalidade no caminho evolutivo e cria ou desenvolve necessidades mórbidas e impulsos anômalos. Uns são acentuações e deformações de impulsos normais: outros são inteiramente anormais; como o impulso suicida e o impulso sádico (inexistentes nos animais)”.

“Denomina-se impulso compulsivo o que, em oposição ao espontâneo ou natural, tem de ser obedecido automaticamente, mesmo à custa dos sentimentos e interesses mais legítimos da pessoa; isso ela fará de qualquer maneira e sem medir conseqüências _ ou seja, indiscriminadamente”.

Nesse caso está o exemplo do impulso sexual compulsivo, que leva o indivíduo a procurar uma pessoa para atendê-lo, não importando as conseqüências desse ato.

"Os impulsos compulsivos, segundo Karen Horney, são as forças enfermiças que iniciam e sustentam as neuroses. Por isso, dá-lhes nome de tendências neuróticas, isto é, impulsos destinados a atender às necessidades doentias do espírito".

Sob este aspecto Karen Horney acha que os impulsos compulsivos permitem um ajustamento provisório do indivíduo ao ambiente, à situação em que se defronta, dominado por medos, insegurança, isolamento, etc. Como nessas situações as mentes com anormalidades não conseguem recorrer aos recursos usuais

da vida social, tais como cordialidade, cooperação, etc., esses impulsos antagônicos preenchem o vácuo, arrastando o indivíduo em outra direção, gerando, então, os conflitos mentais.

“A principal dupla de impulsos contraditórios é necessidade de afeição-hostilidade: precisa-se intensamente da amizade, atenções de uma dada pessoa e, ao mesmo tempo, é-se forçado a irritar-se contra ela!”.

“Outro exemplo importante consiste, de um lado, do desejo de melhorar-se, da intenção de lutar contra as imperfeições, nos momentos edificantes e de outro lado, da inércia, da falta de iniciativa, do esquecimento das boas intenções, da negação, depressão, aflição... E o tempo vai passando, sem realiza-

*ções entre "a santidade do intento e a impossibilidade da execução (**Irmão X**[27]**, Estante Viva**)". Esse conflito moral é de todos os espíritos em evolução na Terra: contra os pequenos esforços no auto-aperfeiçoamento opõem-se os impulsos seculares que nos impelem para a animalidade de onde procedemos".*

Manifesta que pessoas que parecem grosseiras exibem impulsos à flor da pele. Indivíduos que tiram satisfação imediata de tudo que lhes contraria, que não têm controle, que agem explosivamente à menor contrariedade, podem ser de-

---

[27] IRMÃO X - pseudônimo usado pelo médium Francisco Cândido Xavier, para assinar os escritos pós-morte de Umberto de Campos, recebidos psicograficamente. A família do escritor na época das primeiras psicografias moveu uma ação na justiça proibindo o médium de assinar as composições literárias com o nome do autor.

signados como impulsivos ou emotivos. Estão ainda com a mente carregada da animalidade primitiva, carecem de tempo para atingir um melhor nível evolutivo.

Essas pessoas mostram os impulsos primários em sua forma mais direta. Todavia, na grande parte dos homens da cidade, a situação complica-se, porque têm que conviver com inúmeras formas de impulsos, nas mais variadas circunstâncias. Convivem com pessoas ligadas a experiências mal sucedidas, com lembranças de um passado desditoso, lembranças de ações indignas, enfim, toda uma sorte de reminiscências culposas ou vividas. Essas lembranças, diz o autor, "ressurgem do inconsciente em atividade". Esses impulsos definem as diferenças de caráter nos seres humanos,

pois as experiências vividas, embora semelhantes no todo, têm cunho pessoal, individual. É, portanto, o relacionamento interpessoal o problema máximo da Humanidade, pois toda vez que um indivíduo age, interfere direta ou indiretamente com outros, podendo gerar conflitos.

"Um impulso pode renascer muitas vezes, fazendo que sinta o sujeito o choque emocional sem ter conhecimento consciente da situação desagradável que está representada em sua mente inconsciente. Ocorre uma dissociação entre a emoção sentida e as imagens correspondentes.

Estas permanecem ignoradas enquanto aquela se liberta, diante do novo fato que serve de estímulo, e vem afetar o consciente. Nesse caso, a pesso-

a, diante de outra ou de algum acontecimento, sente-se invadida por impulso de agredir, ofender, fugir, tremer, gritar, calar-se, etc., sem compreender a razão do que está se passando com ela, razão que jaz no consciente sob a forma de recordação completa de um evento semelhante (ou equivalente), desta ou, mais comumente, de outra vida. O que sobe ao consciente, por obra do estímulo, é parte da energia ligada às lembranças, a qual vai desencadear o estado emotivo incompreendido".

Sob outras palavras, Dr. Rizzini explica que, conforme as experiências de vida gravadas no perispírito, uma pessoa pode se manter calma diante de situações desagradáveis e irritada, em fa-

ce de outras situações sem importância, relacionadas com determinadas pessoas.

"Uns fatos atingem porções sensibilizadas do inconsciente (ou agitam certos conteúdos dele) e outros não encontram ressonância ali".

Diz textualmente: *"É hora de cogitarmos da natureza das imagens e emoções que compõem antigas recordações armazenadas em estado inconsciente e que ressurgem quando estimuladas de fora"*.

Menciona o livro de Inácio Ferreira,[28] **Novos Rumos à Medicina**, que fala de *"recordações recalcadas no espírito"* e também do livro de André Luiz, **Evolução em Dois Mundos**, psicografado por Francisco C. Xavier, que fala

[28] INÁCIO FERREIRA - psiquiatra espírita; do Hospital Espírita de Ubatuba-SP).

em *“lembranças armazenadas no perispírito”*.

Comenta que ambos os livros corrigem o pioneiro Freud, quando acrescentam o fator reencarnação como indispensável para um maior conhecimento do espírito. Diz que a reencarnação é a chave para se compreender a origem e a ação dos impulsos no homem civilizado. *“Impulsos que estão no fundo das desordens psíquicas, embora ocorram no indivíduo normal”*. E acrescenta: segundo Inácio Ferreira, *“um clarão ilumina o acontecimento e ele aflora, como um quadro vivo, produzindo a mesma reação antiga”*.

O livro vai por aí, abordando o tema dos impulsos, dando exemplos, esmiuçando em detalhes suas origens, meios

de compreendê-los, etc. Por mais que eu quisesse passar por cima dos pormenores deste assunto tão vasto, ia me rendendo a seus inúmeros tipos, às suas variadas roupagens. Eu tinha de administrar o pouco tempo, como fora sugerido pelo mentor espiritual, porém veio-me a dúvida: não seria este justamente o principal ponto de minha busca? Cheguei à conclusão de que essa administração impunha-me mergulhar profundamente no assunto, porque seria essa a razão maior de minha leitura _ conhecer as forças que agem dentro de mim, analisá-las, policiá-las, domá-las. Isso era o que realmente tinha peso em minhas necessidades. Assim fazendo, estaria aprendendo a neutralizar campos de forças negativas anteriormente criados por mim mesmo. Estaria também usu-

fruindo forças positivas, igualmente armazenadas. Estaria enfrentando meus desejos, necessidades, ânsias, paixões, no seu nascedouro, no seu repouso, dentro, bem dentro do meu subconsciente. Por outro lado, entendia não poder perceber essas forças naquele estágio, afinal estavam no subconsciente. Todavia, compreendendo suas formas de atuação, poderia, com boa vontade e muita atenção, domar suas manifestações conscientes, negativas, emitindo impulsos de sentido inverso e apagando suas memórias. Perdão, compaixão, humildade, submissão, são forças positivas que também se acham à disposição das pessoas no subconsciente, carentes apenas de uso.

Continuei recapitulando muitas vezes o assunto à exaustão.

E quando, finalmente, parei para meditar, como num sonho, vieram-me à memória as várias psicografias que fiz, abordando problemas de pessoas amigas, irmãos encarnados, necessitados, carentes de orientação da espiritualidade para assuntos que julgavam difíceis de enfrentar, à luz de suas compreensões.

As psicografias que mais me impressionaram abordavam a paciência, a calma, o desânimo e a angústia. Em todas elas destacavam-se orientações no sentido de domar os impulsos negativos que vinham de dentro do ser das pessoas envolvidas, conturbando o raciocínio e tornando os problemas mais difíceis e penosos do que realmente se apresentavam.

Fui intérprete, através da mediunidade psicográfica, de muitos, desses conselhos, instruções, modo de ver as coisas e nunca me apercebi, ou não quis me conscientizar, de que estava escrevendo para mim mesmo, o alvo principal daquelas palavras. As psicografias, da mentora Sara, que transcrevo mais adiante, eram para um irmão que estava passando por uma fase difícil na vida material, levado à falência pelos reflexos do "Plano Collor"[29].

A falência provocara naquele amigo, uma angústia muito grande. Um desamor para consigo mesmo. Esse fracasso quase chegou a derrotar toda a fortaleza daquele espírito guerreiro, acostumado

[29] PLANO COLLOR - uma série de medidas econômicas; como: mudança de moeda, congelamento de preços, bloqueio de depósitos bancários, visando eliminar a inflação no início do Governo do Presidente Fernando Collor de Mello (1991/1992).

às lutas, às vitórias e também a muitos fracassos. O peso de sua idade, se por um lado dava-lhe uma maior experiência no enfrentamento dos revezes, por outro tornava-o mais frágil fisicamente para o confronto com as novas lutas que teria para, pelo menos, acomodar-se à nova situação.

Uma série de psicografias foi feita por meu intermédio para aquele irmão e confesso que me ajudaram muito em situações idênticas.

A Paciência. Que dizer mais, meu filho? Leste no Evangelho a lição A Paciência, que se acomoda perfeitamente no vácuo que existe em ti. Porém, vou tentar falar com outras palavras: existe em teu sofrimento agravantes que bem conheces _tua impaciência, tua cólera.

Não existe em ti o ódio. És bom no sentido da palavra. Não desejas mal a ninguém, não guardas rancor, perdoas sempre. És trabalhador e honesto. O que falta, afinal? Que mais enfim é necessário para evoluir, para alcançar os louros da vitória material e espiritual? _Falta a paciência, a resignação aos pequenos sofrimentos que te afligem. Paciência, calma para os grandes obstáculos materiais que te acompanham.

A impaciência dá lugar à cólera e a cólera ao fracasso, ao corte da intuição que te levaria, tranqüilamente, ao raciocínio para a solução do problema. A cólera também afeta as pessoas que estão envolvidas na situação, direta ou indiretamente no teu exemplo de fraqueza. É necessário, meu filho, que o homem, o espírito, o ser vivente leve aos seus se-

melhantes o seu exemplo bom e, a calma, a perseverança, o trabalho são exemplos bons, que não somente resolvem a maioria, como também são essenciais para solução de todos os problemas do espírito; servem de indução, pelo exemplo, ao respeito, à admiração de outros espíritos, não tão somente os que vivem diretamente ao teu lado, como também aqueles que miram a distância os resultados.

É bom sempre lembrar, meu filho, que tudo que passas tem seu significado para ti e para os teus. És aluno dos que te cercam, mas também és professor. Como professor, tens o dever de ensinar a eles essas virtudes e para ensinar tens de executá-las à frente de cada um, no dia a dia. Como aluno, tens o dever de prestar atenção aos mínimos detalhes

que te são oferecidos, para poderes compreender melhor. Como professor, exemplificas; como aluno, és exemplificado. Mas, mesmo com terminologias diferentes, todos somos alunos, somos aprendizes na Universidade do Tempo.

Agora filho querido, estamos realmente vislumbrando em ti um desejo maior de ter paciência, de te organizar, de te controlar, de te programar, acalmar e agir.

Esse desejo é o ponto inicial da tua vitória. Não desprezes esses momentos, essas intuições, essa vontade de busca da perfeição, que já é um grande passo para aquele que procurava alheiamente, embora com boa vontade.

Procura transmitir essas palavras aos que, como tu, já as ouviram em outras ocasiões. Procura buscar, dentro de ti,

soluções pelo trabalho, pela luta, pela perseverança, pela ordem, mas, sobre-tudo, pela paciência com os desrespei-tos que, por certo, encontrarás a esse trabalho, a essa luta, a essa perseveran-ça e a essa ordem.

Compreende que esses desrespeitos fazem parte da prova, e que a prova não existiria sem eles.

Sara, em nome de Deus.
Recife, 1992.

A Calma. A calma é a chama da conscientização do infinito e somente com treinamento chega-se a ela. Não a queres? Não a desejas? Lembra-te por toda vida: _o tempo não vai passar. Há sempre tempo para o tempo. Haverá sempre um novo dia, um novo mundo,

uma mesma ocasião noutro espaço no infinito. Interminavelmente assim.

É preciso (como vens tentando), parar os anseios de libertação que existem em ti. Não há ocasião ainda para isso. Vislumbras o além, no espaço compreendido entre a realidade presente e o vazio que separa a realização. A tua força interior, que percebeu *o futuro*, a realização, a concretização cármica, anseia por conseguir os meios para superar os obstáculos e gozar o gozo da paz, a carícia do sucesso, a vitória do guerreiro naquele ato. _Calma!

Quantas vezes, já te desesperaste? Quantas vezes, tu venceste? Isto não basta? _Não desesperes. Não procures andar a frente da realidade presente. O livro que te é dado estudar é para que o compreendas, para que aprendas com

paciência suas lições. Como poderás passar nas provas atuais, se estás buscando orientação em compêndios que estão além do teu curso? Espera que os acontecimentos cheguem aos teus olhos, ou mais perto dos teus sentidos. Não busques nos distantes caminhos que ainda não te foram oferecidos.

Paciência haverá sempre e sempre outras manhãs, outros “ontens”, outros sentidos e motivações; novos rumos, novas oportunidades, adaptações, estudos, acontecimentos...Eternamente a indestrutível Verdade.

Calma, meu filho, o tempo não passará! As suas medidas, são proporcionais às mentes que as calculam; além, na frente, muito à frente é o Agora Sempre. Acostuma-te à sintonia com ele, para não acelerares em excesso e

não freiares mais que o devido. Esta é a tua prova: perceber e aguardar sem nada poder fazer, além da prudência na condução do teu exército, para na oportunidade, passares como vens fazendo, com a permissão de Deus.

Tua mãe que te ama e amará sempre e sempre. **Sara,** em nome de Deus.

Recife, 1992.

O Desânimo. Meu filho, tudo tem saída no Universo. Tudo se acomoda, se contrai, regride, se prolonga no momento adequado. Às vezes, desaparece, torna-se visível, palpável, ofuscado, com brilho ou desbotado. Tudo se tinge, se colore, se esvai. Tudo se multiplica, se divide, cresce, diminui, anda, corre, pára.

Nada é eterno em princípio, tudo é eterno por princípio de Deus. As mudanças são necessárias, pois, sem elas, não haveria progresso; as situações se acomodariam, estagnariam e negariam oportunidades de descobertas, de motivações a outros seres. Tantos seres, nos mais variados estágios de evolução.

A própria evolução não é homogênea em todos os sentidos. Os sentidos invadem-se, encaixam-se, fundem-se para criar outros sentidos maiores. Assim é o Universo, meu filho. Este astro coletivo, este sopro do Divino Criador. Como deves ter entendido, tudo é reboliço, é paixão, é ternura, é contentamento, sofrimento, é procura da perfeição. Soluções são buscadas, nem sempre objetivamente, pelos espíritos. Mas até aí está o aprendizado. Pois as buscas das

soluções pelos caminhos errados trazem também sabedoria aos que as procuram, quando fracassados seus esforços. Pois conseguiram pela prática, pelo sofrimento, registrar em suas memórias perispirituais, aquilo que não deveria nunca ser testado e nunca, ainda mais, ter sido feito.

É essa procura, meu filho, é essa necessidade de conhecer e conhecer-se que o espírito enfrenta, que traz para si a busca maior: o desejo de extrapolar esses conhecimentos, de sobrepujar-se a essas tentativas, a esses fracassos; de perpetuar todas essas pequenas vitórias, fazendo-as amálgama da vitória maior, do núcleo de todas as virtudes: a Sabedoria.

Não deixes, meu filho, que o desânimo tome conta de ti. Não te acomo-

des, um só momento, um só instante em tua trajetória. Pára, pensa, reaje e segue em frente, buscando soluções, balanceando-as com a experiência que conseguiste; mas não deixes que os fracassos que tiveste façam sombras ao desejo de novas experiências, de novas vitórias e medo de outros fracassos, porque no caminho da busca da felicidade, essas palavras são as pedras em que terás de pisar.

Não desanimes nunca, meu filho! Sabemos de tua força, de tua lealdade, de tua boa vontade; sabemos também da confiança que depositas em Deus e em nós. Sabemos da confiança que tens nas soluções, no teu otimismo, preâmbulo da felicidade.

Nunca, em momento algum, desanimes. Saiba que estamos ao teu lado,

vibrando, lutando, dando-te bons pensamentos, para que ao deixares o corpo material, algum dia, saias com a glória de ter vencido tuas provas espirituais; de poderes, do teu jeito, com a tua consciência, como aprendeste, da maneira que te foi facultado, ensinar e aprender no convívio com os outros seres que te rodeiam.

Paz, luz ao teu espírito.

Sara, em nome de Deus.

Recife, 1992.

Por uma Angústia numa Prova. Meu filho, o que seria a vida sem as incertezas, sem os conflitos, as emoções e as soluções devidas?

O que seria a vida sem uma motivação maior para vencer, para persegui-la, para impor a vontade forte ao que se

julga certo e seja certo? Não desanimes nunca. Não deixes que outras pessoas sintam que tu estás triste, desesperançoso. Lembra que a tua imagem de otimismo, de força, de perseverança, de luta, é símbolo para muitos que te rodeiam. Não deixes que essa imagem desapareça de suas mentes, porque acarretariam prejuízos lastimáveis a seus espíritos, carentes de um esteio referencial.

O general meu filho, nunca deve deixar transparecer a seus guerreiros suas fraquezas, seus anseios, seus temores. O general meu filho, tem de ser para seus guerreiros, um forte, imbatível, destemido, vigoroso. Tem de ser e parecer justo. Tem de ser e parecer bom, honesto, sincero em suas palavras e em seus atos. O general meu filho, tem de acreditar no que diz. Tem de dizer o que

sente, doa em quem doer, fira a quem ferir; porém tem que ter paciência com os que não atingiram o seu grau de percepção. Tem de compreender os que não lhe compreendem as intenções, os que não vêem a verdade escondida atrás das coisas mortas e feias e os objetivos que se juntam a elas em cada tarefa, em cada novo dia.

O que seria a vida sem todas essas fases, essas incógnitas que cabem ao ser vivente desvendar e viver? Que seria da vida sem tudo isto, meu filho? _seria enfadonha, triste, desmotivada, sem solução para nada, a desesperança de tudo.

Sentimos em ti uma angústia muito grande. Uma incerteza, uma desmotivação, como se tudo não valesse nada, como se o nada valesse tudo. Sentimos

em ti a desesperança, a falta de sintonia conosco, a incerteza, a falta de confiança, que não são atributos do teu espírito guerreiro, batalhador, otimista, teimoso, forte: _um filho de Sara. Procura filho querido, reorganizar teus pensamentos. Procura, vibrando em Deus, buscar as soluções que, embora no momento pareçam estar distantes, podem estar bem pertinho de ti em tempo e espaço.

Ora sempre, como vens fazendo. Pede ao Pai forças, não para correres das provas, mas para enfrentá-las. O general, meu filho, é aquele que mesmo abatido não se deixa vencer, porque sabe que amanhã será um novo dia e tem de estar vivo para terminar a batalha ou iniciar outra que o conduza à vitória. O general, meu filho, nunca marcha para a vitória final, mas simplesmente para a

luta, porque sabe que essa busca incessante da vitória é a razão maior de sua vida.

Meu filho estamos contigo pela graça de Deus. Nós te amamos, nós te respeitamos. Tua felicidade é a nossa felicidade, tuas tristezas são as nossas apreensões. Nós te queremos forte, livre, íntegro, batalhador e alegre, como sempre fostes.

Não desanimes nunca, porque a vitória virá; porque a situação pela qual passas agora acomodar-se-á, como outras maiores acomodaram-se. Não será agora que vai ser diferente, meu general.

Sara, em nome de Deus.
Recife, 1993.

Essas psicografias mostravam em outro estilo, como se fora numa conversa fraterna entre pessoas que se amam, os cuidados que devemos ter para com as nossas atitudes, o policiamento sistemático dessas forças interiores negativas que, de vez em quando, fluem de dentro de nós, sob forma de recalques, frustrações, medos, angústias e, sem que percebamos, somos totalmente dominados por elas, pois modificam nossa forma de ser, nossa maneira de olhar as verdades, de encarar os fatos. Somos subjugados por essas vibrações interiores, de baixo padrão; armazenadas no nosso inconsciente, fruto de nossos desvios do passado, dando cumprimento à lei de Causa e Efeito, como o Dr. Carlos Toledo Rizzini, sob outro ângulo, bem as define.

A querida mentora Sara, através de seus conselhos, de suas palavras amorosas, procura despertar no irmão carente a autoconfiança. Mostra-lhe, as forças positivas que possui dentro de si, que começavam a ser esquecidas, ou melhor, já não eram mais notadas pelo irmão. Realça seu amor próprio. Torna-o cônscio de suas responsabilidades para consigo mesmo e para com os que lhe rodeiam. Faz ver ao irmão a necessidade da oração, da paciência, da calma, da luta, da persistência na procura de soluções, da confiança em si próprio, em seus guias espirituais e, acima de tudo, em Deus.

Em tom amoroso, de uma mãe devotada, chama-o de meu filho, meu filho querido, meu general, demonstrando li-

gações profundas do pretérito nas esferas da carne e do espírito.

Mostra que participa de suas lutas, ajudando-o com vibrações que chegam aos seus sentidos sob forma de intuições. Diz que se alegra com a sua felicidade e fica apreensiva com suas tristezas.

Faz-nos, em resumo, compreender ainda mais que o mundo espiritual e o mundo material fazem parte de um único todo, diferenciado apenas pelo tipo de energia, porém, o mesmo, no que diz respeito aos sentimentos e que, acima de tudo, não estamos sós em nossas provas, que temos parentes e amigos espirituais que se engajam em nossas lutas, que nos ajudam, que se preocupam à sua maneira conosco, para que possamos sair bem em nossas tarefas.

Percebi que, todas as idéias expressas no livro do Dr. Carlos Toledo Rizzini sobre afinidade, causa e efeito, impulsos, estavam ali contidas ou faziam parte do contexto de Sara, sob outra forma de retórica.

A pausa para essa apreciação foi revigorante para mim. Mais alicerçado, por estímulo da busca de conhecimentos, voltei à leitura do livro.

8ª

REFLEXÃO

Voltei à leitura do livro, no tópico Moléstias Mentais e logo no início, deparei-me com estas afirmativas:

“*Vimos que o homem perfeitamente normal é uma raridade e vimos o que são os impulsos, essas forças que o levam a agir irracionalmente, embora depois ele justifique-se racionalmente inventando um pretexto ou desculpa posterior que dê ação a uma aparência razoável (racionalização)*”.

E mais adiante:

“Para os psicanalistas, sentir-se infeliz e ser desesperado são condições patológicas; para os mentores espirituais, perversidade é loucura, revolta é ignorância, desespero é enfermidade e crime é doença (André Luiz)”.

E ainda:

“O critério mais aceito de sanidade mental é o comportamento, por ser um reflexo visível das condições interiores. Daí considerar-se normal o indivíduo que possua capacidade de ajustamento a todas as circunstâncias da vida...”

Fiz anotações de diversos tópicos e, ao aprofundar-me em suas palavras, esclarecia-me e compreendia cada vez mais. Porém, logo, a avalanche de ou-

tras maneiras de perceber; de outras a-firmações, de conceitos, referências, faziam com que tudo o que compreendera sumisse de minha memória consciente e com que me confundisse na memorização do teor dos ensinamentos, em todas suas letras. E voltei atrás, muitas e muitas vezes, recapitulando, como a querer decorar as palavras. Queria de todo jeito assimilar palavras que, por certo, não constavam no meu arquivo cerebral desta encarnação, até que despertei para o essencial do objetivo: compreender o assunto. Cheguei à conclusão, enfim, de que tudo o que estava lendo, era levado para o meu banco de memória e que, tão logo o assunto fosse abordado em uma conversação ou mesmo por necessidade própria de aplicação, tudo aquilo

seria liberado conscientemente com todos os seus dados.

O autor transcrevia afirmações do psicólogo Adler: “*Todos os fracassados _neuróticos, psicóticos, criminosos, bêbados, crianças-problemas, suicidas, pervertidos e prostitutas _ dão à vida um sentido privado; ninguém é beneficiado pela realização dos seus objetivos e os seus interesses não vão além de suas próprias pessoas...*”

E a do psicanalista J. Ralph: “*Aninhado nas raízes inconscientes está sempre o grande fator que influencia a conduta consciente: o egoísmo. O grande mal das pessoas constantemente perturbadas é o egoísmo. A pessoa que é sempre teatro de lutas e dores é a pessoa que está sempre ocupada com pensamentos relativos a si mesma...*”

Todas essas afirmações já as tinha ouvido muitas e muitas vezes com outras palavras. A conscientização de que os bloqueios que sentimos na corrida para nossa evolução estão irrefutavelmente dentro de nós, fundamentados no egoísmo, não formava mais dúvidas em mim.

Entendi pela leitura do livro **"Evolução para o Terceiro Milênio"** que a falta de confiança em si mesmo gera o medo de usar da liberdade que se possui para usufruir seus próprios poderes. Compreendi que a incapacidade de enfrentar, de suportar os acontecimentos dolorosos de sua trajetória de prova, a inaptidão para relacionar-se com outros, a fuga da autenticidade para não contrariar os princípios habituais do meio onde tem de viver, essa adaptação à cole-

tividade, sem ferir seus próprios padrões morais, enfim, a necessidade de convivência pacífica com pessoas nas mais variadas faixas de pensamento, exige do ser vivente um sacrifício muito grande, para não ir de encontro aos direitos dos outros e, por outro lado, não deixar de defender os seus.

Nessa luta, nesse objetivo principal, nessa necessidade de intercâmbio de idéias e de atos, o ser vivente, ao mesmo tempo em que enfrenta toda uma série de provas nas mais variadas esferas, vai burilando-se nas experiências adquiridas e assimilando conhecimentos, maneiras de agir e de pensar.

Opina o acadêmico de ciências Rizzini: *"Relações humanas satisfatórias ou adequadas são aquelas em que a pessoa pensa decide e sente por si*

mesma, não temendo ser dominada, nem desejando dominar ou se isolar. Não deseja ser igual aos outros, não se conduz pela imitação e não exige que os demais sejam iguais a ela. A única atitude que permite alcançar um relacionamento assim correto é a de solidariedade e cooperação com todos, na medida do possível; daí a importância do serviço prestado ao próximo, tão destacada pelos guias do Alto, para a cura das tendências doentias do Espírito".

O enfrentamento desses choques psíquicos a todo instante, nas mais variadas intensidades, como não poderia deixar de ser, provoca desequilíbrios mentais muito variados, conforme o crédito de experiências anteriores vivi-

das pelo espírito que, obviamente, irá agravar ou atenuar o aprendizado.

"Inúmeros apresentam personalidades doentias, dotados de efeitos patentes neste ou naquele setor; uns parecem amorais, outros mentem sem parar, outros são indiferentes, alguns são fracos, não poucos só pensam em doenças, muitos mostram-se odientos, ciumentos, agressivos, etc. A ansiedade é tão constante nesses tipos perturbados (que passam por normais) que por si só já é um mal evidente; é uma emoção igual ao medo, mas, na ausência de perigo objetivo, que deixa a pessoa desarmada diante de uma ameaça terrível".

Discorre sobre distúrbios psíquicos, em que recordações do passado vêm à mente, tornando a criatura fortemente desarranjada. Narra alguns fatos como

exemplo. Explica que esses distúrbios são freqüentes em pessoas velhas, nas quais a matéria, desgastada pelas lutas, afrouxa os laços que unem espírito e corpo, facilitando a exteriorização das recordações. E completa, afirmando que essas recordações são tão fortes que *"o doente se comporta como se estivesse vivendo realmente o fato"*.

Cita casos de pessoas que, inconformadas com os obstáculos a enfrentar, fogem da realidade presente e transportam-se para o passado, vivendo num plano psíquico inferior e normalmente passam a viver uma vida anterior onde desfrutavam posições vantajosas, com títulos e mordomias. Sofrem a realidade por não ser obedecidas, respeitadas, bajuladas. Outros são atacados de sentimentos de culpa e entram em depressão,

sofrendo muito e desgastando-se junto à sociedade. São atacados pelo remorso, conseqüência de prejuízos dados ao próximo, nesta ou em outras encarnações e que geram o retorno constante à tela mental dos quadros indignos em que tiveram participação.

Declara o autor: *"Todos esses estados mórbidos da mente humana costumam ser distribuídos por duas condições gerais de desordem mental: neurose e psicose, distintas primariamente por intensidade de desarranjo. A primeira pertence à área da Psicanálise e a segunda à área da Psiquiatria"*.

E continua: *"Neurose é um distúrbio emocional da personalidade, que conduz o doente a um estilo de vida desajustado. Ele está sempre em conflito consigo mesmo e com o ambiente"*.

E mais adiante: *“Acha o neurótico que deve lutar antes de cooperar e, por isso é fortemente competitivo (ainda que não o pareça). Neurose corresponde ao termo clássico em trabalhos espíritas, “Perturbação” _ que R. Simonetti (O Clarin, 15.03.1972) define como o estado de ânimo desajustado em que o indivíduo não consegue manter a estabilidade emocional e mental, desviando-se para a tristeza, o pessimismo, o desânimo, a agressividade e reações negativas desse tipo”*.

Justifica que o paciente, a fim de conseguir um ajuste precário com a circunstância do momento, cria maneiras diversas de pensar e agir, ou seja, as pseudo-soluções. Traça um perfil comportamental do neurótico, quando diz: *“Muitos são os comportamentos apre-*

sentados, mas as pessoas assumem um de três tipos de atitude geral (com inúmeras variações individuais):

1) *Aproximam-se dos outros porque precisam ansiosamente de afeto e não de solidão.*
2) *Opõem-se aos outros porque são agressivamente ambiciosas e querem dominar ou possuir tudo.*
3) *Afastam-se dos outros porque mal toleram o contato humano e sentem-se melhor no isolamento.*

São três atitudes predominantes que não excluem as opostas, também presentes, mas inaparentes; e.g. o sujeito que está em oposição aos outros também precisa de afeição, mas procura ocultar isso..."

E, para alívio de muita gente, o comentário que segue: *“O homem normal contém esses elementos em proporções equilibradas: é amistoso, solidário e cooperativo”*.

O escritor alerta para os sistemas orgânicos das pessoas com neuroses, quando diz: *“Sintomas orgânicos não aparecem ou surgem em número não pequeno: depressão, cansaço, fobias, angústia, palpitações, micção freqüente, inibições, etc.”*.

Debrucei-me sobre o livro, tentando entender pormenorizadamente, pelo lado científico, o assunto Perturbação, quem sabe, talvez procurando até analisar-me, senão para descobrir se sou neurótico, pelo menos para não incorrer em uma neurose que poderia estar se

formando. Saí “*catando*” no livro alguns esclarecimentos importantes que tinha sublinhado com lápis amarelo, para melhor facilitar a consulta:

- *“A atividade do neurótico é sempre inferior à sua capacidade, de modo que no trabalho ele é pouco produtivo”*
- *“No curso da neurose, o raciocínio conserva-se normal. Parece, às vezes, desviado da normalidade porque usa bases falsas”.*
- *“Na psicose, a desorganização da mente é muito mais avançada: o senso da realidade e a vida social mostram-se nulos ou quase assim. O psicótico não pode conviver conosco, a sociedade manda segregá-lo para tratamento...”*

- *"O que se encontra no fundo das neuroses e psicoses, impregnando o espírito. Lá está, bem perceptível, a citada tríade afetiva do desequilíbrio mental: egoísmo, orgulho e hostilidade"*.

  Aliado a tudo isto *"um fator a mais está sempre presente, a já referida obsessão _a influência maléfica, intencional ou inconsciente, exercida por espíritos imperfeitos, sobre a Humanidade encarnada de modo prolongado. A obsessão complica o quadro dos desequilíbrios já existentes e é a causa única de muitas formas de demência"*.

Seguem-se definições e desdobramentos vários, porém pude compreendê-los sem entrar em pormenores. Entendi que as pessoas podem ser consideradas como neuróticas de grau leve até

moderado. Que a incapacidade de compreender os aspectos espirituais da vida, torna as pessoas perturbadas. Que essa incapacidade de assimilar esses aspectos espirituais pode ser por ignorância ou por embotamento da razão.

Por Ignorância, própria dos espíritos encarnados que ainda estão nos primeiros degraus do conhecimento e que ainda não desenvolveram, na plenitude, suas capacidades mentais. Os impulsos liberados pelo subconsciente dessas pessoas são primários ou espontâneos

Por Embotamento da Razão, peculiar aos espíritos degenerados, viciados, comprometidos com o passado, onde os impulsos que recebem são compulsivos ou enfermiços. Esses impulsos provêm de antigos vícios, crimes e degradações que envolveram o espírito no pretérito e

agora surgem como efeito da causa primária, exigindo ações de sentido inverso para sua anulação.

Isto me bastava para a compreensão dos seus desdobramentos. Afinal, minha jornada em trabalhos mediúnicos de desobsessão dava-me uma base mínima de conhecimentos para entender o assunto em doses aceitáveis.

Meditei: quantas pessoas, no decorrer de nossa vivência nesses trabalhos, vieram até nós com angústias, completamente perdidas no enfrentamento de suas provas, em busca de solução espiritual, como se fôssemos uma tábua de salvação, completamente alheias à relação espírito-matéria; umas partindo de bases falsas para compreender as verdadeiras causas de suas aflições. Outras, encarando os problemas de maneira

correta, dentro da racionalidade, porém faltando-lhes a força de vontade para lutar e levar a termo a solução. Outras, ainda, sem nenhuma perspectiva certa ou errada, completamente perdidas no vazio que envolve a ignorância, sem capacidade de raciocinar e, muito menos, de agir.

Algumas pessoas em que acreditei não conseguirem facilmente o equilíbrio emocional pelos componentes presentes na trama, o conseguiram com relativa facilidade. Outras, ao inverso, com situações bem mais fáceis de solucionar, bastando apenas um pouco de boa vontade e auto-análise, complicaram-se pelo adicionamento de novos fatores.

Dr. Carlos Toledo começa agora a abordagem da obsessão e diz: _“*É a influência maléfica e mais ou menos per-*

sistente que espíritos tão ou mais atrasados do que nós podem exercer sobre nossa vida mental e, daí, sobre a conduta”.

E mais à frente: *“Em síntese, a obsessão é um fator que amplia e modifica os impulsos de alguém”*.

Explica novamente, como vem repetindo desde o início do livro, que essa influência decorre da *lei de sintonia vibratória*, em virtude da qual sintonizamos com as mentes do mesmo padrão.

Fala de espíritos que vão tomando conta de nossa personalidade e exercendo domínio cada vez maior.

Cita a existência de espíritos, altamente inteligentes e conhecedores do hipnotismo, que agem de maneira calculada e metódica, ampliando notadamente as motivações inconscientes ne-

gativas do indivíduo. Dá-nos exemplos de obsessão, desde as causadas por um único espírito até as causadas por grupos de espíritos.

Profere que as causas específicas que levam o espírito à submissão doentia são duas: invigilância e paixões.

Sobre a invigilância escreve: *"A invigilância é o modo de viver descuidado, no qual não prestamos atenção ao que pensamos e fazemos, de modo a permitir certas inclinações crescerem à vontade, sem exame crítico. Segundo Emmanuel e Scheila, pela mão de Francisco C. Xavier, a obsessão torna-se um perigo provável, sempre que permitimos se torne um hábito:*

1) - a cabeça e as mãos desocupada;

2) - a palavra irreverente;
3) - a boca maledicente;
4)- a conversa inútil prolongada;

5) - a atitude hipócrita;
6) - o gesto impaciente;
7) - a inclinação pessimista;
8) - a conduta agressiva;
9) - o apego demasiado a coisa e pessoas
10) - o comodismo exagerado;
11) - a solidariedade ausente;
12) - tomar os outros por ingratos ou maus;
13) - considerar o nosso trabalho excessivo;
14) - o desejo de apreço e reconhecimento;
15) - o impulso de exigir mais dos outros do que de nós mesmos;

16) - fugir para o álcool ou drogas estupefacientes.

Sobre as paixões, diz:

"As paixões são moléstias (hipertrofias) dos sentimentos e necessidades do espírito. Apresentam-se como estados afetivos intensos e duradouros".

E mais ainda: *"Uma paixão por pessoa ou objeto pode estabelecer uma fixação mental capaz de prender o espírito até por séculos, numa posição de desequilíbrio em que o seu pensamento revoluteia, continuamente em torno dela ou dele; nada mais lhe interessa, passa o tempo, o mundo transforma-se e ele, com a mente ocupada pela idéia fixa referente ao passado distante"*.

Diz-nos também: “*Os vícios, como o alcoolismo e drogas, aberrações sexuais e jogo, não diferem muito dos estados passionais. E, afinal, o crime comumente liga-se a tudo isso; é o prejuízo deliberado ao próximo, que procurará vingar-se, criando a cadeia do mal*”.

E o Dr. Carlos prossegue: “*Instalada, a obsessão deve ser considerada primariamente como uma forma de demência, uma psicopatia. As funções mentais alteram-se pela ação intencional ou inconsciente de outra mente, a razão declina, a vontade enfraquece, os sentimentos deterioram-se, os hábitos mudam etc.*”.

E ainda mais: “*Na forma denominada licantropia, que deu origem à lenda do lobisomem, adota posturas animalescas e declara-se cão, lobo, lobiso-*

mem, etc., por sofrer intensa sugestão mental depois de prolongada hipnotização por parte de entidades perversas e vingativas".

"Atinge também o corpo físico, gerando doenças, às vezes definitivas, outras vezes vagas, ou ainda simulando enfermidades que inexistem de fato; nesse caso, o espírito intimamente sintonizado, transmite à vítima as sensações da moléstia que o matou e da qual guarda impressões no perispírito".

Sobre este último aspecto, anteriormente nestes registros, relatamos uma experiência própria que tivemos em uma sessão de desenvolvimento, pelos idos de 1964, em que recebemos, numa incorporação, as sensações dolorosas de um espírito recém-desencarnado, por motivo de um tiro abaixo do peito e

que, ao completar a sintonia conosco, quase nos levou ao desmaio. Esse fato de alguma maneira enquadra-se, não no aspecto obsessão, porém, no dos sintomas da transmissão das impressões dolorosas do espírito para o encarnado depois de realizada a sintonia.

Lembro-me também, de uma reunião mediúnica em Recife, em que a médium Joana Norberto deu sintonia a um espírito que desencarnara principalmente de complicações hepáticas provocadas pela bebida e que estava ligado, por afinidade, a um irmão encarnado, vítima dessa cumplicidade do passado. Quando a entidade incorporou, a médium chegou a contorcer-se pelas cãibras que sentia por todo o corpo e a vomitar em cima da mesa, uma secreção como se fosse bílis, que exalava um mau cheiro de co-

nhaque misturado com cerveja e outras coisas mais. Quando falava com a voz distorcida pela embriaguez, todo o ambiente enchia-se do hálito característico das pessoas nesses estados e já carcomidas pelo vício do álcool. Foi um aprendizado inesquecível.

O autor do livro admite que "*a obsessão continua sendo um assunto de apreensão difícil e sobre o qual há muita imprecisão entre os que lidam com ela; opiniões e tratamentos mostram-se altamente discrepantes. Isto prende-se às vastíssimas relações dos espíritos envolvidos entre si, que podem cobrir várias existências e ao enorme campo de ação da mente sobre a mente e o corpo físico...*"

Para melhor compreensão, ele explana o essencial, ao seu modo de ver,

sobre os tipos de obsessão que se podem identificar e que interpretei, resumidamente, em alguns casos usando tópicos de suas palavras:

1º - Atração por sintonia com o plano inferior. A lei da afinidade moral faz com que encarnados que tenham pensamentos viciados ou inferiores entrem em sintonia com entidades que tenham idênticas vibrações. Espíritos que se dedicam ao mal não perdem oportunidade de unir suas vibrações a esses pensamentos, na operação denominada vampirismo, que consiste em absorver forças do hospedeiro terreno, multiplicando, assim, os impulsos do encarnado, que passará a ser um cooperador nas baixas esferas evolutivas.

2º - Influência recíproca de encarnados e desencarnados perturbados. Ou seja, obsessão bidirecional. Vibrações de ódio, ressentimento, mágoa, etc., unem os espíritos de ambos os planos. São geralmente parentes e amigos, que pertencem ao mesmo nível mental, com a consciência embotada. Não há intenção maléfica. São ligados por afinidade.

3º - Sugestão hipnótica durante o sono. Nesta variedade, o indivíduo durante o dia é ativo e normal. Todavia, durante o sono recebe sugestões feitas pelo obsessor e ao acordar as sugestões chegam ao consciente sob a forma de impulsos, que o obsedado obedece como se fossem seus. Surgem os crimes, os desastres, as brigas domésticas...

4º - Dominação telepática. De maneira geral há telepatia na obsessão. Porém o autor faz referência *“à ação telepática de desencarnados e encarnados sobre um outro, quando está em sintonia vibratória (relação fluídica) com eles”*. Por exemplo, uma amante pode emitir silenciosas vibrações na direção do marido de outra mulher. Chega ao ponto que a mulher traída vê imagens alucinatórias da amante do marido, se não despoluir a mente expulsando a mágoa e a hostilidade. Nesse caso, o marido é que está sob dominação telepática, porém a esposa deixa-se atingir pelo pensamento inferior.

5º - Influência sutil. O obsessor observa a futura vítima e vai, devagarinho,

discretamente, sutilmente aproximando-se, aguardando um momento favorável para prejudicá-la. Num dado momento, aproveitando uma invigilância, dá o seu golpe. A vítima, sem causa aparente, começa a apresentar depressão, não consegue ficar alegre; fica frustrada, cheia de apreensões, irritada, deprimida, não tem vontade de orar. Surgem as desavenças e os problemas. Tudo passa em seguida, deixando o indivíduo a lastimar-se por suas atitudes. O autor diz em destaque _ *"Quando começar a ficar azedo sem motivo patente, cuidado com a obsessão momentânea"*.

6º - Mediunidade perturbada. *"Mediunidade iniciante e obsessão andam unidas pelo menos durante certo tempo e até a vida toda"*. É preciso dis-

ciplinar a mediunidade, para que o médium não seja iludido ou seduzido de modo persistente, por falso “*guia*”, “*espíritos superiores*”, *etc*.

7º - Imantação pela cumplicidade ou conivência. Espíritos ligados à cadeia do mal, pelos erros e crimes cometidos em conjunto (causa e efeito). Quando um dos espíritos reencarna para melhorar-se, o outro ou outros discordam e começam a persegui-lo para que não cumpra seu programa regenerativo. As paixões intensas também fazem parte do mesmo procedimento. _Se um volta à matéria, o outro procura prejudicá-lo de qualquer forma.

8º - Vingança. A grande causa de obsessão é a vingança. O espírito que

foi vítima, por exemplo, de assassinato na matéria, persegue normalmente, na maioria dos casos, o seu assassino. *"Pode durar mais de uma vida, criando uma cadeia de erros"*.

9º - Obsessão entre vivos. *"Comumente, pessoas ligadas por sentimentos enfermiços ou necessidades neuróticas, criam laços de dependência que chegam a uma como perseguição do outro"*.

10º - Obsessão Coletiva. *"Talvez hoje não haja casos manifestos de uma turba de entidades votadas ao mal cair sobre uma pequena comunidade, levando os seus membros a cometer desatinos"*.

Dr. Carlos Toledo cita um caso no Brasil, em Pedra Bonita, MG, entre os anos de 1836 e 1838, em que um obsedado pregava a existência de um reino com muito ouro que seria desencantado se o solo fosse banhado com sangue humano. Cerca de trezentas pessoas foram atraídas ao local em busca do tesouro. O chefe conseguiu *"mergulhar aquela turba numa espécie de delírio ou embriaguez continuada"*. As pessoas ofereciam seus próprios filhos para o sacrifício e algumas suicidavam-se. Morreram cinqüenta e três pessoas. Um dos seduzidos conseguiu escapar e avisou às pessoas da redondeza, que puseram fim à loucura coletiva pelas armas.

O pesquisador, de uma forma objetiva, simples, obedecendo a uma seqüência de raciocínio fácil de acompanhar,

podemos dizer até, de alguma forma ritmada, procurou passar para os seus leitores tudo aquilo que aprendeu, nos seus longos anos de pesquisa dentro do Espiritismo, confrontando as verdades assimiladas nesses trabalhos espirituais com os ensinamentos e opiniões de defensores e de opositores do Espiritismo, nos mais diversos campos de atuação humana.

O autor, como vimos anteriormente, inicia o estudo da desobsessão, incluindo-a no capítulo que trata dos desequilíbrios. Mostra a correlação entre as moléstias orgânicas e o espírito, procura definir a atuação dos impulsos de uma maneira geral, os impulsos compulsivos, as moléstias mentais, suas causas e conseqüências. Entra no assunto obsessão como resultado do afunilamento na-

tural dessas enfermidades. Desdobra suas causas e seus efeitos, suas modalidades e seus mecanismos. Entrava agora no tratamento da obsessão, começando por definir, de maneira informal e descontraída, os aspectos que devem ser observados por aqueles que se dedicam aos trabalhos de desobsessão, aspectos esses que resumimos à nossa maneira, tomando por base suas palavras.

Tratamento da Desobsessão. Nesses trabalhos de desobsessão há de se observar que:

- Há casos de a obsessão ser eliminada em poucas sessões.
- Outros casos, às vezes, são longos e difíceis.
- Há obsessões violentas com curas rápidas.

- Há obsessões tranqüilas, bastante longas.
- Normalmente o obsedado não pode ajudar a si, por ignorância, fraqueza ou subjugação.
- Na desobsessão há auxílio dos mentores espirituais e de trabalhadores terrestres.
- A condição para o sucesso é a vontade de curar-se do doente. A cura exige: renovar a mente, interpretar a circunstância da vida e do próximo e renovação interior que lhe reduza as imperfeições que o ligam ao umbral.
- Muitos obsedados repelem a ajuda, são indiferentes ou apáticos.
- Não se deve fazer promessas de curas a familiares ansiosos, sendo importante ter cautela.

- O auxílio na desobsessão deve visar a reforma do obsessor e do obsedado.
- Cuidado com o tratamento dado ao obsessor. O espírito nunca deve ser tratado como criminoso vulgar e sim como irmão carente de compreensão.
- O obsessor considera-se sempre vítima.
- Habilidade, paciência, devotamento, calma e competência são elementos básicos do tratamento.
- Há obsessores inteligentes, cultos, astuciosos, que exigem muito para se lidar com eles.
- A superioridade moral, expressa em palavras e atos, resolve a situação.
- Ter em mente que nem sempre o obsessor é perverso e, apesar de estar com o coração cheio de ódio contra o

antigo ofensor, procura ser amável para com os presentes.

- O obsessor comporta-se geralmente bem, desde que não lhe falem em perdão para a atual vítima. Isto posto fora, promete até ajudar no que puder.

Enquadrei grande parte das observações acima à narração feita anteriormente, no começo deste livro, sobre o obsedado que havia sido estigmatizado no peito com ferrete em brasa (ideoplástico), com as palavras **vade mecum**, dentro de uma moldura desenhada em forma de coração.

Notara-se, naquela ocasião, que o irmão sofredor desencarnado considerava-se vítima e não um criminoso e que, apesar do imenso ódio que mantinha contra o encarnado, no seu diálogo

comigo, quando da doutrinação, perguntou até o que eu desejava e afirmou que a tudo me atenderia, desde que não fosse libertar “*esse desgraçado, esse miserável, que tanto mal fizera a todos nós*”. As palavras “*todos nós*” tinham um significado mais amplo, mostrando que, mesmo em situações diferentes, todos que ali estavam encarnados e desencarnados estiveram envolvidos, de alguma maneira, nos acontecimentos do passado e que continuávamos juntos, novamente naquela situação para perdoar ou sermos perdoados.

Por outro lado, as instruções do Dr. Toledo, o conteúdo do seu livro, as abordagens específicas neste ou naquele aspecto das relações espírito-matéria, impressionaram-me, agora de um modo diferente, gerando em mim uma pergun-

ta: como podemos conviver por tanto tempo com determinadas verdades e não fazer um balancete do que aprendemos? Só sabendo o que aprendemos temos noção do que não sabemos. E como é gratificante para o próprio espírito, ao recapitular, ao comparar seus atos, alheiamente executados, verificar que em muitas coisas esteve certo. Como é importante também admitir onde esteve errado. Compreender pela análise que coisas essenciais, não levadas em consideração no passado, poderão agora ser apreciadas com especial atenção. Os erros compreendidos são os melhores antídotos para novos fracassos.

Estava chegando ao fim da segunda parte do livro **Evolução para o Terceiro Milênio**, *Fundamentos do Espiritismo*. Restavam algumas páginas. A im-

paciência, como sempre, começava a dominar-me. É a ânsia de chegar ao fim de alguma coisa, que sempre me acompanha. É esse defeito, tão antigo quanto eu, que luto por dominar. Havia submetido meus conhecimentos práticos aos teóricos. Parei um pouco em minha busca desordenada de saber.

Questionei-me sobre o que acabara de ler e prossegui. O autor agora abordava a ação das pessoas encarnadas nas sessões de desobsessão. Dava orientação sobre o procedimento a ser adotado nessas reuniões, o qual eu ia comparando com a maneira de atuação que estava acostumado a obedecer.

- Os doentes devem receber tratamento magnético por meio de passes.

- Dispensar doutrinação evangélica que atinja o doente e o obsessor, este último, preferencialmente incorporado num médium psicofônico.
- Os doentes obsedados, quando muito agitados não devem comparecer às reuniões. Nesses casos, um parente deverá estar presente para receber orientação.
- O doente, depois que obtiver melhoras ou estiver controlado, precisa ser induzido a, através do estudo, obter noções esclarecedoras sobre a interferência do mundo espiritual sobre a Humanidade encarnada, assim como da prática do bem no serviço ao próximo.

Revela-nos em seguida 25 pontos que constituem normas fundamentais de

desobsessão, segundo Kardec, André Luiz e Emmanuel, que transcrevemos na íntegra:

"1º) Pontualidade. Os trabalhos devem começar à hora certa; os mentores do Alto têm todo o seu tempo distribuído. Não faltar sem razão sólida. Atrasos e faltas vão tornando o serviço ineficiente e sem garantias.
2º) Preparação. Os participantes encarnados, devem se preparar horas antes, comendo pouco descansando, não bebendo, mantendo a mente, em nível elevado, só pensando e falando com seriedade. É preciso haver sintonia com o plano superior.
3º) Evitar rituais. Nada de cerimônias. Bastam a prece e os sentimentos elevados.

4º) Considerar e tratar o obsessor como irmão necessitado de assistência e cordialidade, não como verdugo.
5º) As palavras dirigidas a ele devem conter consolo, esclarecimento, delicadeza, respeito e energia suave.
6º) Abolir palavras levianas e evitar o riso, mantendo dignidade e seriedade; o obsessor, mesmo fazendo graça pesada, é um infeliz sofredor. Rir é sintonizar com ele.
7º) Eliminar qualquer sugestão de medo junto ao doente para não estimular a ação do seu desafeto.
8º) Não fazer perguntas inúteis, afastar a curiosidade em torno do caso, no trato com os sofredores.
9º) Afastar comentários em torno da conversação desequilibrada das entidades infelizes. O que dizem não

apresenta interesse se não para estabelecer sintonia com eles.
10º) Não evidenciar nem atacar defeitos, intenções e maldades; não censurar ninguém.
11º) Perante palavras ásperas, mesmo ofensivas do comunicante, do paciente ou de familiares, evitar suscetibilidades, ressentimentos e irritações, que ampliam o poder das trevas.
12º) Procurar compreender a situação e controlar as emoções, permanecendo calmo e refletido, só pensando no bem a fazer aos que se enlearam nas cadeias do mal e agora sofrem.
13º) Durante as comunicações, controlar movimentos e palavras do obsessor, não permitindo insultos, nem gritos ou gestos agressivos.

14º) Incluir o trabalho como agente terapêutico, segundo as possibilidades e forças do doente. Ficar parado facilita o assédio ao castelo mental malguarnecido.
15º) Cuidar dos males físicos com remédios, higiene etc., pois não raramente, o organismo se ressente do destrambelho psíquico.
16º) Ensinar com bondade é valiosa contribuição, mas não se devem ignorar as necessidades materiais, como alimentos e roupas, caso haja.
17º) Suprimir, quanto possível, qualquer coisa que traga tristeza, desânimo, aflição e tensão, no curso do trabalho de desobsessão. Separar o enfermo de parentes difíceis, que originem conflitos etc.

18º) Procurar reeducar o paciente nos princípios da vida superior, em sessões de estudo, conforme já indicado.
19º) Socorrer movido só pela solidariedade e cooperação, sem nada exigir em troca.
20º) Não se mostrar ansioso pelos resultados imediatos ou sucesso do tratamento. Fazer o bem pelo bem, discreta e humildemente. Muitas vezes, o trabalho é apenas de sementeira, para uma colheita longínqua.
21º) Não fazer promessas de curas fáceis, antes se manifestar com fé sensata no poder divino. Não se comprometer com os familiares, visto ignorar como será o futuro. Prometer realizar o possível, conforme Deus permitir.
22º) Não atribuir a si mesmo, nem em pensamento, os benefícios que surgi-

rem, afetando desconhecer a ação invisível dos Benfeitores Espirituais.

23º) Cuidado com a vaidade e o orgulho; Eis aí os maiores obstáculos da elevação espiritual e os maiores motivos de queda. Sem humildade, nada feito.

24º) Em todas as fases, a prece é o grande medicamento para equilibrar o ambiente e acalmar as entidades obsessoras. Cada sessão começa e finaliza por uma oração ao Senhor e ao Mestre; dificuldades no seu trans curso também encontram na prece um recurso poderoso.

25º) Obs: É assim que Kardec, André Luiz e Emmanuel discorrem acerca de desobsessão."

E o assunto não se encerrara por aí, fora além, esclarecendo a ação dos espí-

ritos desencarnados no trabalho de desobsessão.

Ensina que, nesse trabalho, há uma imensa movimentação no espaço. Os operadores espirituais inspiram os irmãos encarnados doutrinadores, amparam os médiuns, trazem ao recinto outros espíritos cuja presença possa ser útil. Preparam quadros fluídicos sugeridos pelo doutrinador, que possam esclarecer o espírito sofredor, etc.

Enuncia: *“Excelente norma é começar o tratamento fazendo uma consulta ao mentor responsável pelo grupo, no sentido de conhecer as condições do doente, do obsessor e como agir no caso concreto”*.

Chama-nos a atenção para evitar, depois de cada sessão, comentários desairosos, reprovações, anedotas, etc., pois esses procedimentos podem reabrir antigas feridas e enfurecer entidades inferiores, ligando-as aos encarnados envolvidos.

Lembra que os espíritos doutrinados, freqüentemente, após as reuniões, acompanham os médiuns e doutrinadores para testar se realmente, na intimidade, fazem o que pregam ao público; daí há necessidade de as pessoas que se dedicam a esse serviço redobrarem a vigilância e a oração.

Finalmente, o pesquisador lembra que essa tarefa é importante para os espíritos necessitados de conhecimento e equilíbrio e que estão se preparando pa-

ra a reencarnação. Esses espíritos assistem às reuniões.

Os encarnados, por sua vez, colhem benefícios, defendendo-se de influências ocultas, livrando-se de antigos desafetos, ampliando o entendimento e conquistando amigos na espiritualidade superior.

9ª

REFLEXÃO

O trabalho de desobsessão foi apresentado dentro de uma visão abrangente e havia descido a detalhes e informações que normalmente sabemos, porém passam desapercebidos no nosso dia a dia nessas tarefas. Somos muitas vezes invigilantes em alguns pormenores que, se não inviabilizam todo o objetivo, complicam e prolongam a busca das soluções.

Às vezes, tão acostumados estamos em proceder de uma certa maneira em um determinado trabalho e nos identificamos tanto com uma forma de agir,

que não percebemos outras maneiras muito mais práticas, cômodas, eficazes, de atingir a mesma meta. Prendemo-nos quando muito a uma experiência bem sucedida e acomodamo-nos ao mesmo procedimento repetitivamente. Não paramos para pensar, para aperfeiçoar novos métodos. Como se toda a ação estivesse perfeita, completa, irretocável. Como se outros componentes, outras maneiras de ver, outros desdobramentos não pudessem incorporar aquela experiência, apesar de ela ser positiva.

Envolvidos que estamos no aglomerado de situações a resolver; nos mais diversos campos de atuação, acomodamo-nos ao realizado e desprezamos o que poderíamos construir. Não consideramos a fundamental necessidade da

busca da evolução através da meditação. Não paramos para recordar nossas experiências, até onde a mente consciente pode penetrar no passado, pois nesse passado estão as melhores lições para o desempenho no nosso presente futuro.

Os fatos vividos, as dores e alegrias, não foram frutos do acaso em nossa existência. Não vieram a nós de graça, sem nenhum custo. Foram exercícios, foram conscientizações de sabedoria. Foram elementos adquiridos com muito sacrifício, alguns pelos quais já pagamos um preço muito alto no passado, ou que ainda hoje nos esforçamos para liquidar a dívida contraída.

Tinha-me detido nessas divagações, e perguntava-me até que ponto explica-

ções sobre o trabalho de desobsessão influiria na minha evolução.

Indagava a mim mesmo se não estaria naquele momento querendo, como se diz aqui no Nordeste, “abraçar o mundo com as pernas”, “encher um pote com um balaio furado”. Procurei a resposta dentro de mim e não encontrei. De repente, saí bruscamente do mergulho na memória e fui como que arrastado para a realidade do mundo ao meu redor: um som muito ritmado, mundano, nostálgico, contagiante, chegou aos meus ouvidos. Som fundamentado, principalmente, em piano e percussão.

Era Martinho da Vila[30] cantando um samba do compositor Juninho Gerais, grande sucesso deste ano de 1995.

---

[30] MARTINHO DA VILA - Sambista e compositor brasileiro nascido em 12.02.1938 na cidade de Duas Barras no interior do Estado do Rio de Janeiro.

Falava das muitas mulheres que conhecera.

Eu saí da leitura de um livro espírita, profundo, como é **“Evolução Para o Terceiro Milênio** - Tratado psíquico para o homem moderno”, e era sugado para o mundo material, o mundo profano, o mundo do samba.

Martinho da Vila cantava, no seu estilo dengoso, no seu linguajar boêmio, pilantra, malandro, tão conhecido, admirado, querido do povo. Falava das muitas mulheres que conheceu: de todas as cores, de várias idades, do tipo carente, do tipo acanhada, vivida, solteira, casada, donzela, meretriz. Falava das mulheres do tipo: calada, do tipo, atrevida; confusas e desequilibradas; "mulheres-cabeça", mulheres de guerra e de paz. Todo tipo de mulher que passou

em sua vida de boemia. No fim, diz que encontrou a mulher ideal, a mulher procurada, seu amor verdadeiro, a que completou toda sua busca, a que lhe deu realmente felicidade, sua outra metade.

É para essa mulher, essa pessoa, esse seu afeto, que o compositor através de Martinho dedica o samba.

O samba é uma confissão de amor à sua musa.

Por um pequeno tempo indaguei-me por que aquela intromissão, aquelas palavras em forma de canção e ritmo vieram, em uma hora tão imprópria, interferir no que eu estava procurando e, então, compreendi que a resposta às minhas indagações estava ali.

Juninho Gerais, em sua busca de razões, ao compor aquele samba, volveu-se ao passado, analisou, concentrou-se

num aspecto particular da sua existência e conseguiu todo aquele manancial de elementos analisados, que faz parte do seu curriculum de vida.

Compreendi que aquela música, que me puxou para a realidade material, tinha um significado maior. O samba deu-me o impulso para eu também voltar ao passado. Para meditar na minha trajetória, dentro de um determinado campo de atuação. Esse aspecto, inicialmente, foi minha mediunidade, que também teve história e muitas recordações. E, como se houvesse uma programação no meu subconsciente, já previamente preparada para liberar as reminiscências, cronologicamente, dentro deste assunto, eu me lembrei do *"Velho Zumba"*. Foi meu primeiro contato consciente com a espiritualidade.

Eu tinha mais ou menos 13 anos de idade. Estávamos nos idos de 1947, em Recife.

O "Velho Zumba" era um mendigo diferente, muito querido de todos. Costumávamos citá-lo como mendigo-rico. Sempre bem trajado, limpo, pontual em suas visitas, tanto nos dias quanto nos horários. Estava sempre de suspensório, gravata borboleta, sapatos limpos, embora velhos. Mesmo com a roupa surrada, mantinha um ar de nobreza, realçado pela maneira de portar e movimentar a sua bengala.

Batia nas portas e ao sinal "*entre, seu Zumba!*", chegava, sentava, conversava, recebia seu auxílio e ia embora. Tinha sempre uma experiência a contar sobre qualquer assunto que se falasse e eu, com meus outros três irmãos mais

velhos, sentávamos ao seu lado para ouvir suas histórias. Costumávamos criar um problema a ser resolvido, falar sobre um trabalho qualquer, criar uma dificuldade, para que o bondoso velhinho contasse sua vivência, dizendo *“trabalhei tantos anos fazendo isto”* e narrar sempre um acontecimento naquele serviço.

Sem ele saber, eu anotava em um papel, quantos anos ele trabalhou em tal profissão. Pelas minhas anotações ele estaria com mais de 500 anos. O velhinho morreu. Muitos meses depois, à noite, estava deitado, preparando-me para dormir, quando um arrepio tomou conta de meu corpo. Um medo, um pavor envolveu-me. Encolhi-me na cama, cobri-me todo, coloquei o travesseiro sobre a cabeça, fechei os olhos com for-

ça, tremia muito. Ouvi seus passos junto de mim. Finalmente ele falou: *“Nilson... Está dormindo? Não tenha medo, sou eu, Zumba!”* _ Não pude falar. A língua “engrolou” na boca e ele continuou: *“Diga a Dona Bete que tenha cuidado na ponta da sola. Vou embora, Adeus”*. A sensação de pavor foi desaparecendo, tomei coragem, levantei-me, acendi todas as luzes e sai correndo para dormir com mamãe.

Mamãe chamava-se Elizabeth, Bete para os amigos. No outro dia, ela procurou as pessoas que tinham contato com o *“Velho Zumba”* e, sem citar o caso, indagou o que queria dizer *“ponta da sola”*. Uma senhora disse que Zumba costumava usar essa expressão, quando alguém ia dizer alguma coisa que não

devia. *“Ponta da Sola”* era ponta da língua.

O *“Velho Zumba”* não queria que sua ex-mulher soubesse da existência de um barraco em que ele morava, em um terreno cedido por terceiros por caridade, para ele viver enquanto vida tivesse. Estava buscando evitar problemas para as pessoas que caridosamente lhe ajudaram em vida.

Veio-me também à mente o ano de 1952, no Colégio Salesiano do Sagrado Coração - Recife. Eu cursava o 2º ano científico. Já me considerava passado em todas as matérias. Chegou o dia das provas orais de Física. Eu precisava de, no máximo, três pontos para não ir à segunda chamada, após as festas de fim de ano e que atrapalhava todo o gozo

das férias. Todavia, no dia marcado para as provas, o professor adoeceu e veio para substituí-lo um terceiro que tinha uma rixa consigo.

Esse professor substituto estava levando quase toda a turma à segunda época com perguntas intencionalmente confusas e intimidação psicológica. Apesar de minha situação ser boa, carecendo apenas de três pontos para passar direto, a dificuldade parecia-me ser tão grande quanto pretender oito ou dez. O homem estava colocando as notas dois, um e zero com a maior simplicidade e, quando colocava zero ainda aplicava um pontinho dentro, sorria sadicamente e desejava “Feliz Natal” com o maior cinismo. Meu número de chamada era o 36. Havia 40 questões na caixa para sorteio. Orei à Virgem Auxiliadora, minha

musa celestial, a quem sempre devotei uma fé inquebrantável. Pedi para, quando da minha vez, cair a 1ª questão. Enquanto os outros colegas eram argüidos, recapitulava a matéria não deixando passar nenhuma vírgula. O tempo ia correndo e, para minha alegria, nada da 1ª questão ser sorteada. Minha fé a cada momento aumentava mais. Porém, quando chegou a argüição do aluno nº 34, faltando apenas um para eu ser chamado, para o meu desespero o professor mandou colocar todas as papeletas já sorteadas novamente dentro da caixinha. Foi um banho de gelo em minhas esperanças. Eu rezei uma Ave Maria, apressado; implorei, pedi a Nossa Senhora para me atender. Supliquei, prometi ouvir missas em todos os sábados e domingos (pois nos outros dias já

assistia por obrigação, antes das aulas), prometi ser santo; enfim, tudo o que um garoto velhaco promete nessas horas de aperto. O professor chamou-me, sorteei o teste: _ 1º ponto. Empalideci, fiquei petrificado alguns instantes. O professor percebeu meu estado de nervos, esperou e finalmente começou a prova oral. Para não me dar nota 10, fez uma pergunta que, ao menos pela forma como foi feita, não constava da matéria. Tirei nota 8. Não paguei a promessa à minha Santa querida, como tantas outras promessas que até hoje estou devendo a Ela.

Os pensamentos levaram-me agora para o sertão do Rio Grande do Norte, ano de 1955. Trabalhava na seção de controle da Sanbra (Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S/A) e fazia auditoria na usina de descaroçamento

de algodão, na cidade de Acari. Era uma cidade pequena, sem infra-estrutura, sem hotel. A Sanbra mantinha alojamentos para atender a seus funcionários em viagem.

Eu, um rapazola com função de chefia; um candidato sério ao troféu da prepotência e da vaidade; escolhi para dormir o que me pareceu ser o melhor quarto de hóspedes. Esse quarto ficava no 1º andar. Meus companheiros de viagem contentaram-se com outros alojamentos no andar térreo. O quarto escolhido era amplo, tinha muitas janelas que podiam ficar abertas à noite toda para melhor ventilação, naquela cidade bastante quente e que não dispunha de luz elétrica após a meia-noite. As janelas eram imensas; maiores que as atuais portas de nossas casas urbanas. A pai-

sagem que se descortinava ao redor era belíssima, a ausência de poluição no ar ampliava o nosso campo visual. A vegetação do sertão tocava-me fundo, com seus contrastes entre a caatinga[31] seca e os umbuzeiros[32]. Opinei pela dormida em rede. À meia-noite o gerador da cidade foi desligado e alguns candeeiros iluminavam precariamente o casarão. Sentei na rede, fiz um sinal da cruz apresado sem nem mesmo meditar nas palavras e acomodei-me. Assim que começei a pegar no sono, a rede começou a balançar, como se alguém a esti-

---

[31]CAATINGA - tipo de vegetação característica do Nordeste brasileiro que alcança o N. de Minas Gerais e o Maranhão, formado por pequenas árvores, comumente espinhosas, que perdem as folhas no curso da longa estação seca.
[32]UMBUZEIRO (OU IMBUZEIRO) _ árvore muito copada (Spondia Tuberosa) própria da caatinga, de folhas penadas, flores minutas. As raízes têm grandes tubérculos reservadores de água, e os frutos (umbus) são bagas comestíveis, muito apreciadas.

vesse empurrando e eu não podia sair de dentro com facilidade. Uma risada terrificante bem ao meu ouvido fez-se ouvir. Um pavor enorme tomou conta de mim. Consegui me levantar, porém não tive coragem de sair no escuro procurando as portas que me levariam ao andar térreo, onde no mínimo, encontraria os colegas e, para me livrar da *"alma penada"*, passei a noite toda puxando conversa com o vigia que, para meu alívio, estava sentado em um tamborete justamente embaixo de minha janela.

Só vim descansar quando os primeiros raios do sol começaram a surgir. Pela manhã as pessoas perguntavam-me se eu dormira bem, como fora a minha noite, se nada acontecera. Todos aguardavam os relatos de mais um *"malassombro"*.

Diziam que foi uma velha mendiga que, muitos anos atrás, introduziu-se sem ninguém saber naquele quarto e foi encontrada morta.

E a ajuda que eu recebia da espiritualidade, sem me aperceber? Em 1959, com meus 25 anos de idade, ocupava interinamente a chefia de Custos e Estatísticas da Shell, na Região Norte e aguardava a minha efetivação. O escritório regional era sediado em Recife. Pesava, contra mim, o fato de ser bastante jovem para o cargo.

Com duas semanas na função chegaram, repentinamente, junto à minha mesa, o gerente regional e o gerente de pessoal da Shell no Brasil. Cumprimentaram-me e fizeram uma pergunta a queima roupa sobre uma determinada

modificação nos percentuais de aumento na folha de pagamento e quanto aquilo importaria, em números absolutos. O problema era tão confuso para ser respondido assim, de repente, que eu fiquei sem saber por onde começar.

Instintivamente, coloquei um número na máquina de calcular, acionei a tecla de divisão, parei a respiração enquanto a máquina Friden, moderníssima para a época, ia dirigindo número a número com aquela barulheira característica da computação mecânica dos anos 50. Quando ficou em silêncio, respondi: tanto (não me lembro quanto). Eles olharam um para o outro, surpresos. Era a importância que já tinham calculado. Agradeceram e foram embora. Acompanhei-os com o olhar. Comentavam baixinho alguma coisa, tenho certeza de

que era o resultado, por não terem entendido nada. Eu também não entendera. Passado o susto, com a cabeça mais tranqüila, em três ou quatro operações devidamente planejadas, pude chegar ao resultado que aqueles senhores estavam querendo. A minha resposta estava certa e isto me valeu a efetivação no cargo.

E as farras que fazia e no outro dia acordava em casa, sem saber como saira do estacionamento, como viera, como chegara? Ficava surpreso ao ver o carro estacionado na garagem, sem nenhum arranhão, como se alguém sóbrio o tivesse trazido. A garagem exigia muita perícia para entrar. Sobrava, de cada lado, nada mais que dois dedos. O veículo teria que entrar rigorosamente perpendicular ao portão. Era muito difícil essa

operação, pois a rua era estreita, dificultando ainda mais a tarefa.

E as coincidências das brigas nos clubes, dos confrontos corporais com outros rapazes nas festas aonde eu ia com os meus amigos sempre acontecerem após minha saída? Eu me constrangia só em admitir que meus companheiros pudessem pensar que eu fugia premeditadamente das confusões, negando-lhes solidariedade. Era um fato que chamava a atenção de todos. Era como se alguma pessoa me tirasse do recinto para eu não me envolver em encrenca. Isto acontecia comigo, só que eu não despertava para o significado mais amplo daquilo tudo e, embora comentasse por vários dias, não me dava conta das lições que recebera. Isto deve acontecer

também com grande parte das pessoas encarnadas, antes do despertar para as verdades que envolvem os mundos espiritual e material, nesse entrelaçamento de emoções que converge inevitavelmente para o aperfeiçoamento de todos os seres envolvidos.

Essas divagações, esse mergulho no meu passado, essas experiências mediúnicas, previamente identificadas, selecionadas no meu subconsciente, foram expedidas de lá, reeditadas para o meu conhecimento e, como obedecendo a uma ordem interior; livre e sem compromissos com minha razão; simplesmente aglomeraram-se e esconderam-se novamente, parecendo aguardar uma outra solicitação mental, para quem sabe, fazer parte de um contexto mais for-

te, que até então eu não sabia o objetivo.

Da mesma forma espontânea como surgiram, desapareceram e eu não fiz nenhuma força para retê-las em indagações. O livro abordava agora o *"Grande Problema Humano"*.

O grande instrutor do espiritualismo começava por opinar que nenhum ser humano pode dispensar a cooperação de outro. Falava das relações que ligam as pessoas na Sociedade. A interdependência dentro deste contexto, a influência que transmite e que recebe.

A necessidade do ser humano de adaptar-se desde pequenino ao comportamento que essa sociedade estabeleceu como sendo o melhor, no que diz respeito a valores, normas de vida, traços de caráter. São suas estas palavras:

“Desde o nascimento, a sociedade exerce pressão no sentido de que certos tipos de comportamento, admitidos como os melhores, sejam acatados. Ela define implicitamente os valores, normas de vida, traços de caráter, motivos, etc., que a criança deverá assimilar e robustecer para apresentar um comportamento razoável. Dada a ampla escala de potencialidades comportamentais que a criança exibe ao nascer, os padrões de conduta para ela aceitáveis variam, mas devem estar no âmbito dos padrões aceitos pela família e pelo grupo social”.

E prossegue: *“Ela poderá, e.g., ser agressiva ou branda, competitiva ou cooperativa, egoísta ou solidária, honesta ou desonesta, etc., mas, quando adulta, terá de seguir o rumo indicado*

pelo seu ambiente. Não conseguindo isto, não poderá assumir responsabilidades e nem ocupar o lugar, na sociedade, que os seus dotes indiquem; o indivíduo será, então, um desajustado ou inadaptado”.

Comenta que há pessoas cultas que estão convencidas de que os maiores males do ser humano procedem das falhas e dos vícios da sociedade, que consideram decadente e corrompida, esquecendo-se de que essa sociedade não é uma instituição independente, mas a reunião de todos os indivíduos que nela vivem e atuam, sendo conseqüentemente o retrato de seus componentes em tamanho maior. O Dr. Carlos não deixa, entretanto, de citar que numa mesma sociedade existem refúgios que se diferenciam do conjunto total. São, por e-

xemplo, casas de caridade, instituições religiosas onde se congregam elementos com sentimentos e ideais superiores à massa coletiva; espíritos ligados por afinidade a conceitos mais nobres. Faz referência a Einstein quando diz: "*Segundo Einstein, a essência da crise do mundo moderno reside nas relações entre o indivíduo e a sociedade" e "o único meio de encontrar significação na vida, diz o grande físico, é dedicar-se à sociedade", ou seja, desenvolver o sentimento social, conclusão a que chegaram outros cientistas, como Pasteur*[33] *e Sabin*[34] *e também grandes psicólogos como Adler e "Fromm".*

[33] LUÍS PASTEUR _célebre químico, biologista e acadêmico francês _ 1822-1895.

[34] ALBERT BRUCE SABIN _ médico cientista que criou a vacina oral contra a poliomielite _ 1906-1993.

Conceitua que a sociedade não pode mudar bruscamente por meio de leis drásticas e, portanto, o ser humano que pensa e tem livre-arbítrio é que precisa se modificar interiormente e por ser a cabeça da sociedade acarretará automaticamente a modificação.

Fala-nos do conceito capital e trabalho. Sua influência no comportamento humano, gerando a competitividade entre as pessoas, nem sempre bem conduzida para a utilidade social e satisfação pelo trabalho e sim, pela perseguição tão somente de vantagens e posições que atendam ao egocentrismo e ao orgulho.

Declara textualmente: *"Desse caráter competitivo da sociedade derivariam importantes influências deformantes sobre a personalidade humana: agres-*

sividade, conformidade, insatisfação, fadiga, falta de religiosidade, desintegração moral, falar constantemente, excesso de opiniões, carência de convicções, consumo exagerado de diversões, etc.”. E ainda: *“Muitos psicólogos e psiquiatras têm acentuado aflições, conflitos e desajustes que o espírito competitivo reinante no meio social, o qual leva a entronizar o sucesso e a abominar o insucesso, origina nos seres humanos”*.

Entra em análises profundas sobre o progresso no ser humano, seus problemas, sua liberdade, processo de individualização, a busca do equilíbrio. Explica parte do processo psíquico que envolve a Humanidade de nossos dias, suas particularidades e seus impulsos,

que eu resumi com suas próprias palavras e transcrevo abaixo:

"O progresso é produto do próprio trabalho, o espírito pode acelerar ou retardar o seu progresso e, com ele, a felicidade..."

"O preço da permanência em nível inferior é o desequilíbrio. Os tipos de progresso, intelectual e moral, raramente são proporcionais; demoram, para que atinjam proporção equivalente, pois, o primeiro recebe o máximo destaque e o segundo é simplesmente deixado ao arbítrio pessoal". E explica: *"Essa permanência ou estagnação deve-se ao predomínio de um impulso ou desejo, que tendo sido, anteriormente normal (proporcionado ao nível evolutivo), passa a ser anômalo quando o in-*

divíduo está apto a ocupar posição superior".

Como o indivíduo, embora com condição de ocupar posição superior, fica estagnado, *"o impulso pressiona cada vez mais para obter satisfação completa. Criam-se, então, novas necessidades, mórbidas (neuróticas), para cujo atendimento se desenvolvem impulsos compulsivos que o sujeito já não domina. Destes impulsos, o mais comum, deletério e persistente é o desejo de poder (domínio, prepotência), capaz de perdurar séculos e séculos a despeito das sanções da lei. Neste estado de compulsividade em que o espírito está submetido a forças superiores à sua vontade, idéias fixas, obcecantes, dominam-no. Não pode escapar de si mesmo e atrapalha a si próprio. Surgem necessida-*

des contraditórias que o arrastam a direções opostas e explodem, assim, conflitos duradouros".

Segundo Emmanuel, para vencer o conflito faz-se necessário o trabalho de auto-iluminação, que deve começar pelo autodomínio, disciplinando os sentimentos egoísticos, e pela luta para dominar as paixões. O conflito *"lembra alguém que se empenhasse em alijar de si mesmo o próprio cadáver, representado pelo passado culposo. Este conflito manifesta-se na área mental pelos desequilíbrios assinalados"*.

É essa a luta freqüente daquelas pessoas que, no caminho da evolução, já têm consciência de suas fraquezas, de seus defeitos e de suas virtudes, também. É essa autocobrança que está presente naqueles que já sentem a necessi-

dade primordial, inadiável de mudar, de enfrentar, em si mesmos, os pontos que ainda não estão inseridos dentro de um contexto satisfatório, segundo seus ângulos de visão. Os indivíduos são conscientes de que precisam se livrar dos vícios, paixões, agressividades, enfim, do egoísmo e seus derivados. É essa espécie de guerra em que, apesar de todo o desejo e empenho no policiamento de seus atos, o ser humano é freqüentemente traído por impulsos degenerados que saem do seu inconsciente, sem nenhum aviso, pegando-o de surpresa, transformando-o de anjo em demônio, em frações de segundos e deixando na pessoa, após a cessação de seus efeitos, a impressão dolorosa da angústia, da derrota, do fracasso e o desânimo para o enfrentamento das novas batalhas, tor-

nando-o introspectivo ou exaltado, azedo, magoado, colérico, agora não mais contra as outras pessoas e sim, consigo mesmo, por não poder vencer-se, por ter-se traído num procedimento negativo qualquer, contrário à sua maneira lógica de entender, que bem poderia ter sido evitado se tivesse se dominado, não dando vazão ao impulso interior que o pegou desprevenido.

10ª

REFLEXÃO

Iniciava-se o capítulo 8º - Noção de Moral com uma explanação sobre as várias maneiras de conceber e definir a moral, onde o cientista espírita afirmava

que milhares de pensadores, desde Sócrates, dedicaram-se a esclarecer o assunto. Opinava que são tantos os sistemas, cada um refletindo a natureza de seu autor, que, geralmente, o estudioso que ainda não estabeleceu seu próprio rumo fica confundido na procura do caminho para o auto-esclarecimento, a não ser que se contente simplesmente a permanecer no plano de conhecimento intelectual.

São do Dr. Carlos Toledo estas palavras: *"Princípios e regras morais desacompanhados dos sentimentos correspondentes são meras elaborações intelectuais ideais, mas inoperantes"*.

Ainda continua por muitas páginas falando sobre nível ético, conceito moral, origem da moral, distinção entre a moral e questões afins. A obrigação

moral e a importância da moral, enfim, uma abordagem completa sobre Noção de Moral.

Versa no capítulo 9º a introdução ao conhecimento da Doutrina Ético-Religiosa do Evangelho. Fala sobre Sócrates e o compara com Jesus, põe em destaque a natureza da doutrina, base da doutrina, objetivo da doutrina, a doutrina evangélica, a missão de Jesus, opiniões valiosas de Mahatma Gandhi[35] e Albert Einstein[36].

Finalmente no capítulo 10º, Princípios Básicos Usados neste Livro, o Dr. Carlos Toledo diz textualmente: "*Dada à heterogeneidade da espécie humana, nada pode ser oferecido a todos. Ne-*

---

[35]MAHATMA GANDHI - Patriota e filósofo da Índia - 1869-1948;
[36]ALBERT EINSTEIN - Matemático e Filósofo alemão- 1879-1955.

nhum pensador seja literato ou cientista, nenhum artista, seja qual for à forma de arte, poderá pretender compreensão geral. Tão-somente àqueles que aceitarem os princípios abaixo enunciados, este livro é dirigido".

Seguem-se quarenta enunciados, que eu instintivamente, passei vista por cima e logo compreendi terem sido as premissas de interpretação do autor. Desses princípios básicos de raciocínio surgiram, a farta orientação, pareceres e respostas contidos no livro.

Eu, a esta altura dos acontecimentos, já vivendo as emanações do Natal de 1995, saciado em parte da minha sede de aprendizado, cheio de planos para minha melhoria espiritual (como quase a totalidade das pessoas nessa época), paradoxalmente estava me furtando a

continuar a leitura; tomado que fui de uma preguiça, não só física como mental. Um impulso milenar estava vindo à tona, dominando-me, levando-me novamente para aquele chavão tão antigo, de que já sabia de tudo. Mas desta vez eu venci e lentamente, indolentemente, comecei a escrever, com as próprias palavras do autor, apenas reduzindo em alguns trechos os quarenta princípios básicos abaixo enunciados:

1º) Deus é a inteligência suprema, criador do universo e de todos os seres vivos.

2º) Deus, acima de tudo justo, governa o Universo por intermédio de princípios imutáveis e perfeitos, conhecidos

coletivamente como a Lei de Deus, ou Lei Divina.

3º) Todos os seres humanos são irmãos perante o Pai Celestial e a Lei é integralmente uma só para todos (1 e 2). Desrespeitar o semelhante é faltar com o devido respeito a Deus.

4º) O homem é constituído de um corpo material transitório e de um espírito, independente da matéria e no qual residem a inteligência e a moralidade. O laço que os une é o perispírito ou corpo fluídico do espírito.

5º) Matéria e espírito são dois elementos multiformes da Natureza, de cujas interações resultam múltiplos fenômenos naturais.

6º) Seres do mundo material e espiritual mantêm estreito contato, pois o homem também é espírito e influenciam-se reciprocamente.

7º) Além das comunicações inaparentes (6), os espíritos comumente manifestam-se ostensivamente perante o homem. Fazem-no por meio de um instrumento humano dito médium, portador da faculdade conhecida como mediunidade.

8º) Discernem-se espíritos superiores de espíritos inferiores pela elevação dos conceitos, correção da linguagem e das atitudes, amor à verdade, ausência de paixões, bondade no trato e interesse pelo bem alheio.

9º) O sonho é a recordação, geralmente parcial, incompleta ou confusa, da atividade noturna do espírito liberto pelo sono (6).

10º) O espírito humano sobrevive à morte do corpo, conservando a personalidade qual era antes e preexiste ao nascimento do corpo.

11º) O destino, desgraçado ou feliz, da alma depois da morte depende do bem ou do mal praticados durante a vida terrena.

12º) O livre-arbítrio é um dos artigos da Lei Divina. Todavia, a liberdade existe antes de agir; emitido o pensamento ou lançada a ação, já não existe, pois o espírito não pode sus-

pender a reação (11) e terá de enfrentá-la, boa ou má.

13º) A fatalidade, na vida corpórea, é aparente, visto decorrer do exercício do livre-arbítrio na vida espiritual, quando da escolha, pelo espírito livre, sendo lúcido das provas e situações que terá de atravessar na terra como ser humano.

14º) O limite natural da liberdade de um homem é o ponto onde começa a liberdade de outro.

15º) O princípio central da Lei de Deus é a evolução ou transformação contínua ao longo do tempo, no sentido de progresso cada vez maior.

16º) Os espíritos, a princípio simples e ignorantes vão-se desenvolvendo intelectual e moralmente (15) e, graças ao livre arbítrio (12), cada vez mais podem escolher (13) a direção do seu desenvolvimento.

17º) A rapidez desse aperfeiçoamento está na dependência do esforço pessoal. Quanto maior a boa vontade e a atividade que o espírito usa, tanto mais depressa ascende ele na categoria espiritual.

18º) O corpo (4) é o instrumento do espírito que se manifesta e atua nos mundos materiais por meio dele. Logo o segundo modela o primeiro conforme suas características e necessidades evolutivas.

19º) A encarnação (18) é indispensável ao espírito, pois o progresso deste processa-se por assimilação de experiências bem vividas.

20º) Duas são as vias de progresso espiritual: inteligência e sentimento ou conhecimento e bondade, etc. O desenvolvimento intelectual precisa necessariamente acompanhar-se de desenvolvimento moral, devendo haver equilíbrio final entre os dois.

21º) Segue-se que uma existência terrena pode, simplesmente ter como objetivo a aquisição de valores novos; daí as provas às quais somos submetidos de quando em quando, porquanto, a tentação revela o que so-

mos; vencida esta e superada a prova, mais um passo terá sido dado na senha evolutiva. Poderá também ser apenas missão, isto é, destinar-se a auxiliar outros. Todavia, em face dos contínuos erros e faltas, derivados das usuais imperfeições dos espíritos, em geral reconhece como meta reparações e expiações: por outras palavras, cobranças de débitos anteriores, pela Lei (2) através do princípio de causa e efeito (11 e 12).

22º) Uma só vida, muitas vezes curta, é um segundo na vida do Espírito eterno e nela não é possível adquirir e aprimorar todas as qualidades intelectuais e morais necessárias à perfeição (16). Logo, muitas vidas su-

cessivas e logicamente encadeadas fazem-se mister.

23º) *Em cada existência traz o espírito em forma de aptidões e inclinações, todas as suas conquistas intelectuais e morais, bem como as imperfeições e vícios de que ainda não pôde se livrar. Justamente isto é que deve constituir sua preocupação máxima e será a razão das novas situações e trabalhos a superar.*

24º) *O mal é produto da inferioridade dos espíritos encarnados num mundo qualquer e condição do progresso destes, porquanto eles punem-se a si mesmo, em vista de não concederem paz uns aos outros.*

25º) Ainda assim, os piores inimigos do ser humano residem dentro dele mesmo; egoísmo, orgulho, hostilidade, prepotência, ignorância e sensualidade. Tais elementos de ligação com a natureza animal, da qual ele procede por evolução (15), têm de ser substituídos pelos contrários, que o aproximarão da natureza espiritual.

26º) Se empregar mal uma existência (27) nenhum adiantamento conseguindo por inércia ou revolta, um dia, distante e penosamente alcançado, terá de recomeçar em condições mais árduas.

27º) Pode o espírito estagnar, por indolência ou rebeldia, numa dada posi-

ção por longo prazo; mas nunca retrogradar ou involuir _ porque as aquisições são definitivas e a marcha ascensional, progressiva.

28º Não há número marcado de vidas (26): é o esforço produtivo ou o desinteresse pelo próprio destino que o encurta ou dilata. A Misericórdia Divina concede sempre novas oportunidades, pois Deus, sendo perfeito, não pretende se descartar de suas criaturas, que foram criadas perfectíveis.

29º) Origina-se o sofrimento (dor, "desgraça", moléstia) moral e físico, da transgressão dos limites impostos à liberdade pela Lei (14). Instado, representa recurso retificador (28),

tendo por função reconduzir o ser ao âmbito da Lei, onde residem paz e felicidade relativas ao grau de adiantamento.

30º) Após a desencarnação, não há tribunal nem juízes para condenar (11) o espírito, ainda o mais culpado. Fica ele simplesmente diante da própria consciência, nu perante si mesmo e todos os demais _ pois nada pode ser escondido no mundo espiritual, tendo o indivíduo de enfrentar suas próprias criações mentais.

31º) Inumeráveis são os níveis ou posições evolutivas. A evolução é individual, visto depender em parte do esforço despendido nesse sentido. Portanto variam enormemente os homens, havendo os muitos atrasados e

os bastante adiantados; porém a maioria ocupa um nível médio geral.

32º) Num dado momento, havendo o espírito esgotado todo o progresso que o ambiente permite, passa ele a outro mundo mais elevado. Aqui prossegue em novas sendas evolutivas e assim até superar todos os orbes materiais na escala do progresso. De então em diante, só encarnará em raras missões para fazer avançar humanidades necessitadas de mudanças. Chega, neste rumo, a ser um Messias ou Cristo enviado por Deus para o governo de mundos onde espíritos inferiores lutam no caminho que vai da animalidade à espiritualidade, da humanidade ao angelical.

33º) Espíritos de condição evolutiva, tão baixa, quanto os da Terra, não seriam capazes de sozinhos, alçarem-se tão alto (32). Por isso, é-lhes concedido um guia espiritual (“anjo da guarda”), na forma de um irmão mais evoluído, que os orienta para o alto. Felizes daqueles que ouvem seus conselhos, dados em forma de inspiração, durante a vigília e diretamente no curso da libertação pelo sono (6).

34º) Jesus é um dos filhos de Deus que, há um tempo incalculável, atingiu a perfeição. É, conseqüentemente, nosso irmão, segundo nó-lo declarou formalmente em pessoa, no Evangelho.

35º) Foi distinguido por Deus com o governo da Terra (32). Logo, é o nosso Guia Supremo ou, como ele mesmo o disse, o Mestre. A Ele, coube presidir a formação do planeta e orientar o curso da evolução material e espiritual.

36º) Em certo momento, veio pessoalmente ao orbe trazer, de viva voz, os ensinamentos éticos e religiosos, que com os seus atos constituem o Evangelho.

37º) Dada à universalidade e generalidade dos princípios enunciados por Jesus, o Evangelho deve ser definido como código divino que rege a evolução espiritual (15) em todos os planos de Universo.

38º) Conclui-se que, sendo uma tendência evolutiva universal, a vivência evangélica é absolutamente indispensável ao progresso espiritual quando o ser humano sente-se intimamente impelido a buscar rumo acima das cogitações puramente materiais.

39º) A convicção não se impõe. A liberdade de consciência é um direito natural. A fé lúcida promana do livre exame pela razão daquilo que o espírito pode aceitar, segundo seu grau ou amplitude de compreensão.

40º) A noção de que tudo evolui é a chave da compreensão (15) de qualquer coisa acessível à nossa perquirição. A própria verdade é progres-

sivamente descoberta e aprimorada, conforme a índole do método científico de obter conhecimento, e não revelada de uma vez para sempre, de forma definitiva. Segue-se que não existem verdades completamente elaboradas e sim, parciais, em consonância com a capacidade humana de entender o que está ao alcance do espírito. À medida que este amadurece, ao longo do tempo, cresce a fração de verdade que pode absorver e assimilar."

Tinha acabado de ler as 296 páginas do livro **Evolução Para o Terceiro Milênio** e até a última frase, sempre uma grata lição.

De minha parte, o trabalho de escrever **O Livro Que Li** estava quase ter-

minado. Comecei a escrever este volume em 23.11.1994, aproveitando as horas vagas e terminei em 23.12.95, treze meses depois. Tinha começado a redigí-lo, apenas na intenção de deixar para outras pessoas, principalmente meus amigos, a seleção dos grifos que fizera no próprio livro do Dr. Toledo, nos assuntos e conceitos que me tocaram profundamente; ao mesmo tempo recomendando a cada um deles a leitura da obra. Viajei pelas letras em busca da maneira, da senha para minha evolução.

Em alguns momentos pensei encontrá-la, em outros julguei estar correndo atrás de uma utopia. Convivi com novos vocabulários, conceitos, autores, cientistas, filósofos. Nomes simples, fáceis de gravar e nomes difíceis de ler e mais ainda, de pronunciar. Mergulhei no in-

consciente, analisei princípios e até dei opinião. E, como eu disse no começo deste livro _ na busca de soluções para os processos exteriores de minha vida, ainda não compreendidos, procurei entender os processos interiores em andamento.

Agora eu acabara de encontrar a chave, na rememoração de todos os meus atos passados. Repassei integralmente as lições de vida que me foram ofertadas. Recordei as matérias em que atingi boas notas, as em que fui apenas razoável no aprendizado, as em que fui mais uma vez reprovado. De todas essas provas porque passei, tive conhecimento da existência de gravações em todos os detalhes, editadas dentro de mim mesmo; onde acertei e onde errei, para que eu possa, pelas experiências acumu-

ladas, guiar-me nos acertos que terei que fazer algum dia, em algum lugar.

Achei a chave da evolução, repassando um pensamento da minha mãe espiritual, Sara: _“*Quem não caminha mentalmente*, *para trás*, *todos os dias*, *corre o risco de não andar em frente um só instante*”.

Tomado de uma grande alegria, recitei bem alto o poema **Percepção,** recebido psicograficamente do mentor espiritual Amaro, no Dia de Natal de 1976 e que parecia ter sido feito antecipadamente, para comemorar a esperança que nasceria mais uma vez em mim, no Natal do ano de 1995, dezenove anos após.

Dia de Natal...Praia do Janga.

Acordei como se houvesse nascido naquele momento. Um fogo interior, temperamental, quente, muito quente, ardia na garganta de minh'alma que, vibrando em força, em luz, em amor, implorava a mim, sair correndo pelo mundo, driblando a vida, enganando a mentira, ferindo a verdade.

Meu cérebro lúcido como jamais fora, levantou o véu da ignorância. Eu era um deus, um anjo, um homem.

Um raio de sol penetrou pela janela, refletindo-se no espelho do quarto. Deu-me uma dimensão maior das imagens projetadas. Pude perceber a luz do som, o som da luz, a palavra do silêncio,

o silêncio do grito, o brilho da escuridão, a harmonia do contraste; o belo, o feio, a vida, a morte... O amor.

Reverenciei os marginalizados. Fitei o alto, olhando para baixo e, na planície azul do mar, sob a música do vento, os aplausos dos coqueiros, os clarins de minha vontade: abri a porta do mundo, respirei a luta, pisei o ar, ergui a taça da esperança, bebi a vida, brindando ao Rei.

***

BIBIOGRAFIA

1 **Evolução Para o Terceiro Milênio.**

Rizzini, Carlos Toledo _ 1980.

2 **Curso Profissional de Filmagens**.
Acioli, Ronaldo _ 1991.

3 **Dicionário das Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Culturais.**
Correia, M.P. _ 1926.

4 **Jornal Tecnologia**.
Recife/PE - Ano I. - Nº3.
Maio/1993.

5 **Revista Vip _ Information**.
Editora Visa - Recife -PE.
Abril/maio _ 1991.

6 **O Bom Combate**.
Sobreira, Elias _ 1986.

7 Plantas do Nordeste, Especialmente do Ceará.

Braga, Rômulo - 1960.

S U M Á R I O

Renovação dos valores espirituais, intercâmbio espiritual, noção de dever e responsabilidade, sintonia vibratória, perispírito, desdobramento, materialização.

4ª REFLEXÃO.
Corpo, perispírito, fluidos, telergia, sintonia vibratória.

5ª REFLEXÃO.
Atividade noturna do espírito, sonhos, mediunidade, médiuns e conceitos.

6ª REFLEXÃO.
Encarnação, desencarnação, determinismo, livre arbítrio.

7ª REFLEXÃO.

Lei de causa e efeito, ação da Lei nos desvios de rumo, desencarne, equilíbrios e enfermidades, impulsos.

8ª REFLEXÃO.
Moléstias mentais, tratamento da desobsessão, normas fundamentais da desobsessão.

9ª REFLEXÃO.
Experiências mediúnicas, renovação mental.

10ª REFLEXÃO.
Princípios básicos usados pelo Dr. Carlos Toledo Rizzini.

***

Dê sua opinião sobre o assunto
Envie e-mail para
Livrosara@gmail.com
Comunique-se com o autor.